

AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES

ABBIGLINES

Para sempre
MINHA





Para sempre
MINHA



O Arqueiro



GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



ABBI GLINES

Para sempre

MINHA



Título original: *You Were Mine*



Copyright © 2014 by Abbi Glines
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicação feita mediante acordo com a editora original, Atria Books, divisão da Simon & Schuster, Inc.

tradução: Cássia Zanon *preparo de originais:* Victor Almeida *revisão:* André Marinho e Carolina Rodrigues *diagramação:*

Abreu's System *capa:* DuatDesign *imagem de capa:* Stephen Carroll/ Arcangel Images *adaptação para e-book:* Marcelo

Moraes CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G476p

Glines, Abbi

Para sempre minha [recurso eletrônico]/ Abbi Glines; tradução de Cássia Zanon. São Paulo: Arqueiro, 2016.

recurso digital

Tradução de: *You were mine*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-578-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia. II. Título.

16-32713

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*A todos os leitores que já perderam uma pessoa amada.
Que seus corações encontrem a paz por meio do amor incondicional.*

Prólogo

Tripp

Todo mundo tem um momento decisivo na vida. Eu já tive esse momento, e ele tem me perseguido desde então. A vida é assim mesmo. Ou você encontra a estrada certa para a felicidade ou lamenta cada passo. No meu caso, não sei qual estrada teria sido a melhor, porque, entre as alternativas, nenhuma incluía *ela*.

Eu era jovem e tinha medo. Medo de ser obrigado a ser alguém que eu não queria ser. Medo de fazer a escolha errada. Medo de deixá-la. Acima de tudo, tinha medo de perdê-la.

O que houve com ela é meu maior arrependimento. Abandoná-la mudou minha vida. No momento em que subi na minha moto e saí de Rosemary Beach, deixei para trás a verdadeira felicidade. Passei apenas um verão com Bethy, três meses que me mudaram para sempre. E eu também mudei a vida dela, de uma forma pela qual nunca vou me perdoar.

Ela ficou desiludida. E tão distante que eu já não podia alcançá-la.

Vê-la sofrer partiu meu coração. Perder meu primo Jace foi muito doloroso para nós. Ele sempre estará comigo. Nunca vou me esquecer de sua risada e da maneira como ele amava a vida. Jace não conhecia o meu mundo de dor. Escolheu seu caminho e seguiu em frente. Ele era o melhor. E eu me afastei para que ele ficasse com ela.

Ela merecia o melhor.

De repente ele não estava mais aqui e nossos mundos estavam virados de cabeça para baixo. Porque eu já não conseguia ficar longe, e não havia ninguém para protegê-la, e ela não deixava que eu me aproximasse. Não me deixava corrigir o passado. Eu tinha destruído qualquer esperança quando fui embora e a deixei sem opção além de ficar com Jace.

Se ao menos eu pudesse abraçar a solidão e aceitar isso. Mas não consegui. Não depois que vi seu rosto, tão lindo e tão distante. Ela precisava tanto de mim quanto eu dela. Nossa história não havia terminado. Jamais terminaria. Se eu tivesse que ficar ali e cuidar dela, mesmo que ela não quisesse, eu ficaria. Pelo resto da minha vida. Ficaria exatamente ali, garantindo que minha Bethy estaria bem.

Tripp

Oito anos antes

Não era apenas mais um verão. Era meu último verão em Rosemary Beach. Eu já sentia a presença sufocante dos planos de meu pai para mim. Ele estava certo de que eu partiria para Yale no outono. Eu seria aceito, é lógico, graças aos seus contatos. Ele me obrigaria a participar de uma visita pelo campus e, uma vez lá, me forçaria a me matricular. “Ninguém recusa Yale.” Não havia outro assunto para o meu pai. Yale isso, Yale aquilo. Maldita Yale.

Eu queria estar na minha Harley. Queria outra tatuagem. Queria sentir o vento no cabelo e não ter lugar para ir. Isso era liberdade. Antes de o verão terminar, eu ia cair fora sem avisar ninguém. Deixaria para trás o dinheiro e o poder dos Newarks e encontraria o meu próprio caminho. Aquele não era o meu mundo. Eu jamais me encaixaria ali.

– Oi, querido, não vi você chegar – disse London Winchester enquanto passava os braços em torno do meu pescoço.

Este era outro motivo para eu ir embora daquela merda: London. Minha mãe já estava planejando o nosso casamento. O fato de eu ter terminado com ela no mês anterior não fazia a menor diferença. London e nossas mães acreditavam que eu só estava passando por uma fase. Minha mãe dizia que estava tudo bem se eu caísse na gandaia durante o verão. London teria paciência.

– Cadê o Rush? – perguntei, olhando a casa cheia de gente.

Rush Finlay estava dando outra festa. Ou seja, a mãe e a irmã caçula dele, Nan, deviam estar viajando. Rush era o dono da casa. O pai dele era o baterista da lendária banda de rock Slacker Demon. A mãe e a irmã aproveitavam toda a grana de Rush. Nan era filha de outro pai, que também era ausente.

– Lá fora, na piscina. Quer que eu o acompanhe? – perguntou London docemente.

Aquele tom era tão falso que chegava a ser ridículo. A garota era venenosa.

– Posso encontrá-lo sozinho – respondi, me livrando dela sem olhar para trás.

– Sério? É assim que vai ser? Eu não vou ficar esperando por você para sempre, Tripp Newark! – gritou London.

– Ótimo – respondi calmamente por cima do ombro, indo para o meio da galera.

Tínhamos ficado juntos por dois anos. Ela era uma boa trepada, e cheguei a pensar que talvez fosse mesmo a mulher para mim. Até compreender que não a amava. Simplesmente a tolerava. Quando encarei os fatos, percebi que a mantinha por perto para agradar meus pais. Mas estava farto daquilo. Estava cansado de agradar meus pais.

– Tripp! – Woods Kerrington me chamou. Uma roda de garotas o cercava.

Segurando o riso, me aproximei dele.

– O que está rolando de bom?

– Por enquanto, nada. Mas, com sorte, vai rolar em breve lá no meu quarto.

Eu tive que rir da resposta.

– Jace está lá fora com Rush e Grant se estiver procurando por ele.

– Obrigado.

Jace era meu primo mais novo. Woods era o melhor amigo dele. Os dois faziam parte da minha vida desde sempre. Contornando a galera, eu me dirigi à porta dos fundos.

– Para com isso. Eu disse não, Jonathon. Não estou a fim.

Parei. Aquilo não parecia bom.

– Eu trouxe você para cá esta noite e não vou receber nem um agradecimento por isso?

O cara estava irritado e parecia um idiota. A garota não respondeu. Continuei parado do lado de fora da cozinha. Reconheci o tal de Jonathon com quem a garota estava falando. Era instrutor de tênis no country club Kerrington, que era propriedade da família do Wood. Todo mundo sabia que ele era um babaca e que havia comido a maioria das mulheres da cidade. Se ele tentasse se aproveitar daquela garota, eu faria questão de botá-lo no olho da rua.

– Eu só... Eu não sabia... Eu quero sair daqui.

Percebi naquele fiapo de voz que ela estava com medo.

– Ah, nem vem com esse papo, sua vadia. Não me interessa que você seja gostosa, não vou ficar aturando essa merda. Você pode encontrar a saída sozinha – rosnou Jonathon.

Caminhei em direção à porta quando o cara se mandou por ali. Cretino de merda.

Empurrei ele de volta para a cozinha. Eu o obrigaria a se desculpar por agir feito um idiota antes de botá-lo para fora. Duvido que Rush soubesse que ele estava ali. Jonathon não fazia parte do nosso grupo de amigos. No entanto, entre as mulheres que ele havia comido, estavam algumas de nossas mães.

Estava na hora de ele aprender uma coisinha. Alguém deveria ter instruído a pobrezinha a não se meter com funcionários do clube. Talvez isso lhe servisse de lição.

– Que merda é essa? – gritou ele, e seus olhos se arregalaram quando percebeu quem eu era. Meu pai era da direção do Kerrington Club. Se eu quisesse, ele seria demitido com apenas uma palavra.

– Era o que estava me perguntando, Jonathon. Que merda é essa? O que você está fazendo na casa do Finlay e por que está tratando essa garota assim? Ela é muito novinha para você? Sei que você prefere as quarentonas...

Eu queria vê-lo na rua. Um passo em falso era tudo de que eu precisava para que ele fosse demitido, sem dó nem piedade.

– Eu não... quero dizer, eu fui convidado. Recebi um convite. Ela é só a sobrinha de uma mulher que trabalha no clube. Ela não é ninguém.

Olhando para a garota, eu a reconheci pelos enormes olhos castanhos. Era Bethy, sobrinha de Darla. Eu já a havia visto antes. Caramba, era difícil não notá-la. Seus seios eram perfeitos, mas o rosto doce e o olhar inocente me deixaram na minha. Além disso, Darla era assustadora. Ela cuidava do departamento pessoal do clube e estava lá desde sempre.

– Bethy, não é? – perguntei. Seus olhos ficaram ainda maiores quando ela assentiu. – Esse cara é um otário. Você não devia confiar nele. Preste atenção antes de aceitar convites de estranhos.

– Você conhece ela? – perguntou Jonathon, incrédulo, como se ela fosse muito inferior para que eu a notasse.

Aquele merda estava acabando com a minha paciência.

– Sim. Conheço a tia dela. A mulher que contratou você, seu infeliz. Como será que ela reagiria se soubesse que você chateou a sobrinha dela?

O medo de Jonathon era óbvio. Ele tinha uma boa boca no clube e não ia querer perdê-la.

– Vá embora e não volte aqui. Se o Finlay souber disso, você vai receber bem mais que uma advertência. Ele vai arrebentar você. Ele gosta da Darla. Todos nós gostamos. Fique bem longe da sobrinha dela.

Jonathon se voltou para Bethy. Tinha um brilho furioso nos olhos. Ela recuou um pouco

mais, aumentando a distância dele, até que suas costas encontraram a parede. O otário a estava assustando.

Eu me coloquei entre os dois e o encarei.

– Saia daqui agora.

Percebi que ele estava se esforçando ao máximo para manter a boca fechada. Fiquei observando enquanto ele resmungava e saía da cozinha.

– Não pare até sair desta propriedade – gritei.

Quando ele desapareceu, eu me virei para Bethy. Ela parecia muito nervosa. Eu havia botado o idiota para fora. Por que ela estava preocupada?

– Tudo bem? – perguntei.

Ela mordeu o lábio inferior e franziu a testa.

– Eu, hum, não sei.

Ela não sabia? Não consegui evitar uma risada. Bethy era uma gracinha, mas muito jovem.

– Por que não sabe? – perguntei.

Curti a maneira como ela falava. Tinha a voz rouca, mas doce. Ela soltou um pequeno suspiro e olhou para o chão.

– Ele era minha carona. Eu não moro perto daqui.

Como se eu fosse deixá-la voltar ao carro daquele desgraçado. Ele devia ser uns quatro anos mais velho do que ela. Era mais velho que eu.

– Eu dou uma carona para você. Pode confiar em mim. Mas fique longe do Jonathon. Ele é velho demais para você. O cara iria para a cadeia se tocasse em você.

Ela levantou o olhar para mim.

– Eu tenho quase 17 anos – disse ela, como se isso já fosse idade suficiente, embora ela fosse um pouco mais velha do que eu esperava.

Era muito expressiva. Gostei disso. Não tentava aumentar os cílios ou pintar os lábios para parecer sexy. Ela era natural. Havia quanto tempo eu não andava com uma garota assim? Por outro lado, era muito novinha e havia sido criada num mundo muito diferente do meu.

– Certo. Mas ele tem quase 20. Não devia ter se aproximado de você.

Ela pareceu murchar, mas assentiu. Não queria ficar com ele, queria? Que merda, o que Darla estava ensinando para aquela garota?

– Desculpe por ter posto o cara para fora, mas ele estava tratando você mal.

Uma covinha apareceu na bochecha dela.

– Ah, não peça desculpas por isso. Ele queria me levar para um quarto e...

Ela se calou. Não precisava explicar. Eu sabia muito bem o que ele queria fazer no quarto com ela.

– Vamos lá. Vou levar você de volta para casa.

Bethy

Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!

Tripp Newark estava falando comigo! Estava realmente olhando para mim e falando comigo! Estava difícil respirar. Quando ele empurrou Jonathon de volta para a cozinha, parecendo um anjo vingador, meu coração começou a disparar.

Ele era o homem mais bonito que eu já tinha visto na vida. Eu tinha apenas 10 anos quando o vi pela primeira vez no clube. Estava tentando carregar a bandeja de bebidas para a tia Darla, porque ela estava brava comigo por ter corrido do lado de fora, na frente dos membros do clube, em vez de ficar sentada em seu escritório. Achei que, se ajudasse, ela ficaria contente outra vez.

O problema é que eu não conseguia carregar as caixas das bebidas porque eram muito pesadas. Assim, carreguei quatro bebidas por vez do refrigerador até a bandeja. Estava muito calor do lado de fora. Minutos depois, já estava exausta e acabei tropeçando em um degrau, derrubando todas as garrafas de cerveja. Os cacos se espalharam por todo lado.

Eu tive certeza de que tia Darla nunca me deixaria voltar e ficar lá com ela. Eu continuaria presa com a velha vizinha fedorenta no apartamento ao lado, que gritava o tempo todo comigo enquanto papai estava trabalhando.

Tripp estava passando por ali e viu minha bagunça. Sem falar nada, começou a limpar tudo. Eu fiquei ali, impressionada com sua bermuda cáqui e a camisa polo branca. Parecia um modelo de revista. Quando ele me olhou e piscou o olho, meu coraçãozinho de 10 anos de idade se perdeu.

Aquela tinha sido nossa última interação, apesar de eu ter observado ele de longe por todos esses anos. Ele era o homem dos meus sonhos. E agora estava ali, me salvando.

Fui atrás dele. Quando Tripp viu aquela gente toda reunida na sala, pegou a minha mão. Tripp Montgomery Newark estava segurando minha mão. Se eu morresse hoje, estaria tudo bem. Minha vida já estava completa.

Ele abriu caminho no meio do pessoal, de mãos dadas comigo. Alguns chamaram seu nome e muitos olharam curiosos quando o viram me puxando atrás de si. Não sabia o que fazer com aquela atenção. Eram pessoas que eu havia passado a vida inteira observando, mas eles jamais repararam em mim.

– O que você está fazendo? – perguntou London, horrorizada, assim que a gente se desvencilhou daquelas pessoas.

Aquilo não era nada bom. Tripp e London eram um casal havia anos. Todo mundo sabia disso. Quando soube que ele terminou com London, sorri feito uma idiota por uma semana. O que foi mesmo uma bobeira da minha parte. Não havia chance de Tripp perceber que eu existia, mesmo agora que London estava fora da jogada.

– Indo embora – respondeu Tripp, sem olhar para ela.

– Você está indo embora com ela? – perguntou London, ainda mais horrorizada.

Tripp soltou a minha mão e abriu a porta da frente.

– Sim.

– Quem é ela? – perguntou London, parecendo furiosa.

– Não é da sua conta – respondeu ele. – Vamos, linda.

Ele estava me chamando de linda. Eu estava seriamente perto de um desmaio. Ali mesmo, naquele chão de mármore.

– Tripp, não saia por essa porta! – advertiu London.

Tripp não esboçou uma reação. Em vez disso, me deu passagem, antes que London decidisse se jogar em cima de mim.

– Não dê bola para ela – sussurrou ele.

Era como se tivéssemos um segredo. Estremeci. Ele fechou a porta na cara de London, que falava sem parar, e soltou um suspiro de alívio.

– Como ela é chata!

Ele não parecia um homem preocupado com a separação. Isso era bom. Eu queria dizer algo divertido, que fizesse ele me querer por perto. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Tripp perguntou:

– Já andou de moto alguma vez?

Ele pilotava uma Harley. Todo mundo sabia disso, mas eu jamais havia pensado em andar nela. A noite estava ficando cada vez melhor.

– Não – respondi, tentando não mostrar no rosto a completa sensação de vertigem.

– Então vai ser sua primeira vez – disse ele, piscando para mim.

Meu coração parou. Tripp tinha acabado de piscar para mim. Eu havia me preocupado tanto com essa noite. Não estava certa quanto a Jonathon, mas queria ver como a outra metade do clube se divertia. Nunca imaginei que andaria de mãos dadas com Tripp, que ele piscaria para mim e que andaria na garupa da moto dele. Estava sendo a noite mais épica da minha vida.

– Está bem – consegui dizer, sem tropeçar nas sílabas.

Ele sorriu, e foi perfeito. Eu adorava o sorriso dele. Ele me passou um capacete.

– Coloque isto.

Como nunca havia usado um capacete, segurei o negócio e o estudei por um momento. Não queria colocar errado. Estava convencida de que precisava apertar a alça embaixo do queixo.

A mão de Tripp se aproximou e tirou o capacete de mim. Olhei para cima, com medo de ter demorado demais e que ele tivesse mudado de ideia.

– Desculpe. Foi mal. Eu devia ter feito isso por você. Você nunca andou de moto antes.

Ele colocou o capacete da maneira correta e ajustou as alças. Estava tão próximo que podia sentir seu cheiro. Era um cheiro maravilhoso, que imaginei ser uma mistura de colônia e maresia. Inspirei profundamente enquanto ele ajustava o capacete.

– Agora você está pronta. Esta cabeça linda está segura – comentou ele, dando um passo para trás e jogando uma perna sobre a moto. – Segure nos meus ombros e suba na traseira. Agarre-se em mim o mais forte que puder.

Ele acabara de dizer que a minha cabeça era *linda*. Eu não conseguia pensar em mais nada naquele momento. Estava muito concentrada naquilo. Será que eu estava acordada? Será que era só um dos meus sonhos? Se era, era um dos bons. Só que não estávamos nos beijando... ainda. Os sonhos de que eu mais gostava eram aqueles em que nos beijávamos.

Coloquei as mãos sobre seus ombros, como ele disse, e me sentei atrás dele. Ele disse para me segurar firme, mas será que queria dizer nos ombros? Já havia visto gente de moto o suficiente para saber que a carona normalmente passava os braços em torno dos condutores, mas não sabia se Tripp queria que eu fizesse isso. Antes que eu pudesse pensar mais a respeito, ele se

voltou para trás e colocou meus braços em torno de seu peito.

– Segure firme, linda – repetiu ele e eu obedeci.

Eu senti o calor das costas dele contra o meu peito e tudo começou a formigar. Minha sorte era que já estava escuro e ele não podia ver quanto meu corpo estava gostando daquilo.

A Harley ganhou vida e partimos. Meu abraço em torno de Tripp se apertou instantaneamente quando ele acelerou em direção à via principal. Meu coração batia tão rápido que eu tinha certeza de que ele podia senti-lo. Aquilo era emocionante. Eu nunca tinha feito algo tão perigoso. Eu era responsável.

Meu pai não ficava muito por perto e, quando ficava, não me queria por ali. Eu o lembrava constantemente da minha mãe, a mulher que o deixou com uma filha e fugiu com outro homem. Ele a odiava por tê-lo abandonado, sem se importar com o que eu sentia. Ele era egoísta, mas minha mãe também era. Então, eu queria provar que não era igual a ela.

Tia Darla ficaria muito decepcionada comigo agora, mas não tive culpa. Era uma experiência daquelas que acontecem uma vez na vida. Garotas como eu não sobem na garupa da moto de Tripp. Ele era inatingível. E, naquela noite, ele havia me visto. Havia me salvado. De novo.

Eu tinha certeza de que jamais haveria um homem comparável a Tripp. E eu era só mais uma garota do acampamento de trailers. Alguém que ele não teria notado, se não fosse por tia Darla. Ele gostava dela. Estava fazendo isso por ela.

Ainda que precisasse me lembrar disso, não queria pensar assim naquele momento. Eu só queria guardar na memória a delícia de sentir seu corpo contra o meu. Os músculos tensos do seu abdômen se enrijecendo quando entrou na rua que nos levava ao clube e à parte mais rica da cidade. Eu morava do outro lado. Em toda a empolgação de ser conduzida por Tripp, tinha me esquecido de dizer a ele onde eu morava. Meu trailer não ficava em Rosemary Beach. Não havia trailers em Rosemary Beach. O custo médio de uma casa ali começava em 5 milhões de dólares. Meu trailer ficava ao norte da cidade.

Eu podia pedir que ele me levasse ao clube. Tia Darla ainda estaria trabalhando. Ela morava mais perto, porque o Sr. Kerrington lhe oferecera um apartamento na propriedade. Ela ficaria zangada comigo se eu explicasse o que aconteceu, mas eu não podia pedir que Tripp me levasse até onde eu morava. Era longe demais.

– Você pode me levar até o escritório de tia Darla – pedi a ele, chegando perto o suficiente de sua orelha para que ele pudesse me ouvir contra o vento.

Ele virou a cabeça levemente para a direita, mais perto de mim.

– Eu sei onde fica o apartamento dela. Pensei que você morasse lá.

Bem que eu gostaria. A vida seria bem mais simples se eu morasse. Tia Darla era a única pessoa que me amava incondicionalmente.

– Não, mas tudo bem. Eu moro muito longe. Vou ficar com ela hoje.

Primeiro, Tripp não respondeu. Então, reduziu a velocidade e parou em um posto de gasolina. Quando ele parou, tive um momento de pânico, porque não sabia o que devia fazer com minhas pernas. Eu não queria fazer a moto dele cair. Isso seria horrível.

Tripp colocou as duas pernas no chão. A visão dele sob as luzes do posto, aquele corpo maravilhoso montado na Harley, era mais uma imagem que eu guardaria na memória.

Então ele se virou para mim.

– A Darla vai ficar zangada com você por causa disso?

Eu podia mentir para ele, mas alguma coisa nos olhos dele fazia você contar tudo. Então encolhi os ombros e fiquei calada. Um sorrisinho apareceu em seus lábios perfeitamente

desenhados, e minha atenção se concentrou na boca dele. O lábio inferior era um pouco mais cheio que o superior, mas a diferença era tão pequena que a maioria das pessoas não notaria. Eu estava obcecada com ele e notava tudo. Em alguns dos meus sonhos, eu chupava aquele lábio inferior.

– Bethy?

A voz dele interrompeu minhas fantasias. O sorrisinho não estava mais lá. Ele parecia estar se divertindo.

– Sim? – perguntei feito uma idiota. Ele me pegou fitando sua boca.

– Você não prefere que eu leve você para casa? Eu não me importo. Você teve uma noite dura. Não quero que você tenha que enfrentar uma Darla zangada.

Ela ficaria zangada. Eu nem saberia dizer o que a irritaria mais: eu ter ido à festa na casa de Rush Finlay com Jonathon ou voltar na garupa da moto de Tripp.

– Eu moro a meia hora daqui – expliquei, detendo o olhar no chão marcado de óleo em vez de encarar os olhos dele. Não tive coragem de arriscar me perder sonhando acordada de novo.

– Com seus pais? – perguntou ele.

– Meu pai.

Ele soltou um assobio baixinho.

– Pai ou Darla? Qual dos dois vai ficar mais bravo?

Soltei um suspiro. Meu pai ficava na rua na maioria das noites de sexta e sábado, já que não precisaria trabalhar no dia seguinte.

– Darla. Meu pai não vai estar em casa hoje.

Tripp não respondeu imediatamente, então estudei o chão enquanto esperava ele se decidir. Voltar ao meu trailer era a melhor opção para mim, mas eu me sentiria mal fazendo Tripp gastar gasolina e tempo com isso.

– Você costuma ficar em casa sozinha?

A preocupação em sua voz me surpreendeu. Levantei os olhos para ele, que estava com o cenho franzido.

– Só nos fins de semana – respondi, e a testa dele franziu ainda mais.

– Não é seguro. – Ele soltou um suspiro e balançou a cabeça. – Vou levar você até Darla. Vou me sentir melhor assim. Você não devia ficar sozinha em casa nos fins de semana.

Por que ele agia como seu eu ainda tivesse 10 anos? Eu parecia uma criança?

– Vou fazer 17 anos em setembro. Não sou uma criança. Passei os fins de semana sozinha em casa a maior parte da minha vida.

Eu estava um pouco chateada. Não queria que ele me visse como uma criança. Estava no penúltimo ano do colégio.

Um sorriso ameaçou surgir nos seus lábios, mas ele segurou. Pude perceber o esforço dele. Se não fosse tão cruelmente lindo, eu desceria daquela moto e pegaria uma carona para casa. Já tinha feito isso antes.

– Nunca disse que você era uma criança, Bethy. Não foi nisso que pensei quando disse que não era seguro.

Tudo o que bastou foi ver aquele olhar sexy e ouvir aquela voz grave e quente para ficar totalmente à disposição dele outra vez, encantada. Eu iria aonde ele quisesse ir.

– Está bem – respondi.

Ele riu desta vez, e então se virou para ligar a moto de novo.

– Segure firme.

Quando meus braços se enlaçaram nele, voltamos para a via escura que levava ao clube.

Naquela noite, eu enfrentaria a ira de tia Darla, mas valeria a pena.

Tripp

Hoje

Eu me apoiei na Harley e esperei Bethy sair da sede do clube. Woods tinha me passado os horários de trabalho dela. Assim, eu poderia garantir que ela chegasse em casa a salvo todas as noites. Era o único jeito de eu manter a cabeça no lugar.

Protegê-la era tudo o que me restava. Se eu chegasse muito perto, ela fugiria. Na última vez que tentei falar com ela, Bethy começou a gritar e não consegui acalmá-la. Eu estava vendo-a se perder lentamente. E isso me destruía.

Então eu a seguia até o trabalho todos os dias e de volta para casa todas as noites. Quando ela estava a salvo em seu apartamento, costumava estacionar do outro lado da rua e observava sua janela até escurecer. Ela nunca olhava para mim, ainda que eu não escondesse o fato de que a estava seguindo. Não havia sentido em esconder isso dela.

Nossa última conversa foi dezoito meses atrás, na praia, quando perdemos Jace. Meu primo, meu melhor amigo e o amor da vida de Bethy. Ele se afogou quando ela se aventurou bêbada no mar. A perda dele levou uma parte da minha alma. Ele era o irmão caçula que não tive. O bom herdeiro dos Newarks. Era tudo o que eu devia ter sido, mas não fui.

Nós amávamos a mesma garota, embora ele jamais tenha sabido disso.

Vê-la se apartar da vida era extremamente difícil. Jace teria odiado vê-la assim. Ele a amava mais do que tudo.

Bethy jogou os longos cabelos escuros para trás ao sair da sede do clube. Os shorts que vestia antes eram justos e cobriam um bumbum perfeitamente redondo. Mas, da mesma forma como tinha perdido a vontade de viver, ela também perdera peso.

Minha necessidade de abraçá-la e ajudá-la a sair dessa era forte, mas ela não me queria. Eu não havia percebido quanto ela me odiava até voltar a Rosemary Beach, dois anos atrás. Oito anos antes, eu havia fugido feito um condenado de uma vida que ameaçava me sufocar. Meu pai planejava para mim algo que eu não queria, e não fui capaz de encontrar uma saída.

Eu tinha 18 anos e estava assustado, porque em apenas três meses uma garota de 16 anos havia se tornado minha única preocupação na vida. Bethy roubou meu coração no verão em que a encontrei na festa do Rush. Quando estava pronto para jogar fora a vida que tinha planejado durante o ano anterior para ficar com ela, meu pai simplesmente me lembrou de quanto me controlava.

Eu não teria conseguido ficar com Bethy, mesmo se não tivesse fugido. Aquela não era a vida que ele me deixaria levar. Então sumi, esperando que, em dois anos, quando ela tivesse idade suficiente, eu pudesse levá-la comigo.

Observei Bethy abrindo a porta de seu velho e surrado Ford Taurus. A maneira como mantinha seu foco longe de mim me indicava que ela sabia que eu estava ali. Ela esperava que eu estivesse ali.

Antes, ela teria aberto o mais amplo e belo sorriso do mundo e corrido para os meus braços. Mas isso era passado. Eu acabei com aquilo. Eu acabei com ela e nem mesmo soube disso.

Liguei minha moto e rumei para a via, deixando Bethy com distância suficiente enquanto a seguia até sua casa. Agora ela raramente ia a outro lugar. Algumas vezes, ia até a casa de Grant e Harlow para visitá-los e ver a garotinha deles. Outras vezes, via Rush e Blaire. Mas, fora essas

raras saídas, ela apenas ia para casa.

Sua casa era outro detalhe que me remoía por dentro. Eu detestava deixá-la dormir à noite em um apartamento a 25 quilômetros da cidade, com vizinhos suspeitos. Antes ela morava num belo apartamento dentro da propriedade do clube, totalmente quitado, mas se mudara depois da morte de Jace. Blaire me explicou que ela precisava abandonar aquelas memórias, que a praia era dolorosa demais para ela.

Mas Bethy merecia mais do que aquela vida. Aquela jovem mocinha de olhos grandes e delicados, tão crédulos e inocentes, me assombrava. Por minha causa, aquela moça desaparecera. Eu havia destruído aquela confiança.

O carro de Bethy entrou em um posto de gasolina logo no começo dos limites da cidade. Ela não precisava abastecer. Eu sabia disso porque sabia os dias em que ela enchia o tanque. Ainda teria vários dias antes de precisar de combustível outra vez. Estacionei do outro lado da rua e a observei.

Vi o carro estacionar. Ela se virou e olhou fixamente na minha direção antes de bater a porta com força. Eu esperava que ela voltasse a me ignorar, mas ela não fez isso.

Manteve o olhar bravo dirigido a mim enquanto atravessava o estacionamento. Ai, merda. Ela estava zangada e não havia ninguém ao redor que pudesse acalmá-la. Da última vez, Grant e Woods a seguraram e a levaram para casa. Ouvir minha voz era o suficiente para enfurecê-la.

Não podia compreender o desprezo que ela escondia de Jace e mostrava somente para mim... até aquele dia na praia. A lembrança das palavras dela me destruía por dentro, e eu estremecia. Isso sempre me perseguiria. Eu jamais esqueceria. Desci da moto e esperei o que quer que ela planejasse atirar em mim. Eu aceitaria o que viesse.

Ela parou na minha frente e pôs as mãos nos quadris. Mesmo com a perda de peso, Bethy tinha quadris fantásticos.

– Pare de me seguir! – exigiu ela, e seus olhos faiscavam. – Eu não preciso de você me perseguindo feito um psicopata!

Eu precisava tomar cuidado com ela. Queria que ela falasse comigo e não queria irritá-la.

– Só estou garantindo que esteja segura – respondi, no tom mais leve que consegui articular.

Bethy soltou um rugido frustrado.

– Não! Eu não preciso que você garanta a minha segurança. Não importa se estou segura. Eu não fui problema seu por muito tempo.

Ela estava tentando se controlar. Ela queria me bater. Gritar comigo. Ela queria culpar alguém pela morte do Jace, e eu era a pessoa mais fácil para ela odiar.

– Eu me importo que você esteja segura.

Ela fechou bem os olhos e respirou fundo. Seus punhos estavam cerrados, repousando firmes nos quadris.

– Eu não gosto de ver você. Eu não gosto que você me observe. Eu quero que me deixe em paz. Eu vou arranjar uma medida cautelar contra você, Tripp, juro por Deus!

– Sei que você me odeia. Por muito tempo, não soube por quê. Mas agora eu sei. Bethy, eu me odeio – admiti. – Isso não quer dizer que eu não me importe com você. Estou preocupado. Se não me quiser por perto, eu entendo. Mas quero manter você tão protegida quanto puder. Sinto muito se isso a incomoda.

Bethy soltou uma risada histérica. Eu amava a risada dela. Aquela de quando ela estava feliz. Escutá-la rir foi o que uma vez me conquistou. Eu faria qualquer coisa por isso. Agora era apenas um som vazio e duro que só aumentava a dor entre nós.

– Por que você voltou? Eu estava bem. Jace e eu estávamos ótimos. Eu era feliz, Tripp. Eu

era tão feliz. – A voz dela falhou, e eu quis me aproximar. A concha dura e cheia de raiva em que ela se fechou estava rachando. – Ver você destruiu aquilo. Tudo! Você destruiu tudo. Então... Eu tentei fazer esse trio funcionar. Tentei gostar de você. Tentei aceitar que Jace amava você e quis esquecer o passado. Queria esquecer aquele verão. Eu tinha Jace. Por que você tinha que trazer tudo de volta? Por que tinha que...? – Ela engoliu em seco. – Eu achava que Jace era minha metade. Então você voltou e estragou tudo. Por quê?

Havia tanta mágoa na voz dela... Seus olhos se encheram de lágrimas.

Eu havia voltado com a desculpa de cuidar da minha amiga Della Sloane. Eu a conheci em Dallas em um restaurante, ela era garçonete e eu era barman. Sugeri que buscasse emprego no clube e morasse no meu apartamento depois de ter dormido com nosso chefe, que na época ela não sabia ser casado. O apartamento estava desocupado desde aquele verão em que conheci Bethy, quando meu avô me deu a propriedade de presente pela formatura. Mandeí Della para um lugar onde sabia que estaria segura. E tinha funcionado bem. Ela agora estava namorando Woods Kerrington e era extremamente feliz.

Na época, disse a mim mesmo que voltaria para casa porque escutei a voz de Jace no telefone e senti saudades. Sabia que Jace estava com Bethy e, por mais duro que fosse aceitar isso, ele era o melhor para ela.

Olhando para trás agora, admito que voltei para casa por ela. Queria ver Bethy. Queria ver se o tempo e a distância haviam realmente terminado o que tivéramos um dia.

– Eu queria vir para casa – respondi, incapaz de dizer a verdade.

Bethy cruzou os braços, na defensiva.

– Nós éramos felizes. Você destruiu aquilo.

Não era preciso explicar. Quando fui até a porta de Jace e Bethy apareceu, foi como se todos aqueles anos tivessem sumido. A garota que me mostrou que o amor era algo pelo qual valia a pena lutar estava ali, mais velha, mas mais bonita do que eu me lembrava. Ela era a minha garota. E estava vestindo a camiseta do meu primo, parecendo ter acabado de sair da cama.

Nós ainda não havíamos nos falado. Ficamos ali, apenas olhando um para o outro. Por um momento, quase esperei que ela pulasse nos meus braços, mas Jace surgiu e a abraçou por trás, sorrindo para mim com a expressão mais feliz do mundo.

O chão se abriu embaixo de mim naquele momento. Apesar de saber que a havia perdido, a ficha ainda não tinha caído até ali. Todos aqueles anos, vivi com um coração em guarda. Nunca me aproximei de uma garota. Meu coração havia sido arrebatado tempos antes. Em momento nenhum eu me senti tentado a dá-lo a qualquer outra.

– Sinto muito.

E eu *realmente* sentia muito. Sentia muito por ter voltado para casa. Bethy tinha razão. Eu destruí tudo o que ela havia construído. Não fui capaz de parar de comê-la com os olhos, não fui capaz de me satisfazer com o que havia. Quando Jace não estava por perto, eu a observava avidamente, como se meu último suspiro dependesse disso. Nunca nos falamos, mas as palavras não eram necessárias. Eu dizia tudo com os olhos.

– Você sempre me lembra do que eu perdi. Do que perdi duas vezes. Eu só perco com você, Tripp. Você deixa destruição por onde passa. Não consigo aguentar perder mais nada.

Mais de uma vez, desde que Jace se afogou, pedi a Deus que tivesse sido eu. Se eu estivesse lá aquela noite, teria salvado a vida dele. Não teria deixado ele se afogar salvando Bethy. Teria sido eu quem se afogaria naquela noite. E tudo estaria certo no mundo.

Ouvir Bethy me dizer o que eu já sabia – as coisas com que eu já tinha que lidar todos os dias – foi um golpe que me deixou sem fôlego. Eu não era digno do ar que respirava. Saber que

ela sentia o mesmo fazia a vida parecer sem sentido.

E era por isso que eu ia continuar a protegê-la. Eu precisava dar algum significado à minha vida. Essa vida que eu não merecia. Manter Betty a salvo era tudo pra mim.

Ela não esperou que eu respondesse. Virou-se, atravessou a rua e entrou no carro.

Esperei que ela estivesse de volta ao caminho de casa e então recomecei a segui-la.

Bethy

Fiquei parada atrás das cortinas, olhando Tripp do outro lado da rua, sentado na moto. Normalmente, ele ia embora quando eu apagava a luz. Mas não naquela noite. Eu havia apagado as luzes fazia uma hora, mas ele continuava sentado lá.

Passei tanto tempo entorpecida que ignorá-lo não tinha sido difícil. Mas ultimamente aquilo me incomodava. Minhas emoções enterradas havia muito tempo estavam despertando.

Houve uma época em que fiquei furiosa com o mundo, mas achei que havia superado essa fase do luto. Já tinha chorado o suficiente. Quando o torpor veio, mergulhei nele. Precisava daquilo para continuar vivendo. A culpa e a dor me consumiam.

Woods não conseguia olhar para mim pela influência que eu tive na morte de Jace. Ele ainda me odiava e sabia que havia sido culpa minha. Eu me agarrei a isso. Eu precisava ser odiada. Eu não precisava de piedade. Eu não merecia piedade. Eu queria ser odiada.

Todos os outros se preocupavam comigo. Eu não queria isso. Eles viram o que aconteceu e deveriam me odiar. Eu me mantinha longe deles, porque piedade era demais para mim. Eu não era digna da aflição e da compaixão deles.

E também havia Tripp. Ele não ia embora, não importava quanto eu desejasse isso.

Ele não tentava mais falar comigo. Havia desistido fazia muito tempo. Mas sempre estava lá, na porcaria do meu retrovisor, me seguindo. Ficava de pé na sombra, me observando feito um protetor doentio.

Eu me embrulhei no cobertor e sentei no sofá, no escuro. Era meu único refúgio. Meu apartamento. Um lugar que Jace jamais visitou. Ali não havia memória de tempos felizes. Exceto pelo fato de que Tripp invadira esse mundo ao ficar do lado de fora, me observando.

Depois que ele me destruiu, usei meu corpo para encontrar alguma alegria. Disse a mim mesma que buscava outro alguém, mas eu queria mesmo era tirá-lo da minha memória. Ia a festas, transava com uns caras... e assim me tornei alguém completamente diferente da garota que deixei para trás.

Cada vez que fechava os olhos e entregava meu corpo a outro, esperava esquecer Tripp, mas nunca consegui.

Ele sempre estava lá, assim como a maneira doce e gentil como me abraçou na nossa primeira vez, mesmo que me lembrasse de que havia um mundo lá fora. Então eu me dava conta de quanto tinha doído perder aquilo.

Jace se aproximou, e eu o quis simplesmente porque se parecia muito com Tripp. No começo, ele me usou para sexo, mas continuou voltando. Ele me fazia sorrir e dizia coisas doces. Quando decidi me sustentar sozinha e deixar de oferecer meu corpo para qualquer cara rico que cruzasse meu caminho, Jace tomou uma atitude e finalmente encontrei o amor com meu príncipe.

Tive muito medo de amar Jace, mas ele tornava difícil não amar. Eu estava mais velha do que quando conheci Tripp e disse a mim mesma que Tripp tinha sido diferente por ser um amor de adolescência. Eu me apaixonei mais profunda e intensamente porque era muito nova. Eu

tinha vivido um conto de fadas.

O que tive com Jace foi real. Eu abracei aquela vida e, por um breve momento, fui feliz. Então Tripp voltou a Rosemary Beach e, com um olhar, fez meu coração bater forte contra o peito. Toda aquela intensidade me preencheu e arrebatou. Odiei que ele ainda provocasse aquilo em mim.

Odiava o que ele havia feito comigo. Eu o odiava.

Mas disfarcei, porque Jace o adorava e jamais poderia saber o que tinha acontecido entre mim e Tripp.

O som da motocicleta de Tripp me trouxe um suspiro de alívio. Finalmente ele estava indo embora. Eu detestava a escuridão. Não havia comido nada o dia inteiro e precisava me alimentar um pouco antes de ir para a cama.

Sentada, em silêncio, esperei uns dez minutos antes de levantar e acender as luzes. Tripp havia ido embora aquela noite. Eu não precisaria vê-lo outra vez até de manhã, quando ele retornaria enquanto eu me arrumava para ir trabalhar. Esperava descarregar nele todo o ódio e toda a dor que havia dentro de mim. E sabia que ele aceitaria – sabia que ele não me olharia com compaixão. E estava certa. Assim era o Tripp. Calmo e sólido.

As palavras que eu tinha usado eram duras e cruéis. Fui tomada pela culpa. Ele não merecia aquilo. Sua hesitação diante das minhas palavras tinha sido o único sinal de que aquilo o havia afetado. Jace teria detestado essa pessoa em que eu havia me tornado, mas eu não podia evitar.

O torpor finalmente havia terminado. A vida retornava. A realidade estava aqui. Eu precisava seguir adiante.

Tudo mudou quando Harlow teve seu bebê. Harlow era minha amiga e noiva de Grant. Ela ficou grávida, mas sofria de um problema cardíaco que tornou a gravidez arriscada. Ainda por algum tempo depois do parto, não sabíamos se ela conseguiria vencer aquilo. Estávamos reunidos no hall de entrada do hospital quando Woods veio conversar comigo. Ele me abraçou e disse que não era minha culpa o fato de Jace não estar mais aqui. Disse que tinha errado ao me atribuir isso, quando, na verdade, ele mesmo não fora capaz de aceitar os fatos. Ainda estava zangado, mas queria me ver feliz de novo e sabia que Jace teria desejado o mesmo.

O torpor começou a desaparecer naquele momento. Quase implorei para que ele me odiasse. Mas a sinceridade nos seus olhos, enquanto apertava meus ombros e me dizia para buscar a felicidade outra vez, me deixou sem fala. Della caiu no choro e também me abraçou. Tudo aquilo foi demais para mim. Desde aquele dia, meu tranquilo mundo de ausências estava se desmanchando. E Tripp ainda estava ali, me seguindo.

Tinha medo de ficar dependente dele, porque isso também terminaria. Ele partiria, e eu ficaria com mais uma coisa para esquecer. Eu precisava partir agora. Sabia por experiência própria que ele encontraria meios de me destruir.

Eu não conseguiria me reerguer com Tripp por perto.

Tripp

Oito anos antes

— **O** que está acontecendo lá na praia? – perguntei quando entramos no meu condomínio.

Meu avô materno tinha me dado um apartamento de presente de formatura. Meus pais não gostaram disso, mas ele alegou que eu precisava ter meu próprio espaço, longe deles. Era o presente dele para mim. Eu me mudei no dia seguinte. Ter a liberdade da minha própria casa me permitiu escapar do inferno das garras dos meus pais. Aquilo me ofereceu uma prévia do que eu poderia ter.

– Parece uma fogueira – disse Woods, explicando o óbvio.

– E nós não fomos convidados? – perguntou Jace.

– Não é a nossa turma. Estamos perto dos limites da cidade. Aquela parte da praia não é mais Rosemary Beach. Eu diria que eles são de Destin – arriscou Woods.

Saímos da caminhonete de Woods e eu sorri para os dois. Iria embora em breve e queria passar tanto tempo quanto pudesse com Jace e seus amigos antes de ir. Não sabia quando voltaria. Também tinha meus amigos, mas poderia visitá-los quando estivesse na estrada. Nenhum deles passava os verões ali. Eu sempre passava, porque tinha ficado muito amigo dos caras no colégio interno. Aquele ano que passei com Jace, Woods e Thad tinha sido épico. Nós nos livramos de um monte de encrencas por causa dos contatos do pai do Woods... E sempre que Rush Finlay vinha visitar Grant, nos divertíamos muito. Ninguém queria incomodar o filho de um roqueiro famoso.

– Vamos procurar encrenca – sugeri, enquanto Woods ria e Jace saltava da caminhonete.

– Aposto que tem umas gostosas de biquíni procurando por diversão naquela turma – propôs Thad enquanto prendia o cabelo loiro em um rabo de cavalo.

– Era nisso que estava pensando. Não pego ninguém desde que terminei com London – admiti.

– Caramba, a London é uma delícia. Como você teve a coragem de largar uma garota com aquela bunda? – perguntou Thad.

– Ela é maluca – respondeu Woods por mim. Ele conhecia a história, Jace havia contado para ele.

Apenas assenti.

– Vou tirar umas cervejas da geladeira – disse Jace.

– Não, preciso de uma coisa mais forte – disse Woods, indo atrás dele até o meu apartamento.

– Encontro vocês lá! – falei.

Thad seguiu os dois. Todos tinham 16 anos, e duvido que qualquer um fosse pegar alguém naquela noite. Aquela turma provavelmente tinha a minha idade, ou mais. Eu me aproximei da fogueira e olhei em volta. Sorrindo, fui até mais perto da festa, para ver se enxergava alguém que me interessasse.

À direita havia um grande tronco escondido na sombra. Notei a silhueta de alguém sentado ali. Eu conhecia aquele tronco. Sempre me sentava ali à noite para olhar as ondas.

Curioso, caminhei até lá. Quando me aproximei, reconheci aquele rosto doce de grandes olhos castanhos. Bethy. Eu não a havia visto de novo desde que a levava até a casa de sua tia

Darla, no fim de semana anterior. Pelo menos desta vez estava sozinha e não discutindo com um imbecil.

– Você sempre encontra as festas legais? – perguntei, sentando ao lado dela.

Ela não me respondeu de cara, e me perguntei se ela se lembrava de mim.

– Tripp – lembrei a ela. – Eu dei carona para você na festa do Rush fim de semana passado.

Ela sorriu e baixou a cabeça.

– Eu sei quem você é – disse ela suavemente, mas aquele tom rouco na voz me deu um pequeno calafrio. Eu tinha que lembrar que aquela garota era jovem demais para mim.

– Ótimo. Então não sou esquecível – brinquei.

Ela parou e olhou de novo para mim.

– Eu já sabia quem você era no fim de semana passado.

Interessante. Mas, bem, a garota havia crescido no clube. Eu a vira lá diversas vezes.

– Então, de quem é esta festa?

Ela suspirou.

– Gente do meu colégio. Turmas acima da minha, na maior parte. Uma amiga foi convidada por um cara de quem ela está a fim. Ela não queria vir sozinha. Então, aqui estou eu.

Ela estava totalmente sozinha, no escuro. Não exatamente segura.

– Onde está sua amiga agora? – perguntei.

– Ali, a de biquíni com estampa da bandeira americana com aquele cara com a mão no traseiro dela – disse ela, apontando para o casal se agarrando abertamente na frente de todos. – Ela nem sempre acerta nas escolhas – emendou Bethy, torcendo o nariz e voltando o olhar para suas mãos, cruzadas sobre o colo.

Ela também estava de biquíni, mas usava uma canga por cima. Dava para ver as alças cor-de-rosa amarradas atrás do pescoço. Tudo o que mostrava eram suas pernas. Suas longas pernas.

– Por que você está aqui? – perguntou ela.

Virei a cabeça para o condomínio à nossa esquerda.

– Eu moro ali.

Ela franziu a testa.

– Pensei que a casa dos seus pais fosse do outro lado de Rosemary Beach.

Ela sabia onde ficava a casa de praia dos meus pais? Isso era uma surpresa. Fiquei imaginando o que mais ela sabia de mim.

– Eu me mudei depois da formatura – expliquei.

Ela suspirou melancolicamente.

– Isso deve ser legal.

Era verdade, mas ela não sabia do que eu estava quase me livrando. Ela não tinha pessoas tentando tomar decisões por ela. Esse era o inferno que eu precisava encarar.

Gritos e assobios me impediram de fazer qualquer comentário. A amiga de Bethy estava sem a parte de cima do biquíni e o cara chupava os seios dela na frente de todo mundo.

– Meu Deus! – disse Bethy.

– Sua amiga é meio exibicionista – comentei, desviando os olhos da cena em frente para Bethy, que olhava horrorizada.

– Ela perdeu a noção. Não sei o que está acontecendo com ela.

Bethy cobriu os olhos.

– Não quero ver isso – falou.

Rindo, tirei as mãos dela da frente do rosto.

– Venha passear comigo. Talvez eles tenham terminado isso quando a gente voltar.

Podemos nos poupar do sexo em público.

Bethy suspirou, pegou minha mão e concordou.

– Está bem. Você tem razão. Porque, nesse ritmo, eles provavelmente vão transar mesmo.

Woods, Thad e Jace precisavam correr para chegar ali para ver o show. Provavelmente seria toda a ação que teriam naquela noite.

Nós nos afastamos do condomínio e fomos em direção à escuridão. Continuei segurando a mão de Bethy, porque a sensação era muito boa. Enquanto ela curtisse, eu deixaria assim.

– Qual é a idade da sua amiga?

– Ela fez 17 semana passada. Os pais dela estão se divorciando, ela está sofrendo. A mãe entrou no quarto dela há um mês e a flagrou deixando um cara fazer o que quisesse. A mãe não fez nada. Ela está pirando, e os pais não estão ajudando.

– Talvez seja melhor não ir a festas com ela. Pode não ser seguro para você. Os caras podem pensar que você está aberta para isso também – aconselhei.

Não gostava da ideia de um cara qualquer incomodando Bethy. Ela era terrivelmente doce, mas já tinha um corpo de mulher. Eu fazia o melhor que podia para não desejá-la. Seria mais fácil pensar nela como uma garota de 16 anos se ela não tivesse enormes “atributos”.

– Se é isso o que ela quer fazer nessas festas, não vou mais acompanhá-la. Não quero vê-la dessa maneira. Além do mais, começo a trabalhar no clube na semana que vem. Não vou ter tempo para sair. Estou economizando para ter uma casa assim que me formar.

Ela ia trabalhar no clube? Gostei da informação. Talvez mais do que deveria.

– É mesmo? O que você vai fazer lá?

– O único emprego que o Sr. Kerrington vai permitir que tia Darla me ofereça é o de salva-vidas na piscina.

Então ela ficaria num daqueles maiôs vermelhos o dia todo? Isso era ainda mais excitante. Eu nunca ia à piscina do clube, mas achava que ia começar a frequentá-la.

– Tenho certeza de que você vai ficar bem no uniforme – disse, incapaz de me conter.

Ela parou de caminhar por um momento e virou seu rosto para mim. Eu a surpreendera. E isso a tornava ainda mais sexy.

– O que foi? – perguntei, sorrindo.

– Eu vou precisar usar um maiô – respondeu ela, como se eu não tivesse entendido que uniforme ela usaria.

Assenti com a cabeça.

– Eu sei.

Ela voltou a olhar para si mesma, como se conferisse que o que eu via era o mesmo que ela.

– Você percebe que eu estou acima do peso, certo?

– Você está brincando, né?

Bethy balançou a cabeça. Ela não sabia mesmo que tinha um corpo incrível ou estava querendo ganhar um elogio? Ela não estava com o sorriso provocante e convidativo que a maioria das garotas dá quando quer um elogio.

– Você não está acima do peso – garanti, deixando meu olhar percorrer seu corpo.

– Você não deve ter me visto muito bem no fim de semana passado – comentou Bethy, voltando a caminhar.

Dessa vez, ela não estava segurando a minha mão. Parecia estar tentando se afastar de mim.

Dei dois passos na direção dela, peguei sua mão e a detive.

– Bethy, não terminamos essa conversa direito. Venha aqui – chamei, enquanto ela relutava em me olhar.

– Por favor, vamos deixar esse assunto para lá.

Balancei a cabeça.

– De jeito nenhum.

– Vamos falar de outra coisa.

– Tira essa canga – pedi.

Eu ia mostrar quanto seu corpo era bonito. Ela precisava saber disso para poder se proteger.

Seus olhos se arregalaram.

– Por favor, Bethy. Por mim – disse, usando todos os truques que conhecia para encantar mulheres.

Ela hesitou e soltou um suspiro antes de tirar o nó da canga de praia. Não deixou o tecido cair na areia, mantendo-a firme na mão ao lado do corpo e ficando de olhos fechados.

Eu estava contente demais com aquele momento para me segurar. Eu era capaz de dizer que seu corpo ardia sob a roupa. Seus seios quase saltavam para fora daquele biquíni pequeno. Seus quadris... caramba, seus quadris eram perfeitos. Tinha uma cintura fina, mas a maneira como os quadris se projetavam me dizia que sua bunda seria maravilhosa.

– Não disse? – perguntou ela mansamente.

Meus olhos voltaram para o rosto dela, enquanto ela me fitava com um sorriso inseguro, nervoso e forçado. Ela começou a mexer na canga para colocá-la de volta, mas eu a interrompi. Eu não tinha terminado de olhar.

– Isso é constrangedor.

Engoli em seco. Eu ia gozar com aquela imagem por meses. Muito menina, Tripp. Muito menina. Ela é muito menina.

– Dá uma volta?

Ela balançou a cabeça.

– Não, não posso. É ainda pior.

Caralho, ela era cega?

– Estou tendo que lembrar a mim mesmo que você é jovem demais. Eu tenho 18 anos e isso torna você ilegal para mim, mas, vendo você desse jeito, fica difícil me controlar. Não sei quem foi que disse que você está acima do peso, mas, minha querida, você é absolutamente perfeita.

A respiração de Bethy acelerou. Eu queria tirar aquele biquíni e pegar aqueles seios perfeitos.

– É mesmo? – perguntou ela.

Assenti com a cabeça.

– Você pode, por favor, dar uma vultinha?

Se a visão melhorasse um pouquinho que fosse, eu estaria perdido. Aquele sorriso doce e aquele rosto lindo não precisavam vir com esse pacote. Era demais.

Lentamente, ela se virou. Sua bunda firme e redonda mal estava coberta. Eu agradeci aos céus por ela ter trazido a canga. Se os caras a tivessem visto assim, teriam voado feito gaviões famintos para cima dela.

– Caralho...

Ela rapidamente se virou mais uma vez, enquanto mordida o lábio inferior, demonstrando preocupação.

– Eu sei que é grande – disse ela, quase se desculpando.

Eu precisava traçar um limite. Estava prestes a cometer um erro colossal. Eu não devia tocá-la. Bethy era doce demais. Inocente demais. Não era eu quem deveria tocá-la.

– Não, não é grande. É sexy, Bethy. Seu corpo todo é deliciosamente sexy. Você faz os

caras imaginarem coisas. Você precisa saber disso. Um biquíni como esse pode fazer um cara querer passar dos limites. Você tem o corpo que os homens desejam em sonhos. Eu não vou ser capaz de tirá-lo da minha cabeça por um longo tempo. Esse negócio de dizer que você está acima do peso é loucura. Jamais acredite que você é menos do que deslumbrante. Agora, ponha de volta a canga. Por favor.

Sorvi a última visão que teria do seu corpo.

– Obrigada.

– Pelo quê? – perguntei.

– Por fazer eu me sentir bonita.

Bethy

Nunca estive tão bronzeada na minha vida. Tinha morrido de medo de vestir um maiô e ficar sentada no posto de salva-vidas, onde as pessoas podiam me ver. Mas, graças a Tripp, minha primeira semana de trabalho não havia sido uma experiência horrível, como pensei que seria. Eu me senti linda. O maiô de salva-vidas cobria muito mais do que o biquíni que Meredith tinha me emprestado para a festa.

Como eu raramente via gente da minha idade na piscina, não era tão difícil. A maior parte dos frequentadores era composta de jovens mães com seus filhos. A maioria das garotas que gostavam de tomar sol fazia isso na praia. Meu maior problema naquela semana foi Chad, um dos salva-vidas. Ele estava interessado em mim e parecia não compreender que não era recíproco.

Passei mais protetor solar no rosto e coloquei meus óculos de sol antes de descer a escada para trocar de posto com Fern. Ninguém gostava de trabalhar na parte rasa, porque era exaustivo, mas eu estava pronta para me molhar e me refrescar.

– Alerta de gato. Tripp Newark acabou de chegar – sussurrou Fern quando passou por mim, sorrindo.

Eu o notei perto da entrada, conversando com uma das funcionárias que cuidava da área da piscina. Senti uma pontinha de ciúme quando ele curvou a cabeça e murmurou algo em sua orelha. A atendente deu uma risadinha, e ele sorriu antes de caminhar em direção à piscina. Percebi que seu olhar buscou o posto de salva-vidas e depois seguiu vasculhando entre as pessoas, até encontrar o meu.

Um sorriso bobo se abriu em meu rosto antes que eu pudesse evitar. Tripp passou os olhos lentamente pelo meu maiô antes de assentir com a cabeça para mim, com um sorriso que fez as borboletas dentro da minha barriga saírem voando.

– Ai meu Deus, ele está olhando para você – disse Fern, com uma voz surpresa.

– Ele é só um amigo – expliquei, antes que ela me deixasse envergonhada.

Segui para o lado raso da piscina. Precisava garantir que nenhuma criança se afogasse na minha área. Flertar com Tripp não era uma boa ideia de jeito nenhum.

Entrei na piscina e me refresquei antes de sentar na beira, onde o salva-vidas dessa área devia ficar. Não procurei por Tripp. Precisei usar todo o meu autocontrole, mas consegui por pelo menos dez minutos.

Quando a falta de ação na piscina ficou demais, olhei casualmente em direção às espreguiçadeiras alinhadas sob os guarda-sóis e vi Tripp bem relaxado. Estava falando com a funcionária que flertara com ele na chegada. Ela era mais velha. Eu diria que era até um ano ou dois mais velha do que ele. Ele parecia estar gostando da atenção, e isso era duro demais de ver. Desviei o olhar e voltei a atenção para as crianças na piscina.

– Troca de posto. Pode começar o seu intervalo – disse a voz familiar de Chad.

Olhei para ele e forcei um sorriso. Não sabia ao certo se gostava dele. Tinha feito vários

comentários constrangedores sobre o meu corpo.

– Obrigada – agradei e me levantei.

– Que bela vista! – disse Chad quando dei as costas para ele.

Não respondi nem reagi. Era melhor ignorar aqueles comentários. Fui para o refeitório, onde havia deixado minha lancheira naquela manhã. Estava ali havia apenas três horas, mas me sentia faminta.

Quando virei para o setor privativo dos funcionários, ouvi passos atrás de mim. Olhei para trás, vi Tripp e congelei. O que ele estava fazendo?

– Oi!

– Oi...?

– É seu intervalo? – perguntou ele.

Assenti, ainda sem saber por que ele havia me seguido.

– Tem alguma coisa para vestir por cima desse maiô?

Assenti de novo. Desta vez, ele sorriu.

– Vista e vamos sair para almoçar.

Ele queria almoçar comigo?

– Está bem – respondi de maneira obediente. Como se eu fosse dizer não para aquilo.

– Tem uma pizza e uma sala reservada esperando pela gente. Arranjei isso quando cheguei aqui.

Enfiei a mão na bolsa, tirei uma saída de praia e a vesti.

– Pronto! – disse, e ele estendeu a mão.

– Vamos lá. Estou faminto. E imagino que você também deva estar.

Tripp me levou até a entrada dos fundos da lanchonete da piscina e de lá para uma sala reservada para festas. Havia uma mesa posta, com uma pizza e duas bebidas esperando por nós.

– Pedi uma coca normal. Se quiser outra coisa, basta me dizer. Pedirei para Crystal trazer para nós. Foi ela quem organizou isso para mim.

– Não precisa. Gosto de Coca – respondi, ainda surpresa.

– Por acaso atrapalhei seus planos de almoço? – perguntou ele, preocupado.

Eu estava agindo como uma idiota. Precisava parar com aquilo.

– Não. Eu ia comer no refeitório. Trouxe um sanduíche de peru e uma maçã. Isso é muito melhor.

Tripp sorriu de novo e puxou uma cadeira para mim.

– Que bom.

Ele se sentou à minha frente.

– Como vai o trabalho? – perguntou ele, pegando uma fatia de pizza e colocando no meu prato.

Estava começando a pensar que tinha desmaiado de insolação e que aquilo era só um sonho maluco.

– Eu, hã, tudo bem. Quero dizer, estou gostando.

Tripp pegou uma fatia e se serviu também.

– Eu tinha razão quanto ao maiô.

Fiquei vermelha e baixei a cabeça para esconder minha reação.

– Foi a alguma festa selvagem esta semana? – perguntou ele, num tom provocador.

Ri e balancei a cabeça.

– Não. Só muito trabalho e nenhuma diversão – falei, provando a pizza. Tinha um cheiro delicioso e meu estômago estava roncando.

– Deixei as azeitonas de fora. Adoro azeitonas, mas não sabia se você gostava – comentou ele enquanto me olhava comer um pedaço.

Eu não admitiria, mas teria comido o que quer que ele tivesse colocado naquela pizza. Só porque ele havia feito aquilo por mim. Nenhum cara jamais havia comprado comida para mim antes.

– Eu gosto de azeitonas – disse, depois de engolir.

– Anotado. Da próxima vez, teremos azeitonas.

Da próxima vez? Haveria uma próxima vez?

– Você trabalha nos fins de semana? – perguntou Tripp.

– Não.

Tripp tomou um gole e me estudou por um momento. Ter sua atenção completa me deixava nervosa.

– Preciso ir até Nova Orleans no sábado para pegar um negócio. Quer viajar?

Eu tinha de estar sofrendo de insolação. Não havia outra explicação.

– Claro. Parece divertido – respondi.

Já que estava tendo alucinações, podia muito bem me divertir.

Tripp

Hoje

Eu tinha estacionado a moto e estava encostado nela, de braços cruzados. Ainda faltavam dez minutos para que o turno de Bethy acabasse, mas eu tinha saído de uma reunião de diretoria com Woods uma hora antes e não fazia sentido voltar para casa e retornar em seguida.

O barulho de salto alto ressoou no chão, e eu me virei para ver Della caminhando na minha direção. Seu sorriso habitual havia desaparecido e fora substituído por uma expressão tensa e preocupada. Ela ia se casar em duas semanas. O convite estava sobre a bancada da minha cozinha. Eu ainda não tinha comprado um presente para eles.

– Está esperado pela Bethy? – perguntou ela quando parou na minha frente.

– Sim.

– Ela ainda se recusa a falar com você?

Assenti. Não quis falar sobre a semana passada e tudo o que Bethy me disse. Certas coisas eram difíceis demais de contar.

– Detesto ver você assim. Queria entender o que aconteceu. Ninguém entende por que Bethy odeia você dessa maneira e por que você a segue todos os dias para garantir que ela esteja bem. É uma devoção que só vi em homens apaixonados, mas como você poderia estar apaixonado por Bethy? Você mal a conhece. Não esteve aqui o suficiente para conhecê-la, e ela era namorada de Jace. Não faz sentido, Tripp. Você é meu amigo. Quando precisei de alguém, você me ajudou. Eu adoro você e detesto ver você se destruindo assim. Talvez precise ir embora e se distanciar de Rosemary Beach.

Um dia, quis sentir algo mais por Della, mas seu coração já era de Woods Kerrington antes mesmo de eu conhecê-la. Só que eu não sabia disso. E também não interessava mais. Estávamos destinados a ser amigos.

– Eu não posso deixá-la.

Della merecia saber mais. Ela me fez suas confidências quando não tinha outra pessoa com quem falar, e eu sabia que ficaria do meu lado da mesma maneira. Éramos próximos. Mas isso... era mais do que eu poderia contar a qualquer pessoa. Era uma história que eu ainda não estava preparado para contar.

Della suspirou e se aproximou.

– Eu queria que alguém a ajudasse. Eu quero. Todos queremos. Mas, Tripp, por que você?

Desviei os olhos da porta para Della.

– Porque eu a amo desde os meus 18 anos. Isso é tudo o que posso contar a você. E, por favor, não conte a ninguém. – Admitir isso foi, de certo modo, libertador.

Della arregalou os olhos e ficou sem fala. Agora, ela sabia mais do que qualquer outra pessoa.

– Puxa, nossa. Certo. Hummm...

Era nosso segredo agora. O tempo que passei com Bethy não era mais algo que eu quisesse varrer para baixo do tapete ou manter escondido. Eu estava cansado de esconder a verdade. Se Jace estivesse vivo, eu teria levado o segredo para o túmulo. Mas ele havia morrido. E eu continuaria ali até o dia em que Bethy estivesse pronta para falar comigo.

A porta se abriu, e Bethy saiu. Ela passou por mim e, por um momento, nos olhamos.

– Preciso ir – disse a Della, passando a perna por sobre a moto e observando enquanto Bethy entrava no carro dela.

– Ela... ela traiu Jace com você? – perguntou Della, como se tivesse medo da resposta.

– Não. Ela amava o Jace – respondi, e seu alívio ficou evidente quando ela soltou a respiração.

Dei a partida na moto e acenei com a cabeça antes de seguir o carro de Bethy, que saía do estacionamento.



Eu estava na sacada, olhando as ondas quebrarem na praia, insone. Era assim que passava a maioria das noites. Não queria ter saído da frente da casa de Bethy naquela noite. Tinha visto sua sombra no escuro enquanto ela me observava da janela. Enquanto pudesse vê-la, não queria deixá-la.

Mas ela queria que eu fosse embora.

Uma batida à minha porta me trouxe esses pensamentos de volta. Passei pelas portas envidraçadas da sacada imaginando quem seria. Ninguém me visitava tão tarde. A esperança de que fosse Bethy foi curta e fugaz. Quando abri, vi Woods. Della não havia sido capaz de manter em segredo o que eu disse a ela. No fundo, quando admiti aquilo, sabia que ela contaria a Woods. Aceitei isso. Dei um passo para trás e o convidei a entrar.

Woods não falou nada ao entrar no apartamento e ir para a sala.

Decidi ir direto ao ponto.

– Ela contou para você.

– Ela está dormindo e não faz ideia de que eu estou aqui. Mas, sim, ela me contou porque está preocupada com você e Bethy. Eu estou aqui porque estou confuso. Tentei imaginar tudo quanto é possibilidade e nenhuma merda de cenário fez sentido. Dezoito anos? Você deixou a cidade quando tinha 18 anos. Bethy tinha o quê, 16?

Caminhei de volta até a sacada e olhei para o lado de fora, incapaz de encará-lo. Admitir aquilo para Della era uma coisa. Para Woods, o melhor amigo de Jace, era diferente. Eu já precisava lidar com o desprezo de Bethy. Não queria ter também o de Woods. Mesmo que merecesse.

– No verão, antes de eu ir embora – lembrei a ele. – Você estava por aqui. E sabe que eu estava bastante ausente. Ninguém sabia onde ou com quem.

Woods bufou e resmungou uma praga.

– Era Bethy?

Ele se lembrou. Eu estava tão envolvido com ela que me habituei a dar desculpas quando eles queriam fazer algo comigo.

– Sim – respondi, simplesmente.

– Puta merda. Não posso acreditar que era Bethy.

– Eu ia voltar por ela quando pudesse. Mas ela era muito jovem e eu acabaria na prisão se fôssemos flagrados. Ela era o meu segredo. Quase não fui embora por causa dela. Mas então meu pai descobriu e deixou muito claro que meu tempo em Rosemary Beach havia acabado. Eu passaria os anos letivos em Yale e os verões em Manhattan, na empresa. Se eu ficasse, eu a teria perdido. Se fugisse, teria uma chance de voltar para ela.

Woods não respondeu inicialmente.

Era um segredo que eu havia guardado por muito tempo. Um segredo que tinha mudado tudo para mim. Eu compreendia isso. Estava pronto para aceitar. Se todo mundo me odiasse, lidaria com isso também. Tudo o que interessava era cuidar de Bethy. Ela era tudo o que me restava.

– Jace ia pedi-la em casamento – confessou Woods.

– Eu sei. Ele era o melhor cara para ela. Ele ia proporcionar a Bethy a vida que ela merecia. Eu queria que ela tivesse isso. Eu queria que ela ficasse feliz. Queria que ela tivesse a vida para a qual estava destinada. Ela o amava. Era o que importava. Eu era o passado dela. Um passado que ela agora odeia.

Woods se aproximou e ficou ao meu lado.

– Ele nunca soube?

Balancei a cabeça.

– Não. Não havia por que contar a ele. A Bethy era dele. Eu a havia perdido fazia muito tempo.

– Mas você a ama.

– Mais do que tudo.

– Merda!

Não ia contar mais nada. O motivo para Bethy me odiar era um segredo dela, não meu.

– Ela odeia você por ter ido embora?

Ela me odiava por ter destruído tudo. Ela me odiava por não ter estado perto quando ela mais precisou de mim.

– Eu a faço lembrar de tudo o que perdeu com Jace. Ela precisa odiar alguém, então me odeia. E eu aceito isso. Serei qualquer coisa que ela precise que eu seja.

Woods ficou ao meu lado e não perguntou mais nada. Mas não me culpou. Não ficou bravo comigo. Apenas ficou ao meu lado.

Bethy

Foi fácil de comemorar o casamento de Harlow e Grant. Ela estava viva, de pé no altar, com seu bebê milagroso. Fui ao casamento e chorei lágrimas de felicidade porque Grant tinha sua mulher e seu bebê. Ele não os perdera.

Agora, três meses depois, eu não apenas precisava ir a outro casamento, mas participar dele. Não se tratava de aparecer por umas duas horas e fingir sorrisos. Passaríamos quatro dias em uma ilha particular que Woods havia alugado para o casamento. Ele queria uma cerimônia íntima e descobriu essa ilha perto de Florida Keys que podia ser alugada para casamentos e outros eventos especiais. Apenas familiares e amigos íntimos foram convidados, com todas as despesas pagas.

Ainda havia o fato de que Tripp também estaria na festa. Eu precisaria ficar perto dele em uma situação social diante dos meus amigos por quatro longos dias. Mesmo que estivesse feliz por Della e Woods, ficar perto de Tripp não seria fácil.

Della me disse que Thad seria meu acompanhante na cerimônia. Depois do meu porre no clube, um tempo atrás, quando gritei com Tripp, todo mundo sabia que existia algo errado entre a gente, mas ninguém sabia o quê. Eles apenas presumiram que eu estava perdendo a cabeça. Della não ia correr o risco de colocar Tripp como meu acompanhante, mesmo que isso fosse o que mais fizesse sentido antes do meu ataque. Afinal, Tripp era primo de Jace.

Eu estava no aeroporto particular de Rosemary Beach. Dean Finlay havia oferecido o jato do Slacker Demon para levar os padrinhos até a ilha. Woods e Della ofereceram passagens aéreas ao restante dos convidados.

Della estava ao pé da escada que levava ao avião, conversando alegremente com Blaire. Aqueles eram meus amigos. Eu os amava. Estar com eles não devia ser difícil. Respirando profundamente, peguei a alça da minha mala e segui para o avião.

Della voltou o olhar para mim e abriu o sorriso. Ela estava muito feliz. Tinha superado tanta coisa... A mulher que via naquele momento não se parecia em nada com a garota assombrada pelo passado que havia chegado a Rosemary Beach. Ela não era mais uma vítima. Era uma sobrevivente.

– Estou tão contente que você esteja indo. Obrigada – sussurrou ela em minha orelha enquanto me abraçava.

– Eu não perderia isso por nada no mundo – disse a ela.

– Eu levo isso, senhorita – disse um homem, estendendo a mão para minha mala.

Entreguei a bagagem para a tripulação e olhei para Blaire.

Blaire era a minha melhor amiga. Por causa dela eu havia ficado com Jace. Ela me mostrou que me tornar digna de ser amada era o caminho para conseguir o cara que eu quisesse. Em muitos sentidos, Blaire me ajudou a encontrar uma parte da garota que eu era antes de Tripp.

Antigamente, eu era como Blaire. Forte, confiante, independente. Mas, como todas as outras coisas na vida, Tripp tirou aquilo de mim.

– Você está bem? – perguntou ela, estudando meu rosto.

Só Blaire tinha coragem de me perguntar isso. Todos os outros haviam parado de perguntar, com medo da minha reação. Eu queria dizer a ela que o torpor tinha ido embora, mas que fora substituído por sentimentos que eu mantinha guardados. Eu precisava lidar com eles todos os dias.

Mas não era o momento de desabafar. Aquele era o fim de semana mágico de Della e Wood. Eu não iria estragar isso com minha tristeza.

– Estou bem. Ia visitar você na semana passada, mas tive trabalho extra por vários dias.

Blaire me olhou de perto.

– Diga isso ao Nate. Ele tem perguntado pela “tia Bethy” nos últimos dias. Estava acostumado a ver você pelo menos uma vez por semana, você sabe.

Aquele menininho era uma das coisas boas da minha vida. Eu amava aquela criança. Tive muito medo de não conseguir chegar perto dele quando ele nasceu. Medo de que fosse demais para mim, medo de sentir remorso e dor. Mas isso não aconteceu. Nate me conquistou com seu sorriso doce de bebê. Ele foi um conquistador desde o primeiro dia.

– Ele estará conosco no fim de semana? – perguntei, olhando para o lado do avião, agora me sentindo culpada por não tê-lo visitado.

– Ele virá amanhã, com Dean. O avô quis ficar com ele em casa e nos dar uma noite sozinhos na ilha.

A ideia de Dean Finlay, o deus do rock, cuidando de um bebê era engraçada.

– Muito bem, hora de voar para o sul – disse Woods.

Os olhos dele estavam fixos em Della. Eu conhecia Woods desde criança. Vê-lo com Della jamais deixou de me encantar. Ele nunca havia sido do tipo pacato. Mas Della era o mundo para ele.

– Já estamos indo – respondeu Della.

Não olhei ao redor no interior do jato, mas senti os olhos dele assim que pousaram em mim. Tripp estava ali. A pressão do seu olhar tornou as coisas difíceis. Desconfortáveis. Eu não queira sentir nada em relação a ele.

– Bethy!

A voz de Harlow me chamou em um tom alegre, e eu me virei para vê-la em uma das poltronas de couro do avião. Ela não estava segurando Lila Kate. Eu não esperava vê-la sem seu bebê. Além de ter nascido prematura, tinha apenas quatro meses. Era uma coisinha, mas absolutamente perfeita. Exatamente como a mãe.

Eu me aproximei para sentar ao lado de Harlow.

– Onde está Lila Kate? – perguntei.

Também não havia conseguido visitá-la ultimamente. Harlow apontou com a cabeça para a esquerda do avião, e vi Grant de pé no bar com o bebê nos braços, ninando sua garotinha.

– Grant está colocando ela para dormir. Quase tive que implorar para ele concordar em trazê-la no avião. Grant estava completamente fora de si com a ideia de ela voar. Mas, também, levou um mês para ele aceitar colocá-la dentro de um carro. Duvido que alguém tenha a chance de pegá-la enquanto estivermos no ar – comentou ela, com uma risada divertida.

Ver Grant segurar sua menininha com tanto cuidado e proteção me lembrou o cara que estava no hospital, fitando a porta pela qual Harlow havia sido levada às pressas quando entrou em trabalho de parto. Ele permaneceu lá, perdido e imóvel, por horas. Foi difícil para todo mundo. Senti como se estivesse perdendo Jace outra vez. Grant estava arrasado. Eu não costumo rezar, mas naquela semana rezei com fervor.

– Que amor – disse.

– Não é? Juro, quando ele faz isso, tenho vontade de pular em cima dele. Um tesão completo.

Dei uma risada verdadeira. Estava com saudade de rir. Eu não fazia isso sempre. Era Nate o responsável pela minha risada semanal. Ele sempre me fazia esquecer de tudo com seu charme de menininho.

– O que foi tão engraçado aqui? – perguntou Blaire, sentando-se ao meu lado.

– Papai Grant é um afrodisíaco para Harlow – respondi com um sorrisinho.

Blaire sorriu e olhou na direção de Grant, que agora tinha a cabeça encostada em Lila Kate, enquanto continuava a embalá-la para a frente e para trás.

– Ele é tão fofo. Não consigo imaginar Rush com uma menininha. Mas ver Grant com Lila Kate me faz desejar uma.

– Outro bebê tão cedo? – perguntou Harlow.

Blaire sorriu e encolheu os ombros.

– Talvez não agora. Nate é um furacão. Quando ele começou a caminhar foi difícil, mas correr é ainda pior. Não consigo pegá-lo quando ele foge.

Eu precisava disso. Fiquei ali sentada enquanto minhas amigas falavam sobre seus filhos e contavam histórias de suas rotinas de mães. Eu as amava, elas e suas famílias. Por quase dois anos, tinha perdido tanta coisa me fechando para as emoções. Estava cansada daquilo. Talvez o fim daquele torpor fosse uma coisa boa.

Tripp

Oito anos antes

Bethy tinha se tornado o meu vício. Embora eu soubesse que não poderia tê-la, também não conseguia ficar longe dela. Ver seu rosto se iluminar quando olhava para mim era maravilhoso. Depois que ela viajou comigo na garupa da moto até Nova Orleans, eu inventava razões para vê-la todos os dias.

Jace continuava me convidando para sair com ele e a turma, mas eu sempre dizia não. Queria apenas me encontrar com Bethy. A ideia de que ela acabaria em outra festa e que eu não estaria lá para protegê-la também me impedia de dar a ela muito espaço.

Ela não parecia se importar. Caramba, ela olhava para mim como se eu fosse a única pessoa no mundo. Eu tinha noção de que ela estava a fim de mim. Era óbvio demais para não notar. Estava ficando cada vez mais difícil não tocar nela. Eu queria muito. Mas, no momento, eu me satisfaria com um beijo.

Estava sentado em minha moto, do lado de fora do trailer dela. Bethy não me deixava chegar até a porta e, embora eu não gostasse disso, respeitava seu desejo. Eu tinha ingressos para um show de verão em Destin. Várias bandas de que ela e eu gostávamos iam tocar.

A porta do velho trailer se abriu, e ela veio correndo, em um vestidinho curto que mostrava seu corpo delicioso. Eu estava perdido. Juro, eu estava prestes a me render. Manter minhas mãos longe dela naquele vestido ia ser impossível. Os caras iam secá-la com os olhos. Eu ia deixar bem claro que ela não estava disponível.

Ela parecia nervosa. Havíamos passado tanto tempo juntos durante as últimas duas semanas que eu não entendia como Bethy ainda podia ficar tão insegura perto de mim.

– Gostei do vestido – comentei, oferecendo a minha mão para ela subir na garupa. Então passei o capacete que levava especialmente para ela. – Você tem hora para voltar? – perguntei, já sabendo que a resposta seria não. O pai dela não ficava muito em casa. Ela só tinha limites quando ficava na casa da tia Darla.

– Não. Papai não estará em casa hoje à noite – respondeu ela, esticando os braços em torno da minha cintura e apertando o peito contra minhas costas.

Sentir os seios dela colados em mim fazia parte do vício que eu havia desenvolvido.

– Ótimo. Você é minha esta noite – respondi dando partida na moto e tomando a estrada.

Olhei para baixo para ver suas pernas nuas coladas às minhas e inspirei profundamente. Aquilo era bom. Bom demais.

De vez em quando eu acelerava para ouvi-la dar gritinhos e me apertar mais forte. Pensar que eu a abandonaria no fim do verão me incomodava. Quem estaria lá para cuidar dela? Ela era tão doce e inocente. Não suportava a ideia de alguém fazendo-a sofrer ou se aproveitando dela. E, sendo honesto comigo mesmo, eu odiava a ideia de outro cara tocando nela. Eu não era seu dono, mas sentia como se ela fosse minha.

Quando ela me olhava com aqueles olhos de adoração, tudo no mundo ficava em paz. Ela me pertencia naquele momento. Eu sabia disso pelo jeito como as estrelas apareciam nos seus olhos só para mim. Nenhum dos outros caras recebia aquele olhar. Aquilo era só para mim.



Quando chegamos à praia onde o show aconteceria, encontrei um lugar e estendi o cobertor que havia levado. Imaginei que ficaríamos a maior parte da noite de pé, olhando acima das cabeças de todo mundo quando as bandas comessem a tocar, mas, naquele momento, tínhamos mais de uma hora antes do início. As pessoas estavam espalhadas pelo lugar sobre cobertores ou em cadeiras, bebendo e se divertindo.

Bethy sentou-se ao meu lado, mas deixou um espaço entre nós. Era como se ela tivesse medo de que eu a enxotasse se chegasse um pouco mais perto. Estava sendo esperta. Só que eu não conseguia mais ser esperto.

Então me aproximei, passei minha mão pela cintura dela e a puxei para perto, até sua perna tocar a minha e seu corpo estar colado ao meu. Ela deixou escapar um som de surpresa, mas não tentou sair dali. E eu sabia que não tentaria.

– Você está linda esta noite.

Como sempre, ela corou com o meu elogio.

– Obrigada – respondeu ela suavemente.

Mantive a mão em sua cintura e comecei a traçar pequenos círculos com o dedo. Ela ficou tensa no início, mas depois estremeceu.

– Venha aqui – disse, depois a puxei para cima de mim.

Seus olhos se arregalaram quando ela sentou no meu colo. Segurei seu rosto com as mãos antes que pudesse mudar de ideia e cobri sua boca com a minha.

Ela prendeu a respiração por um momento e não reagiu. Então suas mãos procuraram meu cabelo enquanto eu passava a língua em seu lábio inferior. Ela lentamente se abriu para mim, e eu mergulhei, pronto para prová-la. Com o gosto doce e o calor dela, desta vez quem estremeceu fui eu. Era ainda melhor do que eu esperava. Meti minhas mãos sob o vestido para sentir sua pele nua, e ela respondeu com um leve gemido.

Que sensação perfeita. Foi um daqueles beijos que muda tudo. Eu queria senti-la ainda mais, mas a praia era pública, e eu não gostava da ideia de outros caras observarem o que era meu.

Quando ela arqueou as costas, pressionando seus peitos contra o meu, eu interrompi o beijo antes que perdesse o controle e pusesse as mãos sobre eles, com os quais eu fantasiava todos os dias.

Bethy estava sem fôlego. Ela pareceu confusa, e eu queria rugir de prazer por ter provocado aquela expressão em seu rosto. O olhar dela saltava dos meus olhos para meus lábios.

Ela soltou um longo suspiro e afundou no meu colo. Minha ereção a cumprimentou, e ela relaxou. O fato de ela estar sobre o meu pau não estava ajudando a me acalmar.

– Não se mexa, gata – disse por entre os dentes.

Lembrei que outros caras podiam estar vendo isso. Não queria que a vissem assim. Foi o único motivo para que eu a tirasse de cima de mim. A urgência de me esfregar nela era intensa. Mas não ali. Eu não podia fazer aquilo ali.

– Desculpe – sussurrou ela.

Eu olhei para seu rosto. Ela parecia preocupada e envergonhada. Merda. Eu a mantive perto, ao meu lado. Inclinando a cabeça até minha boca ficar na altura de sua orelha, dei um beijo em seu pescoço.

– Jamais se desculpe por isso.

Ela me estudou por um momento antes de responder.
– Está bem.

Bethy

Alguma coisa mudou naquela noite. Depois daquele beijo, as mãos de Tripp estavam por todo o meu corpo, e ele não me deixava sair de perto. Era a sensação mais maravilhosa do mundo. Eu queria que ele me beijasse de novo. Eu já havia sido beijada antes, mas não daquela maneira. Nunca daquela maneira.

O sol se pôs e, na escuridão, Tripp me puxou para cima dele. Suas mãos estavam agora embaixo do meu vestido. O toque dele sob a minha pele parecia uma corrente elétrica percorrendo o meu corpo. Eu não tinha a menor ideia de quem estava cantando naquele momento. Meus olhos estavam fechados enquanto eu me inclinava contra o corpo de Tripp e sentia a rigidez dele contra as minhas costas. Quando afundei naquilo, tive que conter um grito de prazer. A sensação entre as minhas pernas era nova.

Suas mãos continuaram até parar exatamente sob meus seios. Eu respirava com dificuldade. Não podia evitar. A cada sopro, o polegar dele apertava a parte de baixo do meu sutiã. Sem conseguir fingir que escutava a banda, deitei minha cabeça no peito dele.

– O que foi? – perguntou ele perto da minha orelha. – Está tudo bem?

Meu Deus, sim!, pensei. Mas não disse nada. Apenas assenti. Naquela noite, as coisas mudaram dramaticamente. Eu vinha me convencendo de que Tripp me via como amiga e mais nada. Então ele me beijou. Minha paixão agora estava correndo solta. Eu não podia mais esconder aquilo.

– Podemos ir agora?

Eu queria gemer em protesto. Ele estava tão perto. O formigamento no meu corpo estava concentrado entre as minhas pernas outra vez. Aquilo estava me deixando maluca.

Consegui fazer um sim com a cabeça. Tripp pegou o cobertor e o jogou sobre o braço, então agarrou minha mão e me puxou em meio à multidão. Eu não estava pronta para ir para casa, mas a ideia de esfregar meu corpo muito necessitado contra o dele durante a próxima hora me pareceu maravilhosa.

Só depois que saímos do meio da multidão percebi que não estávamos indo em direção ao estacionamento. Estávamos indo mais para longe da praia, em direção ao trecho onde não havia condomínios ou casas.

Meu coração batia mais forte enquanto avançávamos na escuridão da praia deserta. Passamos por baixo de uma ponte, e Tripp parou e abriu o cobertor de novo no chão, olhando para mim.

– Venha aqui, Bethy.

Era difícil ver os olhos dele sem nenhuma claridade, mas não questionei. Se ele pedisse para eu pular daquela ponte na água fria, eu pularia. Ele pegou a barra do meu vestido e o tirou por cima, depois o jogou sobre o cobertor.

– Eu não posso prometer nada a você, Bethy. E eu não devia tocar em você. Mas eu quero isso demais. Se você quiser que eu pare, é só dizer, linda.

Dizer para ele parar? Não nessa vida.

– Você quer que eu toque em você? – perguntou ele num sussurro enquanto se aproximava e me puxava para perto.

Consegui fazer que sim com a cabeça.

Ele abaixou a cabeça, enterrou o rosto na curva do meu pescoço e murmurou um palavrão. O calor da respiração dele me fez tremer.

– Você é tão linda. Chega a doer não tocar em você. Tentei lutar contra isso. Só quero manter você a salvo. Até mesmo de mim – disse Tripp, enquanto sua boca corria do meu pescoço para o meu queixo.

Eu não queria estar protegida dele. Nunca.

– Não quero estar a salvo de você – retruquei.

Antes que eu perdesse a coragem, desamarrei a parte de cima do meu biquíni e respirei fundo. Ela cairia e me deixaria exposta no instante em que um de nós se mexesse. Eu queria as mãos dele em mim. Eu não tinha medo de Tripp. Estava apaixonada por ele.

Tripp tomou a iniciativa, e eu fechei os olhos, deixando a brisa dançar em torno dos meus seios nus.

– Puta que pariu – murmurou Tripp com uma voz que fez meus mamilos enrijecerem e a sensação entre as minhas pernas despertar outra vez.

Pareceu uma eternidade até que suas mãos grandes e quentes me cobrissem. O toque dele me fez gritar seu nome e puxar seus braços contra mim. Eu não estava certa se conseguiria me manter de pé se ele me tocasse mais.

Ele correu os dedos sobre os meus seios. Minhas pernas cambalearam.

– Olhe para mim, Bethy – pediu ele, num murmúrio rouco.

Abri os meus olhos, sabendo que ele veria refletido neles tudo o que eu estava sentindo. Eu não conseguia mais esconder meus sentimentos. Não assim.

– Você confia em mim? – perguntou ele.

– Sim – respondi com um suspiro.

O som desesperado da minha voz devia ter me deixado envergonhada, mas não deixou. Não com ele me olhando daquela maneira.

Ele baixou a cabeça e cobriu minha boca com a dele outra vez. Seu gosto mentolado enfraqueceu meus joelhos. Eu me agarrei nos braços dele de novo, e um gemido saiu de seu peito antes que ele me pegasse e deitasse no cobertor.

– Venha aqui – pediu Tripp, me colocando sobre seu colo.

Tomei cuidado para não cair sobre ele. Ele agarrou meus quadris e me puxou. A parte de baixo do meu biquíni estava pressionando a rigidez dele.

– Caralho – murmurou ele.

Fiquei aliviada, porque aquela fricção era mais gostosa do que tudo o que tínhamos feito até ali. Relaxei no colo dele. Tripp beijou minha boca, meu pescoço e minha clavícula. Meus seios doíam muito. E ver seus lábios tão perto era demais.

Antes que eu me desmanchasse em gemidos, ele deu um beijo em um dos meus mamilos rígidos e o engoliu todo com sua boca quente. A sensação que se seguiu detonou uma sequência de fogos de artifício no meu corpo. Agarrei a cabeça dele e a mantive firme ali. Aquilo era o céu, e eu não queria que ele parasse. Nunca.

Os dentes dele me provocavam, então ele chupava com mais força. Eu repetia seu nome, segurando sua cabeça contra o meu peito. Quando ele mudou para o outro seio, gemi de alívio. Aquilo era maravilhoso. Seus quadris se moveram embaixo de mim, e a parte de baixo do meu

corpo despertou outra vez. O formigamento nos meus seios se uniu à sensação entre as minhas pernas. Rebolei em cima dele, que gemeu enquanto esbanjava atenção aos meus peitos.

Achei que tinha agradado e continuei me mexendo. A cada roçada da dureza dele contra mim eu ficava mais doida. Havia algo ali de que eu precisava.

– Tripp – disse, arfando, sem saber o que dizer, mas sabendo o que desejava.

Ele levantou a cabeça do meu peito e buscou minha boca outra vez. Concentrei toda a minha sede naquele beijo. Ele se afastou por um segundo, arrancando a camiseta antes de retomar nosso beijo. Meus mamilos molhados e intumescidos estavam pressionados contra o peito dele, e eu quis chorar de alegria.

Precisava dele mais perto. Eu me esfreguei nele com mais força e minha respiração ficou alterada. Eu precisava chegar lá. Não conseguia me controlar. Havia um desejo dentro de mim tomando conta de todo o resto.

A mão de Tripp entrou na parte de baixo do meu biquíni. Eu parei de me mexer e tomei uma golfada de ar. Ele ia me tocar. Ali. Ah, meu Deus.

– Confia em mim?

Respondi que sim balançando a cabeça, mas não estava respirando. Quando o dedo dele escorregou entre meus lábios lá de baixo, todo o meu corpo estremeceu.

– Ah, meu Deus! – gritei, sem conseguir me conter.

– Shhhh. Calma, gata. Você está toda molhadinha – disse ele enquanto seu dedo escorregava fácil.

Abaixei a cabeça, ficando encabulada. Eu devia estar tão molhada? Ele estava com nojo?

– Bethy, minha linda, olhe para mim – pediu Tripp, usando a mão livre para levantar meu queixo.

Eu me forcei a fazer o que ele queria, e o calor dos olhos dele me fez retomar o fôlego.

– Estar molhadinha é algo bom. Significa que você me quer tanto quanto eu quero você.

Naquela hora, eu acreditaria em qualquer coisa que ele dissesse.

– Eu quero provar você – disse ele, tirando o dedo de dentro de mim. Eu tinha ouvido falar disso. Eu sabia que as pessoas faziam isso, mas não sabia por quê. – Posso? Deixa?

Eu queria que ele se divertisse tanto quanto eu. Se ele queria me provar, eu deixaria.

Fiquei deitada de costas enquanto ele botava a cabeça entre as minhas pernas. Eu estava nua. Nenhum cara jamais tinha me visto nua. Fiquei muito nervosa, mas Tripp não percebeu. Ele estava totalmente concentrado na minha zona proibida. Abriu as minhas pernas, e a luz nos olhos dele ficou mais intensa. Aquilo lá embaixo não podia ser atraente. Por que será que ele parecia gostar tanto?

Estava com o dedo dentro de mim outra vez, mas agora era diferente. Eu estava completamente entregue.

– Você é linda – disse ele num sussurro enquanto seu dedo escorregava.

– Ah, Tripp... – exclamei, enquanto meus quadris se mexiam involuntariamente ao seu toque.

– Hummm. – Ele fez, antes que sua língua quente me tocasse.

– Aaaahhhhhh! – gritei nessa hora. Era muito mais gostoso do que sentir o dedo dele.

– É mais deliciosa do que eu imaginei – disse ele contra minha carne trêmula, e então me lambeu outra vez. Eu não conseguia respirar. Eu estava perdida. Aquilo era demais para mim.

A boca de Tripp começou a me provar com um abandono selvagem. Ele enfiou a língua em mim, entrando e saindo, circundando minha área mais sensível. Cada vez que ele tocava aquele ponto, eu gritava o nome dele. Não podia evitar.

Aquela sensação crescente por dentro tomou conta de mim. Eu queria mais. Se eu morresse daquilo, não me importaria. Valeria a pena. Eu só queria mais. Tinha a sensação de que estava prestes a cair, mas não sabia onde.

– Tripp! – exclamei, agarrando os ombros dele.

– Goza para mim, gata. Eu quero sentir seu gosto – disse ele, subindo a mão até cobrir meu seio.

Por um segundo, foi como se o mundo em volta tivesse explodido.

Tripp

Hoje

Ela fingiu que eu não existia. E aquilo foi deliberado. Sorrindo sozinho, parei de olhar para ela com tanta atenção e me concentrei em Woods, enquanto ele se sentava ao meu lado.

– Tudo bem com você?

Era a pergunta que ele sempre fazia, especialmente depois do que contei sobre meu passado com Bethy.

– Tudo – respondi, não querendo estragar o fim de semana dele. – Pronto para ser enforcado?

Ele sorriu e virou o olhar para Della, que estava de pé no bar, servindo-se de água.

– Mais do que qualquer outra coisa na vida. Eu teria me casado antes se ela tivesse deixado. Mas Della merece um casamento de contos de fada. E eu queria dar isso a ela.

Della se virou para olhar para Woods, como se soubesse que estávamos falando dela, e sorriu docemente.

Ele bateu no meu joelho e levantou.

– Legal falar com você, mas eu preciso ver os detalhes finais do casamento com a minha linda noiva na sala lá de trás.

Woods se foi antes que eu pudesse responder. Tinha certeza de que ele não ia *conversar* com Della. Dando uma risada, voltei minha atenção para Bethy, que estava sentada entre Harlow e Blaire. Sorrindo. Ela estava feliz. Sentia uma saudade danada daquele sorriso. Ele nunca sorria para mim agora.

Grant se sentou ao lado de Harlow, com sua pequenina aninhada perto do peito. Harlow disse algo para ele, que sorriu e se inclinou para dar um selinho nos lábios dela. Eu observava Bethy enquanto ela se embalava na alegria deles. Não havia ressentimentos em seu rosto. Havia nostalgia. Isso me fez sentir pena. Detestava saber que Bethy estava solitária. Detestava que ela não deixasse eu me aproximar.

A voz do piloto surgiu no sistema de som e anunciou a decolagem. Rush aproximou-se e pegou a mão de Blaire, levando-a para se sentar com ele numa área mais privada. Bethy pareceu perdida naquele momento. Como se não estivesse certa sobre onde se colocar.

Thad tomou o lugar vago ao lado dela e disse qualquer coisa para fazê-la sorrir. Eu queria ao mesmo tempo fazê-lo engolir aqueles dentes de menino bonito e agradecer-lhe. Ele viu o mesmo que eu e correu para ajudá-la. Ela o aceitaria. *Ele* não havia partido seu coração.

Eu me reclinei no assento e afivelei o cinto. Deitei a cabeça no encosto e fechei os olhos. Não poderia ficar sentado ali vendo Thad entreter Bethy pelas duas horas seguintes. Assistir àquilo seria difícil demais.



Quando Della e Woods disseram que seríamos acomodados em cabanas privativas, fiquei esperando algo menos luxuoso. Aquilo era muito diferente de uma cabana. Eu estava dentro de

uma pequena casa assentada diretamente à margem de um mar azul e cristalino. Havia um caminho para a parte central da ilha e para as outras “cabanas”. Durante o dia, paredes de vidro proporcionavam uma vista incrível. À noite, paredes de pedra desciam ao toque de um botão a fim de dar privacidade aos hóspedes.

A cama king size que ficava no centro do quarto era cercada por um troço branco translúcido que pendia do teto. Botei minha mochila de lona em cima da cama e fui dar uma olhada no lado de fora. Aquilo era definitivamente um conto de fadas. Woods não estava brincando.

Um movimento à esquerda chamou minha atenção, e eu me virei a tempo de ver Bethy saindo da cabana ao lado, vestindo um biquíni. Como ela ainda não havia me visto, dei um passo para dentro, para longe do seu campo de visão. Observei-a passar protetor solar antes de se deitar na espreguiçadeira dupla. Havia apenas duas cabanas em cada uma das vinte extensões da ilha. Minha única vizinha era Bethy. Ela não ia gostar disso, mas eu não deixaria que ela soubesse imediatamente. Esperaria até ser tarde demais para ela pedir outra cabana.

Sentei num incrível pufe dentro do quarto, de onde podia ver seu rosto sem que ela me visse. Ela olhou ao redor uma vez, e eu sorri do meu canto escondido. Então ela se virou e tirou a parte de cima do biquíni. Porra. Só de saber que teria uma vista dos peitos dela se ela levantasse era suficiente para me manter na ponta dos pés. Mentalmente, rezei para que ela se esticasse para pegar alguma coisa.

Uma vez, ela desfez os nós do biquíni para mim. Mas eu perdi aquela garota, junto com aquele seu olhar adorável. Uma dor atravessava o meu peito sempre que eu pensava que jamais a teria outra vez. Eu não podia mentir: já havia procurado por aquele sentimento em outras mulheres. Mas elas não eram Bethy.

Precisei de seis longos anos para encarar o fato de que eu jamais desejaria outra pessoa. Voltando para Rosemary Beach e vendo-a com Jace, disse a mim mesmo que a felicidade dela seria suficiente para mim. Mas não foi assim. Eu queria mais. Então deixei Rosemary Beach mais uma vez, para não destruir o que ela havia construído com ele.

Mas minha partida não ajudou em nada. Apenas piorou as coisas. Eu não deveria ter voltado, mas foi o que fiz e não podia mudar isso agora.

Eu não deixaria Bethy outra vez.

Bethy

Foi tudo mais fácil do que eu esperava. A paz e o silêncio eram perfeitos. Eu sentia o calor do sol em meus braços e minhas pernas enquanto caminhava em direção ao luau na parte principal da ilha. Ainda não era o jantar do ensaio geral. Este só aconteceria na noite seguinte. Aquela era a versão de Della e Woods das despedidas de solteiro. Woods foi inflexível quanto a não fazer uma e também não quis que Della fizesse a sua. Queria festejar com os amigos como casal, e não com comemorações separadas.

Os biquínis de coco e as autênticas saias de capim que Della enviou para nossas cabanas foram uma surpresa. Devo admitir que eles eram mais confortáveis do que eu podia imaginar. Eu estava contente por ter me bronzeadado um pouco antes de vestir aquilo.

Tochas de bambu iluminavam o caminho até o grupo reunido.

– Olá, Bethy.

A voz de Tripp me assustou. Ele estava usando apenas uma bermuda. Tinha diversas tatuagens agora. Como eu não queria estudá-las ou admirá-las naquele momento, desviei o olhar.

– Oi – respondi calmamente.

Ignorá-lo naquela ilha seria desconfortável para todo mundo. Eu não queria fazer isso com Woods e Della. Era hora de eu passar por cima de tudo e terminar com toda aquela história envolvendo Tripp.

Como se lesse meus pensamentos, ele me deu espaço e caminhamos em silêncio até o grupo. Lá, Tripp foi direto para o bar, sem olhar na minha direção. Fui na direção oposta e encontrei Blaire e Della tomando coquetéis de frutas.

– Rush adorou o figurino. Ele disse que seria eternamente grato a você – dizia Blaire, sorridente, quando cheguei. Eu podia imaginar quanto Rush estava animado com o biquíni de cocos e a saia de capim que Blaire vestia.

– Oi, Bethy – cumprimentou Della em meio a risadas. – Parece que os rapazes estão muito felizes com os trajes femininos desta noite. Bem, exceto por Grant. Harlow me mandou uma mensagem de texto dizendo que estava tendo dificuldades em sair da cabana vestindo aquilo. Grant estava bancando o ogro quanto a ela vestir aquilo em público.

Era a cara de Grant. Ele era festeiro e irresponsável até Harlow entrar na vida dele. Agora, era um pai protetor e um marido possessivo. Combinava com ele.

– E então, gostou da sua cabana? – perguntou Della, como se estivesse pronta para ouvir uma queixa.

– Achei fabulosa. Parece mais um paraíso particular.

– Ótimo. Estou contente que tenha gostado. Ocupamos todas as cabanas na ilha. Quero que todos estejam contentes com suas acomodações.

– Este lugar é maravilhoso – assegurei a ela.

– Rush e eu estamos na ilha central – disse Blaire, tomando um gole de seu drinque. – As cabanas próximas ao mar são incríveis, mas eu não seria capaz de dormir à noite. Ficaria

neurótica achando que Nate poderia cair na água.

Blaire olhou por sobre o meu ombro e então olhou de novo para mim com o rosto franzido.

– Bethy, o que está acontecendo entre você e Tripp?

Só a Blaire mesmo para me perguntar diretamente. Eu havia evitado essa questão tantas vezes que já tinha perdido as contas.

– Nada – respondi, me sentindo culpada por não falar a verdade.

– Você está mentindo para mim. Posso ver isso no seu rosto. Tripp observa cada movimento seu.

Della tinha um olhar apreensivo agora. Ela sabia de alguma coisa. Tripp e ela eram bons amigos. Ele foi o motivo de ela ter ido para Rosemary Beach, para começo de conversa. Senti muito ciúme dela. Também me odiei por isso. Foi difícil fingir que não me importava na época em que ela ocupava o apartamento de Tripp no condomínio. Mas não demorou mais do que duas semanas para ficar evidente que Della queria Woods.

– Bethy, olhe para mim – disse Blaire em voz baixa. – Aconteceu alguma coisa entre você e Tripp?

Eu estava cansada de fingir que não havia nada.

– Há muito tempo. Antes de ele deixar Rosemary Beach pela primeira vez – admiti.

Della soltou um suspiro, e vi alívio em seu rosto. Ela sabia, mas não disse nada. Nem mesmo para Blaire.

– Imaginei. Era a única coisa que fazia sentido – disse Blaire, estudando alguém atrás da fogueira. Eu não precisei olhar para saber que se tratava de Tripp. – Foi sério?

– Foi – respondi.

Eu não podia contar mais nada a nenhum deles. Era um segredo que doía demais revelar. Foi o meu maior erro. Eu jamais me perdoaria. Cada vez que segurava Nate e Lila Kate, eu sabia que jamais seria digna de ter filhos. Eu não podia me perdoar. Como poderia esperar que alguém pudesse?

– Mas isso foi há muito tempo. Por que você tem tanta raiva dele? – perguntou Blaire.

Porque ele me fez questionar meu amor por Jace. Por que ele me lembrou que eu uma vez tive algo sério. Algo imenso. Ele me lembrava que o que eu sentia por Jace não era tão grande. E eu me odiava por isso. Eu o odiava por isso.

– Eu não posso falar sobre isso. Por favor, vamos mudar de assunto?

Não esperei por uma resposta. Forcei um sorriso na direção de Della, me virei e me afastei delas. Queria ficar um pouco sozinha. Queria me recompor e fingir que estava bem.

Ouvi passos atrás de mim. Blaire era persistente. Eu só desejava que, por um momento, ela ficasse longe. Que me deixasse lidar com aquilo sozinha.

– Não, Blaire.

Era a voz de Tripp. Eu não sabia se devia correr e fazer uma cena ou encarar a situação. Encarar Blaire era mais fácil do que encarar Tripp.

– Não insista com ela – disse Tripp num tom de voz severo.

Blaire soltou um suspiro frustrado.

– Ela precisa conversar com alguém.

– Ela vai conversar quando estiver pronta. Deixe-a em paz.

O tom de voz de Tripp me surpreendeu. Blaire, por sua vez, o encarava como se o desafiasse.

– Tudo bem, mas eu também não estou certa de que ela queira falar com você – retrucou ela.

– Ela não quer. Eu sei disso. Por isso mesmo, não a estou forçando a falar.

Tripp deu um passo, colocando-se entre mim e Blaire. O muro que eu ergui sofreu um pequeno abalo com aquela iniciativa. Eu não precisava ser protegida de minha melhor amiga, mas queria um pouco de paz. Blaire compreendeu e voltou para a festa.

Tripp se voltou para mim e nossos olhares se encontraram.

– Você está bem?

Só consegui encolher os ombros.

– Isso foi um sim?

Eu estive mentindo para todos por muito tempo. Estava cansada daquilo. Não, eu não estava bem. Eu era uma pessoa horrível. Eu precisava conviver com isso. Eu precisava viver com a dor e a destruição que eu havia causado. Eu jamais ficaria bem.

– Obrigada por... aquilo.

– Sem problema – respondeu Tripp, se afastando.

Ele não ficou ali, me obrigando a falar. Outro abalo no meu muro. Isso não era bom.

Mais do que nunca, eu precisava do meu muro.

Tripp

Bethy voltou ao luau 15 minutos depois, com um sorriso nos lábios, mas sem felicidade nos olhos. Ninguém pareceu perceber esse detalhe além de mim.

Ela dançou com Thad e um pouco com Blaire. Segurou Lila Kate no colo por um tempo. Vê-la falar com a criança e embalá-la em seus braços doeu demais, mas eu não conseguia desviar o olhar. Eu não culpava Bethy. Ela era jovem e estava assustada. Seu pai ausente não a apoiava. Ela não estava pronta para ser mãe na época. E eu não estava por perto para ficar ao lado dela.

Mas eu me culpava. Perdoar os outros era fácil. Perdoar a mim era outra história.

Uma das atendentes, que sempre voltava para flertar comigo, apareceu de novo.

– Vou estar livre em cinco minutos – sussurrou ela na minha orelha.

A moça era alguns anos mais nova do que eu. Seus cabelos loiros e compridos contrastavam com o bronzado. Ela era atraente, sem dúvida. Thad olhou para ela a noite inteira, mas ela preferiu a mim.

– Bom descanso – respondi casualmente, sem tirar os olhos de Bethy. Ela estava devolvendo Lila Kate ao pai. Grant não liberava muito aquela criança.

– Na verdade, estou pronta para me divertir. Talvez nadar, se eu tiver uma boa companhia – comentou ela, enquanto corria a mão pelo meu braço.

Ela passou o dedo em uma das minhas tatuagens. Era a primeira que eu havia feito, e as mulheres pareciam gostar mais dela. O que elas não percebiam era que, sob aquele desenho tribal que cobria a maior parte do meu braço esquerdo, estavam numerais romanos que marcavam a data mais importante para mim.

– Você notou a data escondida sob o desenho? – perguntei à garota, sem olhar para ela. Queria ver se Bethy estava indo embora.

– Humm... aqui? – perguntou ela, seguindo os numerais.

– Isso – confirmei, enquanto Bethy ria de algo que Thad lhe dissera.

Foi forçado. Ela estava fingindo. Eu conhecia o som de sua verdadeira risada.

– 28 de junho de 2008 – disse ela, quando seu dedo alcançou o último número. – O que isso significa? Não pode ser o seu aniversário.

– Foi a noite em que entreguei meu coração àquela mulher ali.

Foi a noite em que Bethy foi minha.

O dedo da garota parou de seguir a tatuagem e se recolheu. A princípio, ela não falou nada. Achei que tivesse ido embora. Era o que eu esperava.

– Ela não falou com você a noite inteira. Pensei que você fosse solteiro.

– Ela me odeia há oito anos, mas isso não muda nada.

Como se tivesse me escutado através da fogueira, Bethy levantou os olhos e encontrou os meus. Vi seu peito se encher e esvaziar rapidamente. Ela desviou o olhar para a garota ao meu lado antes de se virar. Sua postura tensa não me preocupou. Na verdade, eu queria gritar. Bethy estava com ciúmes. Ou pelo menos havia sido afetada por ter me visto com outra pessoa.

Já era um começo.

– Ela não parece interessada – comentou a garota.

– Isso não muda nada – repeti.

Eu estava cansado de superficialidade e sexo casual. A garota suspirou e finalmente se afastou de mim.

– É uma pena. A gente poderia ter se divertido.

Não. A gente teria tido mais uma manhã vazia.

Deixei que ela fosse embora sem comentar sua última tentativa de capturar minha atenção. Bethy não me olhou de volta. Quando ela começou a andar, caminhei na mesma direção.

Antes que eu pudesse dar outro passo, uma mão pousou no meu ombro: Rush. Ele estava ali para me dar uma bronca por ter discutido com a mulher dele?

– Bethy – disse ele e eu não respondi, porque não sabia o que ele queria dizer. – Ouvi o que você disse à atendente. A data no seu braço. Foi no verão antes de você partir. Você estava falando sobre a Bethy.

– Sim – resmunguei.

Bethy tinha ido para sua cabana junto ao mar.

– Bem, agora isso faz alguma porra de sentido – cochichou Rush enquanto eu saía.

Bethy não pareceu perceber que estava sendo seguida. Manteve a cabeça baixa enquanto caminhava ao longo da orla, passando por minha cabana.

Fiquei a observando. Ela cruzou os braços sobre a barriga ao olhar ao longe, sobre a água. Fui para trás da sombra de uma palmeira. Ela deixou cair a cabeça para trás e fechou os olhos. Desejei poder fazer com que ela falasse comigo. Eu queria dizer tanta coisa. Queria abraçá-la e lamentar o que havíamos perdido. Mais do que tudo, eu a desejava na minha vida. De qualquer maneira que ela permitisse.

– Eu sei que você está aí. Você sempre está. Não sei como lidar com isso, Tripp.

As palavras de Bethy me arrancaram dos meus pensamentos e eu saí do que havia imaginado ser meu esconderijo. Ela se virou para me ver. Havia muita dor em seus olhos. Eu queria curar aquilo. Extirpar aquilo.

– Podemos conversar?

Ela balançou a cabeça e virou o olhar.

– Haverá mágoa em qualquer coisa que a gente disser. Por que você quer trazer tudo isso de volta?

– É o primeiro passo para a cura. Nem tudo é doloroso – respondi a ela. Porque não era. Tínhamos lembranças que me ajudaram a atravessar os tempos mais difíceis.

– Você quer aquela garota que deixou para trás. Eu não sou mais essa pessoa! Você não entende? Ela se foi. Eu a perdi. Eu fiz escolhas que me tornaram uma pessoa horrível. Eu não valho todo esse tempo e essa energia que você está desperdiçando.

Porra. Dei um passo na direção dela, e ela deu um passo para trás.

– Você está errada nisso. Eu não quero aquela garota de 16 anos que eu deixei para trás. Eu quero a mulher que ela se tornou. A mulher gentil, solidária, fiel e forte que eu observo de longe todos os dias da minha vida. Eu quero essa mulher. Nada mudou para mim.

Bethy soltou uma risada dura que me fez recuar. Ela estava carregada de dor e raiva.

– Eu abortei nosso bebê, Tripp. Depois transei com caras que não davam a mínima. Até que Jace viu algo que valia a pena em mim. Ele me amou. Aí você voltou a Rosemary Beach e meu coração idiota caiu na sua e voltou à vida. Jace me amava e queria uma vida comigo, mas você estava invadindo meus sonhos e pensamentos. Eu não posso mudar isso. Ele se foi, e eu não

posso consertar isso...

– Pare com isso. Você era uma menina, Bethy. Uma menina assustada. E fez a única coisa que poderia fazer. O que sua tia queria que fizesse. Aquela decisão foi por minha culpa. Eu que tenho de carregar essa cruz. Você dormiu com outros caras porque queria enterrar a dor. E Jace foi inteligente o bastante para ver a beleza dentro de você e desejou tê-la na vida dele. Ele amou você e você o amou. Minha volta à cidade trouxe velhas lembranças que você desejava ter esquecido. Você não traiu Jace. Você o amava. Eu apenas era uma parte do seu passado. Não se culpe por isso. Você não fez nada errado.

Bethy voltou o rosto coberto de lágrimas para mim. Seu olhar me disse que eu tinha razão, que eu não havia sido seu único amor. Eu jamais havia sentido aquilo por outra pessoa. Mas ela sentiu. Seu coração seguiu em frente.

– Eu o amei – disse ela com um sorriso triste. – Eu o amei muito. Quando vi você outra vez, algo em mim despertou. E isso é algo que eu preciso aceitar. Ele merecia tudo de mim, e isso ele nunca teve.

Eu não tinha uma resposta para aquilo. Bethy se virou e retornou à sua cabana. Eu não me mexi. Continuei ali por uma quase eternidade, fitando o ponto onde ela havia estado.

Ela amou Jace. Eu via isso nos olhos dela. Ele a fazia feliz. Cada vez que ele dizia que a amava e ela se derretia em seus braços minha alma se despedaçava um pouco mais.

Mas ela também acabou de dizer que eu ainda tinha um pedaço do seu coração. Será?

Bethy

Quando saí na manhã seguinte para o café da manhã e o spa das damas de honra, as paredes da cabana de Tripp ainda estavam abaixadas. Imaginei que ele ainda estivesse dormindo. Depois do que eu disse, esperava que ele fosse aparecer à minha porta na noite passada. Mas ele não ia me pressionar. Ele sempre quis me proteger. Até dele mesmo. Isso era uma das coisas que eu amava nele quando era jovem.

Ninguém jamais havia realmente desejado me proteger além de tia Darla, e às vezes ela não se saía muito bem. Tripp era o meu herói naquela época. Ele se importava comigo e cuidava para que eu soubesse disso. As iniciativas dele eram tudo de que eu precisava. Ele continuava fazendo aquilo.

Senti outro abalo no meu muro. Que inferno, meu muro estava desabando rápido. O que eu faria quando ele finalmente caísse? Como eu reagiria? Talvez Tripp e eu precisássemos de um fim para podermos seguir adiante. Encontrar uma vida que nos permitisse recomeçar do zero. Um lugar onde velhas lembranças não nos assombrassem.

– Bethy! – Blaire chamou meu nome.

Ela estava usando um vestido leve de grife e saltos. Ambos deviam custar mais que meu guarda-roupa inteiro. Vê-la toda arrumada me fez sorrir. Lembrei da garota de jeans e regata que um dia eu conheci.

– Bom dia. Você parece pronta para desfilar numa passarela!

Blaire fez uma careta.

– Eu sei. Rush me faz gastar dinheiro em roupas. Só faço isso por ele.

– Não invente desculpas. Assuma que gosta! – provoquei.

Blaire franziu a testa e tomou minha mão, ficando séria comigo de repente. Eu não queria discutir isso, mas, conhecendo Blaire, aquilo a havia preocupado a noite toda. Precisava deixá-la falar, para que ela pudesse se sentir melhor.

– Sinto muito por ontem à noite.

– Eu também. Estava num momento ruim.

Blaire inspirou profundamente.

– Eu não queria fazer você me dizer algo que não quisesse. Mas vou estar aqui quando quiser falar sobre... qualquer coisa.

– Obrigada.

Na noite passada, havíamos sido óbvios demais. Pelo menos para Blaire. Lentamente, nossos amigos começavam a questionar nosso passado. Mas falar sobre aquilo significava contar tudo a eles. Eu só não estava pronta ainda.

Antes disso, Tripp e eu precisávamos resolver pendências do passado. Parte de mim esperava que ele fosse embora e desistisse. Mas, no fundo, sabia que não era o caso.

Blaire apertou os lábios com firmeza, como se tentasse segurar milhões de perguntas. Ela finalmente sorriu e me puxou para um abraço.

– Eu amo você. E estou aqui. Tudo bem?

Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Eu também amo você.

– Vamos comemorar com Della.

– Vamos. Estou faminta. Espero que o café desta ilha seja ótimo.

Blaire riu.

– Nate vai chegar hoje à noite. Ele vai ficar muito feliz quando encontrar a tia Bethy – disse ela, dando tapinhas no meu braço.

Tia Bethy estava pronta para vê-lo também.

Tripp

Oito anos antes

Bethy ainda não conhecia a minha casa. Tínhamos passado a maior parte do nosso tempo juntos bem longe da cidade, de modo que ninguém pudesse nos ver. Mas o pai de Bethy passaria a noite fora, e eu não a deixaria sozinha. Torci feito louco para que Woods e seus amigos não aparecessem.

A ideia de ter Bethy na minha cama, dormindo a meu lado, fazia qualquer risco valer a pena. Eu estava com sua bolsa de viagem na mão quando abri o apartamento. Ela entrou olhando ao redor. Não era um lugar muito grande, mas era mais bonito que o lugar onde ela vivia. Eu sabia disso.

– Está com fome? – perguntei, colocando a mão nas suas costas, porque precisava tocá-la.

Ela balançou a cabeça.

– Não muita. Dá para ver o golfo daqui? – perguntou ela, apontando as portas da sacada.

– Dá – respondi, deixando a bolsa em um banquinho do bar e a levando até a sacada.

– É muito bonito, Tripp – disse ela, admirada.

– Sim, meu avô é bem generoso – concordei. – Meus pais o odeiam por isso.

Ela foi até a sacada.

– É uma vista fantástica.

Seus cabelos longos e escuros foram pegos pela brisa, e o luar iluminou suas curvas. Ela estava certa. A vista era incrível. Fui até a espreguiçadeira.

– Venha se sentar aqui comigo.

Ela veio sem pestanejar. Desde aquela noite na praia, Bethy havia perdido parte de sua reserva comigo. Não fiz muito mais que beijá-la e tocá-la na semana passada, mas apenas porque não sabia se seria capaz de parar se deixasse rolar daquele jeito outra vez.

Eu a envolvi em meus braços e entre minhas pernas, para que ela pudesse se reclinar sobre o meu peito. Na maioria das vezes, tê-la em meus braços já bastava. Em outras, eu precisava tocá-la e ver seu rosto enquanto a fazia gemer. Ela era tão expressiva. Eu precisava daquilo, embora passasse a maioria das noites controlando minha ansiedade. Eu precisava me aliviar sozinho. Não podia pedir isso para ela.

– Tem certeza de que não está com sede nem nada? – perguntei enquanto desenhava círculos nos braços dela com meus dedos.

– Estou bem – respondeu ela, aconchegando-se mais em mim. – Podia ficar assim para sempre.

Eu também. Tê-la ali comigo, sem precisar dividi-la com o resto do mundo, era perfeito. Eu não queria que a manhã chegasse.

– Semana que vem já será julho.

A tristeza em sua voz era perceptível.

– Pois é. O verão está passando muito rápido.

Eu não queria falar sobre minha partida. Eu não estava pronto para aquilo. Não queria deixá-la. Eu sabia que ela estava pensando no outono. Quando eu precisaria ir.

– Eu tenho medo de não conseguir esquecer você.

As palavras dela me tiraram dos meus próprios pensamentos sombrios. Por que ela iria

querer me esquecer? Aquele não era o meu plano. Se ela me esquecesse, será que ficaria com outro cara? Outro homem, que a tocaria e a levaria ao orgasmo? Porra, não. Apertei meu abraço.

– Por que você precisa me esquecer? – perguntei, tentando não deixar o pânico que eu sentia alcançar as palavras.

Ela jogou a cabeça para trás e me encarou.

– Você também vai seguir em frente. Eu serei apenas uma lembrança de verão.

Bethy jamais seria apenas uma lembrança de verão. E eu não queria compartilhá-la com ninguém. Eu quebraria as mãos de quem a tocasse. No entanto, não podia garantir nada, porque eu iria embora no outono. Eu precisava ir. Meu futuro não estava em Rosemary Beach, e ela era jovem demais para ir comigo.

– Eu não quero que você siga em frente – disse sinceramente, enquanto deslizava minha mão para dentro da camiseta dela. A respiração de Bethy acelerou quando cobri um dos seus seios com minha mão. – Eu não gosto da ideia de outra pessoa tocando você.

Ela soltou um suspiro entrecortado, e eu baixei seu sutiã. Ela era maravilhosamente perfeita.

– Hummm, Tripp...

– Eu só quero fazer você sentir isso – disse, segurando seu mamilo entre o dedão e o indicador.

Deslizei a mão para baixo, até seu short, e suas pernas se abriram na hora. Sorrindo, beijei a lateral da cabeça dela enquanto olhava seus cílios se fecharem.

Como sempre, Bethy já estava molhada, a ponto de sua calcinha estar úmida. Ela ficava assim comigo. Isso era incrivelmente excitante. Até ficar com Bethy, eu não sabia como era ter uma garota assim. E havia ainda o cheiro dela. Só de pensar no cheiro dela eu já ficava duro.

Ela levantou os quadris e gemeu quando deslizei um dedo em torno do clitóris. Aquele era o ponto favorito dela. Eu tinha lido o suficiente em revistas para saber fazer aquilo direitinho.

– Tire o short e a calcinha – pedi.

Queria ver minha mão brincando ali. Quando as roupas se foram, ela estava deitada de costas para mim outra vez, com as pernas abertas. Levantei a mão e lambi aquele gostinho na ponta dos meus dedos. Ela viu tudo isso com olhos arregalados.

– Você tem um gosto delicioso – disse a ela. – Levante. Eu quero você nua.

Era uma má ideia. Eu não havia ficado com ela nua desde aquela noite na praia, e foi quando desejei loucamente penetrá-la. Eu sabia que ela me deixaria se eu pedisse. Não podia fazer isso com ela. Eu ia embora. Eu não merecia a virgindade dela. Mas, porra, eu a queria para mim.

Ela levantou a camiseta e a atirou longe, enquanto eu tirava seu sutiã.

Depois se recostou outra vez, completamente nua nos meus braços. Foi a visão mais arrebatadora e erótica que eu já havia visto. Eu só tinha dormido com quatro garotas e visto umas sete nuas, então minha experiência não era grande, especialmente comparando com Rush, Grant e Woods. Mas eu sabia que aquela noite com Bethy iria me marcar pelo resto da minha vida.

Bethy

— Você confia em mim? — Tripp me perguntou.

A essa altura eu já sabia que, quando ele perguntava isso, estava prestes a tentar algo novo. E também sabia que eu ia achar maravilhoso. Mas isso ainda me deixava nervosa. Respondi que sim e me preparei.

— Levante outra vez.

Obedeci. Ele tirou sua camiseta, e eu senti um alívio. Não estava gostando de ser a única nua. Nunca havia visto Tripp nu. Ele sempre tirava só a camiseta. As mãos deles foram até a bermuda e eu prendi a respiração.

— Vou só abrir o zíper. Quando a gente fica fazendo essas coisas... fica apertado e dolorido lá embaixo. Eu preciso deixá-lo mais livre — disse ele, me observando de perto.

Concordei, mas ainda não conseguia respirar. Não por estar assustada quanto ao que ele ia fazer, mas porque eu desejava muito vê-lo. Eu sentia aquele volume através dos jeans, mas nunca havia visto nada.

Ele abriu o zíper e baixou a bermuda. Depois, me puxou para sentar de novo entre suas pernas. A única coisa entre minha bunda e a ereção dele era o algodão fino de sua cueca boxer.

Gente...

Aquela rigidez era diferente sem a bermuda por cima. Era maior do que eu imaginava. Isso me assustou e excitou ao mesmo tempo.

— Bethy, linda, relaxa. Minha cueca vai ficar aqui. Eu juro.

Ele pensou que eu estava preocupada com o fato de que ele fosse pressionar para transar comigo. Ele não teria que pressionar muito. Eu estava à mercê dele. Se Tripp me pedisse para fazer qualquer coisa, eu faria. Essa era a verdade crua e patética.

— Eu sei — concordei.

— Legal, agora deite aqui e deixe eu tocar em você — disse ele no meu ouvido.

Vê-lo tirar a roupa me excitou muito. Meu tesão se espalhou para dentro das minhas coxas, e abri-las outra vez para que ele pudesse constatar isso seria humilhante. Talvez eu pudesse dizer que precisava ir ao banheiro. Mas daí eu teria que atravessar o apartamento pelada. Não era uma boa ideia.

A mão de Tripp estava no meu joelho. Ele começou a abrir minhas pernas outra vez. Apertei os olhos enquanto cedia àquelas carícias. Quando sua mão chegou lá, ele parou ao me tocar. Eu queria me meter num buraco qualquer.

— Ah, porra! — grunhiu ele, e seus dedos começaram a se mover outra vez. Ele colocou dois dedos dentro de mim desta vez, e sua respiração acelerou. — Meu Deus, gata, quando acho que não é possível ficar com mais tesão, você se abre para mim outra vez, pingando desse jeito. Que tesão, Bethy. Você vai me matar.

Eu gostava quando ele falava assim. Parecia sujo, mas eu gostava. Quando Tripp dizia essas coisas, com a voz sussurrada, meu corpo todo reagia. Sua outra mão deslizou e tocou o interior

da minha coxa. Ele resmungou outro palavrão.

– Foi porque eu tirei a bermuda? – perguntou ele no meu ouvido.

Eu não sabia o que responder. Eu não sabia ao certo como aquilo havia acontecido. Ele meteu os dedos de novo dentro de mim.

– Tem ideia da vontade que tenho de penetrar você? De me sentir todo dentro de você? De saber que você é minha e que ninguém pode ter o que eu tenho? Você é tão apertadinha e gostosa. Seria o mais perto do céu que eu jamais poderei chegar.

Ah, meu Deus. Aquelas palavras. Eu ofegava enquanto sentia o hálito dele na minha orelha. Ele me mantinha aberta com uma das mãos e deslizava o dedo úmido suavemente, para dentro e para fora.

Eu estava tendo dificuldade para respirar.

– Monte em mim, Bethy. Quero sentir você assim.

Levantei uma perna, e ele me encaixou até que eu estivesse em cima daquela ereção evidente. Ele jogou a cabeça para trás e gemeu quando sentei em cima dele. Vê-lo assim só me fez formigar ainda mais forte lá embaixo, o que eu sabia que me faria ficar ainda mais molhada.

– Porra, eu quero sentir isso sem a cueca. Você confia em mim? – perguntou ele, abrindo os olhos e me encarando.

Eu concordei. Se ele quisesse estar dentro de mim, eu deixaria. Eu amava Tripp. Não havia dúvida na minha cabeça que sempre o amaria. Mesmo quando ele fosse embora, eu o amaria. Dar minha virgindade a ele era algo que eu queria.

– Tudo bem. Vamos ter que tomar cuidado. Você está escorregadia e eu não quero estragar tudo.

Fiquei de pé enquanto ele tirava a cueca. Seu pau era grande e grosso, a cabeça estava vermelha e parecia inchada. Queria tocá-lo, mas não sabia se podia.

– Vem aqui... – disse ele, mantendo sua rigidez para baixo, de modo que não apontasse para cima.

Quando senti o calor de sua pele em contato com a minha, arfei e pressionei meu corpo contra o dele. As mãos de Tripp agarraram meus quadris, e ele disse um palavrão baixinho. Explosões irrompiam pelo meu corpo e eu precisava de mais. Sabia aonde aquilo estava me levando e isso me deixou zozado de desejo.

Mexi lentamente os quadris, deslizando para cima e para baixo em toda a extensão dele. Eu não estava tocando a cabeça, mas estava me esfregando até seu limite. Aquilo era fantástico.

– Caralho! – disse Tripp entre os dentes.

Pressionei minha testa contra a dele e olhei diretamente em seus olhos, entrando no ritmo. Eu já tinha experimentado suas mãos e sua boca me tocando, mas nada era mais delicioso do que vê-lo perder o controle e cair na mesma escalada de delírio para onde ele sempre me levava.

– Meu Deus, Bethy... – disse ele, arfando, puxando meu lábio inferior para sua boca e chupando.

Rebolei com mais força. Seu gemido veio mais forte quando deslizei até a ponta, mais sensível, me fazendo querer mais.

– Mais devagar, gata, por favor – pediu ele, ofegante.

Não podia ir mais devagar. Estava perto demais. Consegui deslizar sobre a cabeça outra vez, antes de Tripp me pegar no colo. Aterrissei de costas no sofá dele. Ele agora estava em cima de mim, com a boca devorando a minha enquanto eu o puxava para mais perto. A ponta do pau dele me tocou. Deixei as pernas caírem abertas e levantei os quadris para senti-la outra vez.

Tripp arrancou sua boca da minha com um protesto sutil e agarrou seu membro rígido com

a mão. Eu olhei enquanto ele corria a cabeça para cima e para baixo da minha entrada, então tocava meu ponto mais sensível antes de repetir aquele movimento.

– Tão molhada. Eu escorregaria tão fácil para dentro – disse ele, tão baixinho que eu quase não consegui ouvir. Ele levantou o olhar. – Olhe que lindo. Você toda molhadinha, pronta para mim.

Eu estava quase explodindo. Agarrei seus braços e comecei a repetir seu nome, vendo que ele aumentava a velocidade. Parei de respirar em algum momento, e então meus sentidos explodiram em um milhão de cores cintilantes. Um calor cobriu minha barriga e eu tremi quando ele gritou o meu nome.

Piscando, voltei à Terra e olhei para Tripp, confusa. Vi um monte de pingos brancos. Então notei um pingo ainda pendurado na ponta do pau dele. Ele tinha gozado. Em mim.

Naquele momento eu senti tudo. Ele não precisava dizer nada. Eu já sabia. Tripp me amava também.

Tripp

Hoje

Foi um longo dia, as palavras de Bethy se repetindo sem parar na minha cabeça. Todos os homens almoçaram com Woods, depois passamos o resto da tarde jogando golfe. Woods tentou falar comigo sobre Bethy, o que era um alívio, pois eu não queria contar aquela história de novo para outra pessoa.

Eu precisava de um plano. Bethy estava falando comigo agora. Precisava pensar no meu próximo movimento. Não conseguia esquecer as palavras dela na noite anterior – e jamais esqueceria. Elas eram a esperança que eu vinha buscando.

Esperei do lado de fora da minha cabana até que ela saísse. Estávamos sendo esperados no ensaio geral dali a dez minutos. Por sorte, não precisávamos vestir gala naquela noite. Calça e camisa abotoada bastavam.

Bethy saiu remexendo na bolsa. Seu olhar encontrou o meu, e ela hesitou por um instante. Não imaginava que eu estaria esperando. Eu vinha mantendo a distância havia bastante tempo.

A saia em um tom claro de amarelo que ela vestia batia na metade das coxas e era feita do tipo de material ondulante que provocava. Ela usava com uma blusa branca sem mangas amarrada na cintura e calçava um par de mules de salto.

Quando terminei de absorver cada centímetro daquela beleza, levantei os olhos para fitar os dela.

– Você está linda.

Notei um vestígio de emoção em seu olhar, antes que ela firmasse a bolsa sob o braço e se empertigasse.

– Obrigada – disse ela com a voz tensa.

– Aproveitou o dia no spa? – perguntei quando ela ensaiou um passo na minha direção.

Ela precisava passar por mim para chegar ao ensaio. Não havia outro caminho. A não ser que fosse nadando.

– Foi legal.

Nenhum de nós se moveu. Era um impasse. Por fim, Bethy suspirou.

– O que você quer?

Eu sorri, divertido por seu tom exasperado.

– Ir com você até o ensaio.

Observei seu esforço interior até ela enfim ceder.

– Claro. Tudo bem. Como quiser.

Caminhamos em direção à ilha. Não quis mais forçá-la a conversar comigo. Decidi que aquilo bastava no momento. Ela não estava gritando. Estávamos progredindo.

Todo mundo estava reunido no trecho de praia em frente ao local onde aconteceria o jantar. Quando chegamos, Bethy finalmente parou de caminhar e olhou para mim.

– Estou cansada disso. Nós fomos amigos uma vez. Nós dois amávamos Jace e o perdemos. Cansei de tentar culpar alguém além de mim mesma. Não quero mais ficar com raiva. Está na hora de eu reconstruir minha vida e me encontrar outra vez. Então... – Ela estendeu a mão na minha direção. – Amigos?

Amigos. Jamais seríamos só amigos. Mas, se era o que ela queria, poderia viver com isso.

Estendi a mão e tivemos nosso cumprimento.

Então ela sorriu. Um sorriso genuíno, não forçado.

– Isso é bom. Jace teria preferido assim. Concorda?

– Sim. Ele queria ver você feliz.

Ela concordou. Então se virou e subiu correndo a escada. Eu não a segui. Ainda não. Por enquanto, Bethy estava pronta para me perdoar. Íamos nos tornar amigos.

A alguns metros, Woods me observava. Sorri para ele antes de seguir para as instruções junto com o resto dos homens.

– Ali está chegando o último – disse Thad, apontando para mim. Uma senhora com um coque no cabelo e um iPad Mini nas mãos tinha a aparência de chefe.

– Problema de altura – disse ela. – Della colocou você com Braden, mas ela é pequena demais para você. Mesmo com salto alto. A maioria das mulheres é muito pequena para você, mas Braden vai estar descalça na areia. Vai ficar feio. Vamos ver – disse ela, procurando algo no iPad. – Onde está Bethy?

– Bethy! – chamou Thad. – Venha aqui.

Ela caminhou até nós com a saia dançando naquela brisa. Detestei saber que Thad estava admirando a vista também. Eu teria de colocá-lo nos eixos.

– Sim. Muito melhor. Ela é quase 10 centímetros mais alta. Não será uma diferença tão brutal. Fica resolvido assim: Thad, você vai acompanhar Braden. Tripp vai acompanhar Bethy. Agora, tomem suas posições – ordenou ela, saindo com as costas eretas, apontando e distribuindo tarefas para todos.

– Mas Tripp é o padrinho, e Braden é a dama de honra. Eles não deveriam sair juntos? – perguntou Thad.

Lancei uma encarada de advertência sobre ele. Se ele tivesse qualquer intenção com Bethy, ia resolver aquilo muito rápido.

– Esse é o meu trabalho. Eu farei funcionar. Não preciso de sua ajuda – reclamou a senhora para Thad, que calou a boca.

– Está tudo bem para você? – perguntei a Bethy.

Eu estava eletrizado com a ideia, mas não queria colocá-la numa situação incômoda. Eu resolveria com a sargenta se fosse necessário.

Ela encolheu os ombros.

– Claro. Amigos, lembra?

Observei a brisa brincando com a saia dela enquanto se afastava.

– Amigos, é? – disse Rush, vindo para o meu lado.

– Sim. Ela decidiu que podemos ser amigos – respondi sem tirar os olhos dela.

Ela comentou algo com Della, que olhou para o nosso lado e depois de volta para Bethy. Vi Bethy acenar com a cabeça, e Della pareceu aliviada.

– Tentei esse negócio de amigos com a Blaire uma vez. Durou menos de uma semana antes de eu deixá-la nua no banco de trás do meu Range Rover. Boa sorte – disse Rush num tom alegre antes de sair.

Ele não tinha com Blaire a história que eu tinha com Bethy. Demoraria uma eternidade até que eu tivesse aquele mesmo final feliz.

Ele não fazia ideia do que eu ainda teria de superar com ela.

Bethy

— Tia Bethy, tô aqui! – chamava a vozinha de Nate.

Procurei ao redor até vê-lo nos braços de Rush quando eles entraram no jantar de ensaio. Rush se inclinou para colocar o pequeno no chão, e então suas perninhas estavam livres para vir correndo até mim. Rindo, abri os braços para ele.

– Meu melhor amigo chegou! – exclamei, quando seus bracinhos se agarraram no meu pescoço.

Nate tinha apenas alguns meses quando Jace se afogou, e eu passei um longo tempo com Blaire no tempo que se seguiu. Eu não podia ficar sozinha. Cuidar de Nate quando eles precisavam de uma babá foi muito importante para mim, e nós criamos uma ligação.

– Eu voei de vião – contou ele, quando o peguei nos braços.

– Você voou! Foi legal?

Ele viajava bastante no jato do avô.

– Sim – respondeu Nate. Seus olhos se arregalaram quando ele enxergou Grant. – Tio Gant tá ali! Tio Gant!

Grant voltou a atenção na direção da voz de Nate, e um sorriso irrompeu em seu rosto.

– Oi, parceiro! – disse ele, aproximando o punho cerrado, no qual Nate bateu com seu punho.

Rush ter ensinado aquela coisinha de 2 anos a cumprimentar com o punho era muito divertido. Ele também usava o boné virado para trás e desenhava figuras nos próprios braços quando a mãe não estava olhando. Ele queria “figuras” nele também, como o pai.

– Olha, minha Bethy – disse Nate, dando tapinhas no meu peito.

Grant riu.

– Sim, estou vendo a sua Bethy. Você voou com vovô Dean?

– A gente voou no vião.

– Aposto que sim – disse Grant.

– Olha, Ia Keit – disse Nate, virando-se nos meus braços quando Harlow chegou segurando Lila Kate.

Aproveitei a deixa e coloquei Nate no chão. Seus pezinhos aceleraram na direção de Harlow e sua bebê.

– Acho que perdi o posto de musa para a filhinha de vocês – comentei para Grant.

– Não fique chateada. É complicado competir com ela – disse Grant com um sorriso. – Vou ajudar Harlow com aquele monstinho.

Observei Grant alcançar Nate e erguê-lo nos braços para que pudesse ver Lila Kate.

Nate era um conquistador. Conversaria com o salão inteiro até se lembrar de que eu estava ali e voltar para me ver. Ele adorava estar no meio da multidão.

Procurei a minha mesa. Todos estavam voltando do ensaio e procuravam suas cadeiras. Cruzar o corredor de braço dado com Tripp foi estranho, mas não desagradável. Ele fez uma

brincadeira sobre eu tropeçar e derrubá-lo comigo. Fora isso, não conversamos muito.

Sentei e olhei ao redor, vendo o nome de Thad à minha direita e o de Blaire à esquerda. Isso significava que Rush e Nate também estariam na nossa mesa. E possivelmente Dean Finlay.

Tempos atrás, isso seria toda a animação de que eu precisava. Mas, ao longo dos últimos dois anos, eu conseguia controlar meu estado de veneração quando ficava ao redor de Dean. Agora ele era apenas o pai de Rush.

Eu não sabia ao certo para quem eram as outras duas cadeiras. Puxei minha cadeira ao mesmo tempo em que a cadeira a meu lado foi puxada. Esperando ver Thad, vi Tripp. Ele deu um sorrisinho e sentou.

Com muito cuidado, fiz o mesmo. Thad devia estar sentado ali, mas, naquele momento, eu não o via em lugar algum. Se Tripp se mantivesse amigável, poderia fazer aquilo. Pelo menos por um fim de semana, enquanto comemorávamos o casamento de nossos amigos. Quando voltássemos para Rosemary Beach, eu exigiria alguns limites. Ver Tripp ainda me lembrava de coisas que eu queria esquecer. Eu precisava digerir as coisas aos poucos.

– Tudo bem se eu sentar aqui?

Olhei para o cartão que estava ali e dei de ombros.

– Eu não me importo, mas o Thad talvez se importe. Este lugar está marcado para ele.

– Não estou preocupado com Thad. Ele é fácil de subornar.

Eu me virei para olhar nossos amigos reunidos no grande salão de baile. O pessoal do palco estava acertando as coisas para a banda. Não perguntei quem iria tocar, mas duvidava que fosse apenas uma banda de covers. Com dois filhos do Slacker Demon na festa de casamento e o baterista da banda mostrando ao neto como segurar corretamente as baquetas, os que iriam tocar muito provavelmente seriam famosos.

Woods e Della entraram e todos os saudaram como se já estivessem casados, com gritos e assobios. Batendo palmas, fiquei de pé e os observei chegarem até a mesa central. O sorriso de Della iluminou o salão. Woods curvou a cabeça para sussurrar algo na orelha dela, fazendo-a corar.

Os olhos de Woods varreram a plateia e pousaram em Tripp. Sua testa se franziu. Woods e Della haviam colocado Tripp e Braden na mesa deles, pois eram o padrinho e a dama de honra. Woods moveu a cabeça na direção de sua mesa sutilmente indicando a Tripp que se sentasse ali.

Olhei de volta para Tripp, para ter certeza de que ele vira Woods.

– Acho que o padrinho está sendo requisitado – comentei.

– Sim, percebi aquilo. Já volto – disse ele, caminhando na direção da mesa dos noivos.

Ver Tripp ao lado de Woods no ensaio foi um tanto difícil. Era Jace quem deveria estar naquele lugar. Woods e Jace eram melhores amigos desde a infância. Tripp simbolizava o primo que não pôde estar ali.

– Tia Bethy! – chamou uma voz familiar. Olhei para baixo no exato momento em que Nate correu para mim e escalou a cadeira ao meu lado. – Eu sento com você.

– É a única maneira de darmos as baquetas de volta ao baterista – disse Blaire com um olhar exasperado.

– Arranjei esse bico pro cara. O mínimo que ele podia fazer era dar ao meu menino essas porcarias de baquetas – reclamou Dean Finlay ao chegar na mesa para se sentar ao lado de Rush.

– Ele tentou dar ao menino as reservas – disse Blaire a Dean.

Eu começava a suspeitar que sua exasperação vinha de lidar com o sogro e não com o bebê.

– Muquirana de merda! – resmungou Dean, puxando a cadeira do outro lado de Rush.

– Timéda! – imitou Nate.

Blaire o olhou horrorizada.

– Pai, modos! – advertiu Rush. – E, Nate, lembra do que eu disse sobre os palavrões do vovô? Mamãe não gosta quando você repete isso. Não queremos deixar a mamãe zangada, queremos?

Nate pareceu culpado.

– Peça desculpas para mamãe e para a tia Bethy. Homens não dizem palavrões ao lado de damas.

Precisei segurar um riso. Eu já tinha escutado Rush Finlay dizer coisa muito pior perto de mulheres antes. Ouvi-lo orientando o filho a não fazer isso era simplesmente hilário.

– Discupa, mamãe – murmurou Nate, parecendo realmente abalado. Então virou os olhos prateados para mim e repetiu o pedido de desculpas.

– Eu não te criei para ser um bun...

– Pai! – Rush interrompeu o pai antes que ele terminasse de falar. – Você está irritando Blaire. Pare com isso.

Dean sorriu e se recostou em sua cadeira com uma expressão jocosa.

– Está bem, eu gosto da bela garota com quem você casou. Serei bonzinho com ela.

Rush se voltou para dizer algo a Blaire, e ela apertou o braço dele para garantir que estava tudo certo.

– Assim é a vida quando uma estrela do rock é avô do seu filho.

A cadeira ao meu lado foi puxada. Esperei ver Tripp, mas encontrei o sorriso perfeito de Thad.

– As atendentes daqui são muito gentis – disse ele, aproximando a cadeira da mesa. Uma marca de batom no pescoço dele me fez rir. Alcancei um guardanapo para ele.

– Isso eu estou vendo. Ela deixou um pouco da gentileza dela em vermelho no seu pescoço. Venha aqui.

Um risinho sagaz irrompeu nos lábios dele quando se inclinou.

– Você devia ver a gentileza que eu deixei nela – murmurou ele.

Pelo menos seu palavreado respeitava as orelhas de Nate.

– Era a loira ou a morena de cabelo ondulado e grandes pei...?

– Pai! – gritou Rush, cortando Dean antes que ele terminasse a frase de novo.

A risada de Thad só aumentou.

– A loira – esclareceu ele.

Dean deu um sorriso.

– Tente a morena da próxima. Ela deixa marcas de batom em lugares bem melhores.

Eu não precisava saber daquilo.

– Juro por Deus, se você não calar essa boca, eu vou chutar sua bunda velha para fora! – Rush alertou o pai.

Dean sorriu e deu de ombros com aquela casualidade de roqueiro fodão.

– Calma, rapaz!

– Muito bem, vocês dois. Vamos nos divertir – disse Blaire enquanto Nate subia no seu colo.

Incapaz de evitar, olhei para a mesa em que Tripp estava sentado agora. Ele conversava com uma mulher que eu não conhecia. Senti algo amargo no estômago quando ela riu de algo que Tripp disse.

Eu não queria reconhecer aquele sentimento. Não tinha motivo para me importar se Tripp dava em cima de outra mulher. Mesmo que ela tivesse um cabelo incrível, dourado e caindo em

longas ondas até as costas. Quem era ela?

– Acho que você não conhece a prima de Braden, Charity – disse Blaire, flagrando minha óbvia fixação.

– Não, não a conheço – respondi, forçando um sorriso.

– Charity acabou de ter um divórcio horrível no ano passado, e Braden quis mudar um pouco os ares dela. Della pensou que seria bom ter alguém para Tripp não ficar sozinho.

Della havia arranjado para Tripp um encontro durante o casamento? Aquilo não era da minha conta. Eu não me importava. Mesmo. Não ligava.

– Então, Bethy... – disse Thad, pondo o braço nas costas da minha cadeira e cruzando as pernas. – Vamos nos divertir?

Revirei os olhos.

– Você não ganhará nem uma marca do meu batom.

Ele concordou com a cabeça.

– Eu sei, gata. Só quero tomar uns drinques e fazer você se soltar um pouco.

Ele estava me provocando. Balancei a cabeça e peguei a taça de champanhe à minha frente.

– Não há álcool suficiente no mundo para isso, Thad.

Ele bateu com a mão no coração.

– Ai. Essa doeu.

Tomando um gole, fitei Tripp e Charity pela última vez. As cabeças de ambos estavam mais próximas agora, enquanto conversavam.

Ótimo!

Tripp

Isso não era o que eu havia planejado para a minha noite. Não podia acreditar que Della tinha organizado um encontro para mim. Por que ela imaginou que eu ia querer algo assim? Será que eu parecia estar precisando da porra de encontro?

Charity era atraente, eu tinha que admitir. Gargalhando, ela terminava de me contar como o filhote de golden retriever que havia comprado foi expulso de uma escola de adestramento por tentar cruzar com um poodle. Se eu não estivesse apaixonado por Bethy, estaria apostando todas as fichas nela. Charity tinha uma risada boa. Seus olhos castanhos dançavam de entusiasmo.

Woods me obrigou a sentar quando tentei dizer a ele que estava trocando de lugar com Thad. Ele murmurou no meu ouvido o que eu já sabia sobre Charity.

– Ela é prima de Braden e acaba de passar por um divórcio difícil. Ela precisa de um pouco de atenção. Faça isso por Della.

Seu tom indicou que não se tratava de um pedido. Sentei contrariado, olhando para Bethy entretida com Nate. O menino sabia reconhecer uma mulher bonita quando via uma. Aquele cretino do Thad ficaria com Bethy naquela noite. Ele poderia conversar com ela. Poderia ouvi-la rir. Contaria a ela piadas idiotas que eu sabia que iriam diverti-la. Thad era bom em encantar mulheres.

Maldito. Com sua estampa idiota de menino bonito.

Eu devia ter quebrado o nariz dele uns anos atrás e emparelhado o jogo. Se eu o visse tocando em Bethy naquela noite, quebraria mais do que o nariz dele.

Dei uma olhadela rápida e vi Bethy prestando atenção em Dean Finlay. Ela parecia entretida. Pelo menos era o velho que a fazia sorrir. E não Thad. Mas espere um instante... não. Dean Finlay dormiu com mulheres mais jovens do que eu a vida inteira. Talvez isso não fosse bom. Ele era um deus do rock. Merda.

– Pare de olhar para Bethy como se ela fosse sua última refeição, caramba – murmurou Woods baixinho a meu lado.

Voltei minha atenção para nossa mesa e o fuzilei com os olhos. Ele devolveu meu olhar zangado com o dele. Della limpou a garganta num volume alto o suficiente para chamar a atenção de nós dois. Deixei Woods lidar com a mulher e peguei minha taça. Eu precisava de algo mais do que aquela porcária borbulhante.

– Você também surfa? – Charity me perguntou.

Estávamos conversando sobre surfe? Cacete, eu havia me ausentado tão profundamente daquela conversa... Era difícil me concentrar sabendo que Dean Finlay e Thad flertavam com Bethy.

– Hã, sim. Quero dizer, já surfei. Mas faz algum tempo que não pratico. Onde eu moro não temos ondas que realmente valham o esforço.

– Você não morou em Myrtle Beach uma época? – perguntou ela.

Eu contei isso em algum momento?

– Sim, morei. Mas foi por pouco tempo.

Olhei para Della, que me observava com os dentes sobre o lábio inferior. Ela estava preocupada. Eu conhecia aquele olhar. Havia passado muito tempo com Della antes, quando Woods e ela estavam decidindo a vida. Quando você passa duas semanas inteiras na estrada com alguém, um passa a conhecer bem o outro.

Eu estava sendo egoísta. Esse era o fim de semana do casamento dela, e eu estava preocupado comigo mesmo. Dei um jeito de relaxar e voltei minha atenção outra vez para Charity. Podia fazer isso. Bethy não ia se amarrar em Thad ou Dean. Meu ciúme idiota estava confundindo meu cérebro.

– Por quê? Você surfa? – perguntei a Charity, esperando que ela não tivesse ainda dito que sim.

Ela riu.

– Não. Sou extremamente descoordenada. Mas, se você quiser me ensinar, posso tentar.

Ah, enfim. Dei uma dentro. Voltei o olhar para Della, que estava escutando com uma expressão nervosa.

– Claro. Podemos combinar se você quiser – concordei, esperando jamais vê-la outra vez depois de deixar aquela ilha no domingo.

Charity pareceu extremamente satisfeita com a ideia.

– Sim, eu adoraria!

– Boa ideia. Por que não amanhã? – sugeriu Woods.

Eu ia abrir a minha boca para soltar qualquer desculpa esfarrapada, mas Charity bateu palmas de alegria.

– Ah, que legal!

Ah, que merda!



Dancei duas vezes com Charity antes que pudesse me retirar para encontrar Bethy, mas ela não estava em sua mesa nem no salão de baile. Rastreado a multidão, não consegui vê-la em lugar algum. Procurei por Thad e percebi que ele tinha sumido também.

Merda.

Fui na direção da porta. Não ia dar nenhuma explicação a Woods. Ele faria alguma coisa para me impedir. Eu havia feito meu trabalho durante todo o jantar e dancei com Charity. Sem falar que eu teria de levá-la para surfar de manhã. Eu já havia esgotado minha cota de boa vontade naquela noite.

Saí com os olhos atentos para qualquer sinal de Bethy. Uma risadinha me deteve. Dei a volta no prédio, até um canteiro pequeno de palmeiras.

– Sua boquinha é famosa, não é? Isso, engole tudo.

Thad estava se divertindo, e eu fiquei tenso. Segui o rastro de sua voz enquanto ele gemia. Não tinha chance de ser Bethy. Ela não estaria chupando ele. As nuvens se dissiparam e a lua iluminou o meu entorno. Os olhos de Thad se levantaram da garota ajoelhada entre suas pernas até mim.

Ele colocou o dedo entre os lábios para me silenciar. Ele não queria interrupções. A garota tinha cabelo castanho e ondulado e vestia o uniforme das atendentes. Não era Bethy. Ainda bem.

Voltei pelo caminho que levava a nossas cabanas.

– Ai, cacete. Assim, isso, mais forte – gritou Thad.

Apertei o passo. Não queria escutá-lo gozar. Se ele não se contivesse, toda aquela maldita ilha ia ouvi-lo.

Bethy

Tirei os sapatos de salto e caminhei de volta para me enroscar na espreguiçadeira e contemplar a água. Depois de ver Tripp dançando com Charity durante metade de uma música, percebi que precisava sair dali. Aquilo me incomodou. Não que eu devesse estar surpresa. Também tinha ciúmes de Della quando achava que Tripp tinha uma queda por ela. Era namorada de Jace na época e não tinha direito algum de estar com ciúmes, mas com Tripp eu parecia não ter controle sobre minhas emoções.

Minhas horríveis emoções.

Ser amiga dele era minha maneira de pedir trégua. Era hora de viver sem tanta culpa e ódio. Ver Tripp com outra mulher, no entanto, não fazia parte do acordo. Terminado esse fim de semana, eu sorria para Tripp quando o avistasse e manteria o clima casual. Não havia razão para sermos amigos íntimos.

Será que eu sentiria falta dele do lado de fora do meu apartamento, observando minha janela por horas?

Sim.

Isso era horrível também. Por mais que eu dissesse a mim mesma que o odiava por me seguir e permanecer do lado de fora do meu apartamento, a verdade é que eu estava irritada comigo mesma por desejar isso. Por esperar isso.

Em minha relação com Jace, eu não precisava lidar com todas essas emoções dramáticas e reprimidas. Eu me sentia segura. As coisas eram simplesmente mais fáceis.

Então, o que me interessava se Tripp estava com Charity naquela noite? Eu não seria mais do que sua amiga. Vê-lo fazia meu coração disparar, e, quando ele sorria, meu estômago estremecia. Sempre foi assim. Mas isso não era tudo. Com Tripp também vinha muita dor. Eu não queria aquela dor. Só desejava seguir adiante.

– Você saiu cedo. – A voz de Tripp me surpreendeu, e eu dei um salto. – Desculpe. Eu não queria assustar você – disse ele, rindo da minha reação.

Ele não precisava estar ali naquele momento. Por que não estava com a loira, longe de mim e de minhas lamentações?

– Foi um longo dia – respondi.

Ele tirou as mãos dos bolsos, desabotoou dois botões da camisa e arregaçou as mangas, mostrando um pouco das tatuagens que coloriam seus braços. Ele parou com as pernas levemente abertas enquanto me estudava. Ele era alto para caramba.

– Quer companhia? – perguntou ele, olhando o lugar a meu lado.

Não.

Sim.

Merda.

Encolhi os ombros em vez de responder, já que não tinha uma resposta definida.

Ele tomou como um sim e se sentou na espreguiçadeira. Havia espaço suficiente para dois,

mas era um negócio pequeno, de modo que suas pernas compridas se estendiam e tocavam as minhas.

– É muito tranquilo aqui – disse Tripp.

– É...

Eu não estava para conversa. Até ontem, Tripp estava na minha lista negra. Agora que eu o tirei de lá, não sabia onde colocá-lo. De preferência em uma lista de pessoas as quais não me importo que estivessem com outras mulheres.

– Sei que estou num terreno ainda provisório com você, mas, quando estiver pronta, gostaria de ter uma chance de explicar o que aconteceu oito anos atrás.

Não esperava por aquilo. Pensei que iríamos fingir que tudo aquilo não havia acontecido e que seguiríamos com nossas vidas.

– O que passou, passou – disse, sem olhar para ele.

Minhas mãos estavam firmemente cerradas sobre meu colo, enquanto uma onda de emoções me engolfava. A dor da paixão, a perda, o medo e o amor intenso que eu joguei no lixo. Eu não queria aquilo.

– Eu concordaria com você se realmente soubesse sobre o passado. Mas você não sabe. Assim como há coisas que eu não sei. Coisas que eu gostaria de saber, mesmo que elas me partam ao meio. Eu preciso saber, Bethy. Para que superemos isso, em primeiro lugar teremos que lidar com o passado.

Ele tinha razão. Mas eu não estava pronta. Nosso passado era o que definiria o resto da minha vida. Tripp me moldou naquela pessoa que me tornei. Nossa relação foi a fonte de meus maiores remorsos e erros.

– Eu não estou pronta – sussurrei.

Ele não respondeu, e eu quase esperei que ele levantasse e fosse embora. Mas, depois de alguns momentos, a mão dele veio e cobriu a minha. Eu estaria mentindo se não admitisse que aquilo era reconfortante. Com aquele pequeno gesto, ele me lembrou que eu não estava sozinha. Ele entendia mais do que todo mundo o problema que eu enfrentava.

O silêncio da noite nos envolveu como se estivéssemos dentro de um casulo. Um lugar onde o passado parecia distante, e o futuro, desconhecido.

Tripp

Era desconfortável ensinar uma mulher a surfar quando ela deixava bem claro que desejava levá-lo para cama. Eu sabia que estava encrocado a cada insinuação que saía da boca de Charity. O fato de que ela havia enfrentado um divórcio difícil e precisava de atenção masculina me fazia lamentar por ela, mas eu não seria o cara a lhe dar esse tipo de atenção. Não depois de Bethy me deixar sentar com ela por mais de uma hora na noite passada e segurar sua mão. Não conversamos muito, mas apenas estar ali a seu lado bastava para mim. Foi um progresso.

Charity deu risada de sua última tentativa de engatinhar sobre a prancha.

– Socorro!

Ela continuava querendo que eu a colocasse na porcaria da prancha. O problema é que ela estava vestindo apenas um biquíni. Era muito contato de pele.

– Tente sozinha desta vez – instruí, tentando evitar agarrar a cintura dela.

Ela suspirava cada vez que eu tocava nela, e eu me sentia culpado. Não queria que pensasse que aquilo iria a algum lugar. Eu não seria uma trepada. Ela só não havia se dado conta disso ainda.

– Prefiro quando você me ajuda – disse ela, baixando a voz para um tom que eu tinha certeza que soaria sexy aos ouvidos de qualquer homem.

Já estávamos naquilo fazia uma hora. Eu já havia cumprido meu dever. Era hora de colocar um limite nas imaginações que passeavam pela cabeça dela.

– Sim, bem, eu estou pregado. Nós dois precisamos nos aprontar para o casamento e teremos uma longa noite de comemoração pela frente. Talvez seja melhor não exagerar.

Com essa desculpa, puxei a prancha para baixo do braço e fiz um aceno com a cabeça para que ela me seguisse antes de caminhar de volta para a praia.

– Ah, tudo bem...

Eu não dei a ela motivo para pensar que eu quisesse levar aquilo adiante, apenas continuei caminhando.

– Você... já tomou seu café da manhã? – perguntou ela.

Tinha bebido apenas uma xícara de café antes de sair, mas comer com ela também não ia rolar. Ela estava se tornando ousada demais.

– Não costumo comer de manhã – respondi, o que era mentira. Depois de encarar aquelas ondas, eu estava faminto.

– Ah, certo, a gente se vê mais tarde, então? – perguntou ela quando finalmente chegamos na beira da praia.

– Claro.

Então me dirigi à pequena rampa que seguia para outro lado da ilha, onde estavam localizadas as cabanas.

– Você parece estar fugindo de alguma coisa – disse Woods, com uma expressão maliciosa ao sair de um canteiro de palmeiras com uma xícara de café na mão.

Fuzilei Woods com um olhar de advertência.

– Não tem graça.

Ele riu e tomou um gole de seu café.

– Não sei. Ver você desdenhando de avanços femininos é novo para mim. *Eu* me diverti.

– Estou fazendo isso pela Della. Mas, se isso me trouxer qualquer problema com a Bethy, termina imediatamente. Charity é legal. Sei que ela passou maus bocados. Lamento por ela. Mas estou fazendo alguns progressos com Bethy e não vou deixar nada interferir nisso.

O riso de Woods desapareceu. Ele fitou o mar por um momento, e eu soube que estava pensando em Jace. Ele é que deveria ser o padrinho e fazer o brinde na recepção. Naquele dia, Woods começaria uma nova jornada na vida e começaria sem seu melhor amigo ali para incentivá-lo.

– Ela parece melhor – comentou ele.

Depois da última noite, eu tinha que concordar. Ela não parecia estar fervendo de raiva e dor.

– Sim.

Woods tomou outro gole de seu café.

– Não a pressione. Você não estava aqui na maior parte do tempo. Ela o amava. Estavam bem juntos.

Eu sabia quanto ela amara Jace. Era algo difícil de não perceber.

– Estou sendo cuidadoso. Não quero tomar o lugar dele. Ele tem seu espaço no coração dela. Sempre terá. Eu só quero estar ao seu lado. Vê-la sorrir outra vez.

– Ele teria desejado que ela fosse feliz. E teria me dado uns bons murros por causa do jeito que a tratei. Duvido que tivesse me perdoado pelo que eu disse na praia.

Eu não estava lá, mas soube que Woods foi frio com Bethy por mais de um ano depois da morte de Jace. Sabia que ele a culpava. Jace não o teria perdoado por isso. Ele amava Bethy. Mas aquilo não era o que Woods precisava ouvir naquele momento. Hoje deveria ser um dos dias mais felizes da vida dele.

– Ele pode ter sido meu primo, mas você era como o irmão dele. Ele amava você – disse a ele.

– Eu o decepcionei – disse Woods.

– Não. Não decepcionou. Você a salvou. Foi o que ele pediu para você fazer, e você fez.

Woods finalmente olhou para mim. Pude ver aquela emoção que eu entendia tão bem. Jace deixou um vazio em todos nós.

– Ele morreu sabendo que o melhor amigo dele fez um sacrifício por ele. Você foi o herói dele.

Woods me estudou por um momento e então voltou os olhos novamente para a água. Depois de alguns instantes de silêncio, dei a volta em torno dele e retomei meu caminho para a cabana.

– Obrigado – disse Woods. – Eu precisava ouvir isso. Especialmente hoje.

Consegui sorrir.

– É para isso que serve o padrinho – repeti, deixando-o com seus pensamentos.

Bethy

Tripp desenhou um rastro de beijinhos em meu corpo. A dor da penetração me tirou o fôlego. Ele parou no mesmo segundo em que gritei, mas não tirou. Em vez disso, começou a me beijar mansamente e a sussurrar no meu ouvido:

– Tudo bem. Eu não vou me mexer. Me deixe apenas sentir você. Por Deus, Bethy, eu jamais senti uma coisa assim.

Escutar o prazer na voz dele enquanto ele me beijava, como se ele não pudesse se saciar de mim, aliviou minha tensão. Devagar, ele foi entrando mais fundo, até soltar um gemido e fechar os olhos. Ele era lindo, e eu estava completamente fascinada.

– Posso continuar? – perguntou ele, sussurrando na minha orelha.

– Si-sim – respondi.

Ele tirou o pau, até ficar quase fora de mim, e então penetrou de novo.

O movimento não me causou dor, pelo menos não aquela aguda que havia sentido da primeira vez. Foi apenas um pequeno desconforto. Olhar para Tripp fazia tudo desaparecer. As veias do seu pescoço estavam saltadas, os músculos dos seus braços estavam latejando enquanto ele evitava deixar seu peso todo sobre mim.

A cada movimento dos seus quadris ficava mais fácil, e o rosto de Tripp ficava mais fascinante. Ele abriu a boca ligeiramente, e percebi suas pupilas tão dilatadas que o verde havia quase sumido.

Nossos olhares se fixaram.

– Eu amo você e nunca vou deixá-la.

Abri os olhos e fitei o teto. Eu não sonhava com aquela noite fazia muito tempo. Meu coração estava acelerado, como se eu ainda estivesse embaixo dele, perdendo minha virgindade com o garoto que eu amava e o escutando declarar seu amor por mim pela primeira vez.

Naquela noite, ele fez muitas promessas que não cumpriu.

Sentei e balancei a cabeça, desejando que aquela imagem não se repetisse na minha mente. Eu havia enterrado aquele sentimento. Tinha usado outros caras na esperança de tirar aquelas lembranças da minha memória.

Mas nenhum jamais conseguiu. Tudo sempre terminava comigo chorando até dormir.

Na última noite, deixei Tripp se aproximar outra vez. Mesmo que não tenhamos conversado, deixei que ele sentasse comigo, liberando emoções e imagens longamente reprimidas. Não era de admirar que eu tenha sonhado tudo aquilo de novo.

Levantando, peguei meu robe de seda preto e o vesti. Então, com o apertar de um botão, levantei as paredes de pedra apenas para contemplar a vista.

Não queria sair dali antes da hora de ir ajudar Della a se aprontar. Ela disse que me encontraria no salão da noiva à uma da tarde. Eu pediria meu café da manhã na cabana e desfrutaria da solidão.

– Está com fome? – perguntou Tripp.

Eu me virei e o vi segurando uma bandeja de comida.

A lembrança da nossa primeira vez ainda estava fresca na cabeça. Eu não precisava daquilo. Meus olhos, contudo, tinham outras ideias. Os braços dele estavam mais fortes agora. Seus cabelos estavam mais curtos e pareciam úmidos, como se ele tivesse acabado de sair do mar. E havia ainda o fato de que ele estava sem camisa. Todos aqueles músculos definidos, bronzeados e decorados com algumas tatuagens fariam qualquer mulher parar para admirar.

– Eu ia comer do lado de fora da minha cabana, mas você abriu a sua antes de eu me sentar. Acho que tenho o suficiente para dividir – sugeriu ele, me trazendo de volta da minha perda momentânea de bom senso.

Ele não parecia presunçoso, embora eu soubesse que ele havia percebido a boa examinada que dei nele. Estava sendo cuidadoso.

– Tudo bem.

Ele sorriu e entrou, colocando a bandeja na mesa alta.

– Eu até deixo você ficar com os ovos – disse ele, como se precisasse adoçar a negociação para que eu não mudasse de ideia.

Seus braços não precisavam se flexionar para que seus músculos se destacassem. Dava para ver até as veias saltarem enquanto ele servia uma xícara de café e colocava os pratos que havia levado. Ele precisava vestir uma camiseta. Como eu poderia comer e não ficar olhando para ele?

Por Deus, Bethy, eu jamais senti uma coisa assim.

Fechei os olhos com força e bloqueei as palavras de Tripp reverberando na minha cabeça.

– Você está bem? – perguntou ele com sua voz mais madura.

Consegui assentir com a cabeça e abrir os olhos.

– O sol está me incomodando um pouco – menti.

Tripp franziu a testa e foi até a parede ajustar a sombra.

– Está melhor? – perguntou ele.

– Sim – respondi, esperando que meus pensamentos culpados não estivessem estampados no meu rosto.

Ele voltou à mesa, puxou um banco e me ofereceu. Agradei e sentei. A faixa do meu robe caiu até as coxas, abrindo-o, revelando quase completamente as minhas pernas. Juntei as pontas para arrumar tudo de novo, mas não antes que Tripp percebesse. Minha respiração hesitou quando observei seus olhos cravados nas minhas coxas. Suas narinas se retesaram, assim como o resto do seu corpo.

Eu precisava assumir o controle das coisas. Amarrei o robe, e ele desviou o olhar do meu corpo. Limpando a garganta, Tripp empurrou na minha direção um prato com ovos, frutas, queijo, torradas com manteiga e algumas fatias de bacon.

– Como prometido, os ovos são seus.

Meu rosto estava quente com as muitas emoções que giravam na minha cabeça. Numa tentativa de tornar as coisas menos incômodas, sorri para ele.

– Obrigada. Mas não preciso de todos os ovos. Posso dividir.

Ele deu de ombros.

– Eu estou bem. Pode comer o que quiser. Vou comer o que não quiser.

Era como a gente fazia.

Ai. Por que eu estava fazendo isso? Ele estava apenas se referindo aos ovos. Tripp não estava tentando me lembrar de como as coisas haviam sido um dia. Era impressão minha. Aquele sonho idiota me deixou toda excitada e confusa.

– Está bem – respondi, esperando que a minha reação parecesse normal.

Ele comeu um pedaço de sua torrada. Quando sua mandíbula mexeu, os músculos de seu pescoço se contraíram e... Merda! Baixei o olhar e peguei algo do meu prato. Nem sequer vi o que era. Por sorte, era morango. Meti na boca e comecei a mastigar.

Comemos em silêncio por alguns minutos. Não estava certa do que dizer e odiava que aquilo estivesse ficando cada vez mais estranho. Mas, cada vez que olhava para ele, eu via meu sonho se repetir.

– Você está incomodada, não está? Só pensei que você talvez quisesse comer. Se preferir, posso pegar meu prato e comer na minha cabana.

Tentei dizer que estava tudo bem, mas percebi que não era verdade. Tripp me conhecia o suficiente para saber que eu estava mentindo. Se seríamos amigos outra vez, ou pelo menos tentaríamos, eu precisava ser sincera. Bem, não completamente. Não queria que ele soubesse que eu havia sonhado com nossa primeira noite nos mínimos detalhes.

– Isso vai exigir alguns ajustes – respondi e finalmente o encarei. – Quero mudar isso, mas não sei como.

Tripp mordeu o lábio inferior e franziu a testa. Ele não precisava morder o lábio, tirar vantagem assim era injusto. Ele devia saber que aquilo era sexy.

– Eu entendo – respondeu ele. Então um sorriso malicioso chegou a seus lábios. – Talvez da próxima vez eu lhe dê um segundo para vestir algo mais do que uma pequena peça de seda.

Ele estava me provocando. Amigavelmente, mas provocando. Eu podia jogar também.

– Da próxima vez, talvez você pudesse vestir uma camiseta – contra-ataquei.

Seu olhar reencontrou o meu rapidamente e, por um segundo, não tive certeza se devia ter dito aquilo. Talvez tivesse passado a ele uma ideia errada. Mas então ele me surpreendeu e riu. A risada profunda que costumava soltar borboletas no meu estômago e me deixar meio zozza.

E ainda fazia isso.

– Vou me vestir de maneira mais apropriada da próxima vez.

Enfim sorrindo, relaxei e procurei meu garfo para atacar os ovos.

Tripp

Foi difícil manter o foco em Woods e Della durante a cerimônia. O vestido azul-claro de Bethy colava em suas curvas, e isso era extremamente desconcertante. Eu estava com a aliança e não queria perder minha deixa, mas, que inferno, era difícil não olhar para Bethy.

Alguns cachos roçavam em seu rosto quando a brisa batia. Jamais tinha visto o cabelo dela cacheado antes e, mesmo que achasse o liso habitual perfeito, queria enrolar aqueles cachos nos meus dedos.

– Você se tornou meu porto seguro depois de roubar meu coração.

As palavras de Della me despertaram. Era a minha deixa. Coloquei a mão no bolso, tirei a aliança e a dei para Woods. Agora era a vez dele de ler os votos.

Grant tentou fazê-lo ensaiar o texto antes, mas Woods não quis. Disse que não precisava ensaiar. Nem mesmo tinha uma cola para me passar caso precisasse de uma deixa.

– Minha vida não tinha propósito nem sentido. Eu atravessava as situações ignorando quanto estava vazio por dentro. Então, uma linda morena iluminou a escuridão dentro de mim. Ela estava na cidade apenas por uma noite, mas por sorte o destino me deu uma segunda chance e a colocou no meu caminho mais uma vez. Você mudou tudo para mim, Della. Quando você está ao meu lado, posso fazer qualquer coisa. Posso encarar qualquer desafio e atravessar qualquer problema, desde que seja você quem esteja segurando a minha mão. Você me disse que sou seu porto seguro, mas você tem mais força e coragem do que qualquer pessoa que eu jamais conheci. Vou passar meus dias garantindo que você esteja se sentindo segura. Jamais duvide por um segundo que você é dona do meu coração. Você é a minha vida.

O soluço de Della foi seguido por vários outros. Meu olhar retornou para Bethy e vi quando ela secou as próprias lágrimas. O destino deu a Woods mais uma chance. Eu esperava com todas as forças que me desse uma também.

A multidão aplaudiu, e eu me virei para ver Woods beijar sua esposa. Quando finalmente terminou de agarrá-la em público, ele segurou a mão dela e os dois caminharam de volta pelo corredor como Sr. e Sra. Kerrington.

Atrás de mim, Thad tomou o braço de Braden e os dois seguiram o casal. Esperei Bethy e estendi o braço para ela. Ela tomou meu braço e eu a puxei para junto do meu corpo. Não era o jeito que a sargentona havia recomendado, mas eu não dava a mínima. Eu tinha passado os últimos trinta minutos esperando para tocar em Bethy sem poder me mexer. Aquela era minha desculpa para chegar perto dela, e eu estava aproveitando a oportunidade. Ela não evitou, deixou que eu a mantivesse junto de mim enquanto seguíamos os outros.

– Você está cheirosa – comentei, baixando a cabeça para inspirar seu perfume doce.

Ela ficou tensa, mas apenas brevemente.

– Obrigada – respondeu.

Observei quando Thad soltou o braço de Braden, que seguiu adiante, procurando o marido com um largo sorriso no rosto. Devíamos ir para uma grande tenda, arrumada para a recepção no

centro da ilha. Mas, a menos que Bethy tirasse o braço, eu não ia largá-la.

Woods fez uma parada à frente para tomar o rosto de Della nas mãos e beijá-la. De novo.

– Caramba, cara. Você tem o resto da vida para fazer isso. Vamos comemorar! – gritou Thad.

Woods o ignorou.

– Estou tão feliz por eles – disse Bethy.

Eu também estava.

– A lua de mel só começa depois da recepção, viu? – gritou Rush.

Desta vez, Della interrompeu o beijo e olhou para nós com um sorriso no rosto.

– Vocês têm razão. Quero dançar com o meu marido!

A expressão de posse de Woods quando ela o chamou de marido foi percebida por todo mundo.

– Espere até Della perceber o que acontece cada vez que ela se refere a ele como seu marido – disse Blaire quando os dois pararam ao nosso lado.

Bethy riu, mas não foi um riso completo. Havia uma tristeza. Eu odiava aquilo. Não queria vê-la triste. Ela estava triste fazia muito tempo.

– Vamos comemorar – disse, interrompendo a animada conversa sobre sexo pós-matrimônio e conduzindo Bethy até a recepção.

Quando chegamos à tenda, Bethy se afastou e me dirigiu um sorriso rápido e encabulado. Ela não havia percebido que eu ainda estava de braço dado com ela até aquele momento. Isso ficou óbvio em sua expressão. Ela estava confortável comigo e, cacete, eu gostei disso.

– Você vai sentar lá na mesa dos noivos – comentou ela e apontou para a mesa mais próxima da pista de dança, com a decoração mais elaborada.

Eu não havia me dado conta de que não poderia sentar perto dela de novo. Será que isso significava que eu teria de sentar perto de Charity? Merda.

– Estamos aqui, Bethy! – chamou Blaire do outro lado da pista. Eles também estavam próximos da pista, mas do outro lado do salão.

– Aproveite o jantar – disse Bethy, antes de se afastar de mim.

Observei o balanço de sua cintura e o vestido de cetim se mover sobre a bunda. Deus, ela era maravilhosa. Sempre foi.

– Acho que você é o meu parceiro de jantar nesta noite outra vez – disse uma inoportuna voz feminina, interrompendo meus pensamentos.

Olhei para Charity. Ela estava radiante demais, quase como se estivesse forçando sua alegria. Isso provavelmente não estava sendo fácil para ela também. Ela deve ter pensado que também viveria feliz para sempre. E as coisas terminaram bem diferentes.

– Sim, tenho certeza disso – respondi, com um sorriso hesitante.

Bethy

O tilintar da colher batendo na taça de champanhe silenciou o salão. Era a hora da dama de honra e do padrinho fazerem seus discursos. Tentei manter meus olhos longe daquela mesa desde que me sentara. Não era muito fã da loira bonita, Charity.

Eu estava com ciúmes? Sim, eu estava.

Tripp sorriu, e tive certeza de que cada uma das convidadas femininas se derreteu um pouco.

– Parece que quem começa sou eu – disse ele, lançando um olhar provocativo para Braden. Risos correram pelo salão. – Em primeiro lugar, gostaria de pedir todo o crédito por isso – disse ele, direcionando a mão para Woods e Della. – Fui eu que mandei Della para Rosemary Beach, ou de volta a Rosemary Beach. Não fazia ideia de que ela havia passado por lá meses antes. Mas, independentemente disso, ela voltou por minha causa.

Mais risadas. Não era surpresa, Tripp era bom nisso. Ele sempre foi capaz de encantar uma plateia.

– Eu não sabia que o famigerado Woods Kerrington estava profundamente envolvido até a noite em que ele entrou no meu apartamento para a minha festa de boas-vindas. É um milagre que eu esteja aqui hoje. O cara foi reivindicar o que era dele e estava preparado para derrubar quem quer que se intrometesse em seu caminho.

Ele parou outra vez, enquanto todo mundo ria. Todos sabiam exatamente ao que ele estava se referindo.

– Della é especial. Eu soube disso no momento em que a conheci. Mas podia ver em seus olhos a mesma alma perdida que via no meu próprio espelho todos os dias. Nós éramos almas semelhantes. Tudo o que eu sabia era que, se eu pudesse voltar a Rosemary Beach, talvez tivesse uma chance de me reencontrar. Mas eu não estava pronto. Então, eu mandei Della. Se eu não estava pronto para resolver o meu lado, queria ao menos ajudar a resolver o dela. E eu tinha razão. O olhar perdido de Della desapareceu completamente. Há alegria e amor brilhando em seus olhos agora. E você, Woods, meu camarada, você está completamente dominado.

Gargalhadas tomaram conta do salão, e Della se inclinou na direção do marido, apertando a mão dele com força.

– Uma vez você me pediu para abraçá-la, porque você não podia e não queria que ela ficasse sozinha. O que você não entendia naquela época era que seus braços sempre foram o lar dela.

Tripp olhou de volta para a plateia e levantou sua taça de champanhe.

– Eu desejaria a vocês toda a felicidade do mundo, mas vocês dois já têm isso. Parabéns, dupla. Saúde.

Tomei um gole do meu champanhe e observei Della jogar os braços ao redor de Tripp, com lágrimas de felicidade brilhando em seus olhos. Woods também se aproximou, pegou casualmente o braço da mulher, encenando tomá-la possessivamente para si. Então apertou a

mão de Tripp e agradeceu antes de se inclinar e dizer algo no ouvido dele, dando um tapa em suas costas.

Sorrindo, os dois se sentaram.

– Eu odiaria ser Braden e ter que tomar as rédeas depois dessa. Ele foi fantástico – murmurou Blaire.

Concordei totalmente.



Thad era um bom par para dançar, mas seus olhos estavam fixos numa bela atendente, que também olhava para ele. Assim que a dança terminou, eu me inclinei no ouvido dele e o adverti:

– Cuidado para não ser flagrado. Ela provavelmente seria despedida.

Ele piscou para mim.

– Sempre tomo cuidado.

Ri e voltamos para nossa mesa. Dean estava sentado lá com Nate, e os dois usavam as colheres da mesa como baquetas de bateria. Nate escutava atentamente seu avô explicar como manter o ritmo.

Rush e Blaire ainda estavam na pista de dança. Fiquei olhando Della dançar com seu pai. Ela não sabia da existência dele até dois anos atrás. Quando chegou a Rosemary Beach, não tinha família, apenas sua melhor amiga, Braden, e um monte de merda no passado.

– Eu tô tocando bateia, tia Bethy! – Nate me informou em voz alta.

– Estou vendo. Você toca bem!

Ele lançou para mim o sorrisinho charmoso que herdou do pai e voltou a batucar na mesa com as colheres. Surpreendentemente no ritmo da música. Talvez o menino tivesse herdado o talento musical do avô.

– Dança comigo? – perguntou Tripp antes de parar na minha frente.

Era ridiculamente injusto aquele homem estar vestindo um smoking. Devia haver uma lei contra isso. Seu 1,95 metro combinava mais com o abastado homem da elite que ele poderia ter sido em vez do rebelde de motocicleta que havia se tornado.

Ele esteve entretendo a prima de Braden a noite inteira. Eu havia proibido a mim mesma de olhar para o lado deles depois que meu estômago deu um nó tão forte que eu mal conseguia comer. Eu não ia fazer aquilo comigo.

– Você não deveria dançar com a sua acompanhante? – perguntei, incapaz de evitar o tom ferino na voz.

Não era culpa dele se Della tinha arranjado um encontro para Tripp durante o casamento. Não queria pensar no sexo que, tinha certeza, aquela mulher estava esperando.

– Eu já dancei com ela. Agora eu quero dançar com você.

Não estava certa se poderia me conter para não tirar umas casquinhas dele naquele traje se ele me pegasse naqueles braços. Por que esse homem tinha de ter essa aparência? Por que não ficou feio com o passar dos anos?

– Por favor, Bethy. – Ele baixou o tom de voz.

Como se eu conseguisse dizer não a ele. Segurei a mão que ele me estendeu e levantei.

– Garota esperta – disse Dean.

Virei o olhar na sua direção. Ele piscou para mim e levantou o polegar para Tripp antes de

focar de novo na lição de bateria com Nate.

– Está tudo bem. É só uma dança – disse Tripp, tomando minha mão até que eu estivesse perto dele e longe da mesa.

Não foi o comentário de Dean que não me deixou relaxar. Foi a ideia de estar nos braços de Tripp. Caminhamos para a pista no momento em que a música diminuiu e James Morrison começou a cantar “I Won’t Let You Go”.

Uma das mãos de Tripp pegou a parte inferior das minhas costas enquanto pressionava gentilmente a minha cintura com a outra, para eu me aproximar mais. Fiquei feliz por estar usando salto quinze e poder descansar minha mão em seus ombros.

– Você pode fazer melhor do que isso – disse ele em meu ouvido.

Meu corpo, traidor, estremeceu.

– Como assim? – perguntei.

As mãos dele se ergueram e pegaram as minhas, colocando-as ao redor do pescoço dele.

– Melhor assim – disse Tripp, quando nossos corpos roçaram um no outro.

Aquilo era perto. Perto demais.

– Seu perfume está incrível – sussurrou ele, me apertando ainda mais.

O calor do corpo dele estava ao meu redor, e eu comecei a ficar tonta, talvez por ter me esquecido de respirar. Quando inspirei de novo, o cheiro claro do sabonete dele me envolveu. Ele raramente usava colônia. Ou tinha o cheiro da brisa marinha, de andar de moto, ou esse. De qualquer maneira, costumava adorar puxá-lo para perto e inspirar.

– Você está linda esta noite. Quase senti pena das outras madrinhas por terem que usar o mesmo vestido que você.

Se outra pessoa dissesse isso, eu teria dado risada e revirado os olhos. Blaire Finlay era a coisa mais próxima da perfeição que eu já tinha visto na vida. E Harlow Carter tinha o tipo de beleza clássica que não se vê toda hora. Mas acreditei ao ouvir Tripp dizer aquilo.

Toquei na lapela do smoking e senti o tecido fino com os dedos. Não era um smoking alugado. Era provavelmente um Armani. Nenhum daqueles caras precisava alugar um smoking. Aquilo fazia parte do guarda-roupa deles desde crianças. Aquele estilo de vida requeria esse tipo de traje às vezes.

– Você fica bem de smoking. Nunca tinha visto você vestindo um – respondi, finalmente. Era o mais perto da verdade que eu podia chegar. Dizer isso fez meu coração acelerar no peito, e isso era uma má ideia.

Ele riu.

– Obrigado. Não gosto muito. Fazia tempo que eu não precisava vestir isso. Este é novo. Imaginei que, se fosse ficar em Rosemary Beach, precisaria de certas peças no meu guarda-roupas.

Ele ia ficar em Rosemary Beach? Por quê?

– Não vai sentir falta da estrada e de poder levantar acampamento e partir quando quiser? – perguntei, pensando no que sabia da vida dele desde que ele havia ido embora.

Começou outra música, e ele me puxou mais para perto.

– Cansei de fugir. Não há nada para mim em nenhum outro lugar. O que eu quero está em Rosemary Beach.

Ele não estava se referindo a mim. Eu não queria que ele se estivesse se referindo a mim. O mundo romântico pelo qual estávamos cercados naquela ilha ia terminar. No dia seguinte, encararíamos a realidade outra vez. E, com ela, o passado.

Não respondi. Aquelas não eram as palavras que eu queria agora. Queria viver a fantasia

daquela noite. O conto de fadas de poder estar ali, envolvida nos braços de Tripp para sempre. Podíamos dançar daquele jeito, e eu senti o coração dele. O calor do seu abraço seria a minha herança. Naquele momento, eu podia fingir.

Tripp

Eu não estava sendo cauteloso o suficiente. Tê-la nos braços estava me fazendo dizer besteiras que ferrariam com o progresso que vínhamos fazendo.

Apertei a mandíbula com força para parar de dizer quanto era gostoso senti-la – e exatamente o que eu queria fazer quando ela não estivesse vestindo nada além daquele salto alto sexy.

Inclinei a cabeça e inspirei profundamente. Se eu apenas pudesse beijar aquela curva no pescoço dela... Talvez sentir o gosto da pele com a ponta da língua. Ela costumava soltar gemidos deliciosos quando eu fazia isso. Seu corpo não estava mais tenso. Ela estava com os braços em volta dos meus e apertava o peito contra mim. Senti-la curvada sobre mim era uma sensação inebriante.

Levantando os olhos daquela pele suave, tão próxima da minha boca, vi Woods me fitando. Qual era a dele? Ele devia estar dançando com a mulher dele. Ele inclinou a cabeça para a esquerda e, olhando nessa direção, vi Charity sentada à mesa, sozinha. Mas que inferno! Ele não ia me fazer sentir culpado. Merda. Merda!

Olhei de novo para ele, que repetiu o gesto com mais rigor. Então vi Della caminhando na direção de Charity. Ai, cacete. Della não estava aproveitando a festa porque estava preocupada com a garota. Caralho. Eu teria de ir lá para que Della pudesse voltar a se divertir.

Onde estava Braden? Por que não estava entretendo a prima? Eu não pedi para ter uma acompanhante. Se quisesse uma, eu mesmo teria levado.

Os dedos de Bethy deslizaram pelos cabelos na minha nuca. Ai, ai, ai. Fechei os olhos quando ela começou a correr levemente as unhas pelo meu pescoço. Como eu poderia largar aquilo? Meu Deus, eu estava no paraíso.

Minha mão deslizou mais pelas costas dela, até encontrar a curva daquela bundinha. Ela não fugiu, e eu preendi a respiração. Abrindo os olhos antes que me perdesse completamente, vi que Woods agora caminhava na minha direção. Ele parecia determinado.

Estava pronto para pedir que ele me deixasse em paz. Que me deixasse aproveitar aquilo. Ele não fazia ideia de como era esperar oito anos. Ele precisou aguentar apenas duas merdas de semanas sem Della. Ele que experimentasse oito anos para ver.

Thad passou e Woods segurou seu braço e disse algo para ele. O olhar de Thad se virou para mim. Pareceu se desculpar quando baixou a cabeça. Woods estava mandando que ele nos interrompesse.

Bethy escolheu aquele momento para descer as unhas pelo meu peito e me fitar com aqueles enormes olhos castanhos. Eu precisava dizer alguma coisa. Explicar ou me desculpar. Mesmo que aquilo não fosse culpa minha.

– Oi, meu velho. Divide aí! Você já dançou umas cinco músicas com ela. Agora é minha vez – disse Thad em um tom provocativo que não combinava com seus olhos. Estava olhando para mim como se temesse um cruzado no queixo.

Bethy piscou e pareceu um tanto tonta com aquilo, mas suas mãos permaneceram fixas no meu corpo, ela não recuou. Eu estava realmente muito perto de bater no peito feito um homem das cavernas.

– É sério, Bethy. Dance comigo. Tripp precisa dar um pouco de atenção à moça sentada na mesa dele.

– Ah – disse Bethy, como se a ficha do que estava acontecendo finalmente tivesse caído, encerrando seu devaneio.

Ela olhou para as próprias mãos, ainda em mim, afastou-as rapidamente e deu um passo para trás.

– Certo – disse ela, olhando ao redor. – Sinto muito.

Eu ia dançar com a outra para fazer Woods feliz, mas não ia deixar Bethy se desculpar. Foda-se. Agarreí sua mão e a puxei de volta para mim.

– Não se desculpe. Não por isso – disse, então coloquei sua mão na de Thad. – Cuidado! – adverti baixinho quando passei por ele.

Disparei toda minha frustração na direção de Woods, que estava observando. Ele pelo menos parecia um tanto culpado.

Chegando à mesa, ouvi Charity tentando fazer Della ir dançar com seu marido e não se preocupar com ela. Por que Thad não podia dançar com ela? Por que tinha de ser eu? Afastei a tristeza e vesti um sorriso fingido.

– Oi, Della, você não devia estar dançando? É seu casamento!

Della levantou os olhos para mim com um alívio indisfarçável.

– Ah, sim! Só conversando com Charity. Braden não estava se sentindo bem. Ela ficou de pé tempo demais hoje. A segunda gravidez está acabando com ela.

Ótimo. Isso respondia a minha outra pergunta.

– Ficarei com a Charity. Vá dançar com seu marido. Ele parece solitário.

Ela sorriu para mim e assentiu, antes de voltar correndo para Woods. Aquela era a noite deles. Eu faria isso por eles. Desta vez. Mas nunca mais. E para mais ninguém.

– Você parecia bastante envolvido com a outra parceira de dança. Alguém a tirou de você? – perguntou Charity.

O tom contrariado na voz dela não me passou despercebido. Eu ainda sentia o calor de Bethy nos braços. Não estava pronto para aceitar uma substituta. Sentei ao lado de Charity em vez de convidá-la para dançar.

– Você está se divertindo? – perguntei, ignorando completamente o comentário dela.

Ela levantou as sobrancelhas, como se estivesse surpresa de que eu me importasse. Propositadamente, eu não olhava para Bethy nos braços de Thad. Não conseguia ter certeza de que não correria de volta para tirá-la dele.

– Meu acompanhante esteve bastante envolvido com outra mulher na última meia hora. O que você acha? – Sua resposta foi dura dessa vez.

Eu me inclinei para a frente para informá-la de que ela não era minha acompanhante. Ela estava ali porque Della a havia convidado, e não porque eu pedi. Tudo o que eu queria naquele momento era voltar para lá e ficar com Bethy. Mas me controlei. Eu não era cruel. Charity era uma mulher desconsolada, que havia sido desprezada pelo marido. Estava magoada no meio de um casamento feliz. E eu, um dos raros solteiros por ali, era um alvo fácil. Eu entendia isso.

– Eu sou apaixonado por ela – disse.

Charity precisava saber que nada aconteceria. Ela revirou os olhos.

– Claro que é. Peitos grandes e todas aquelas curvas. Tenho certeza de que é amor, claro.

Foi difícil recordar outra vez que Charity estava passando por um mau momento.

– Sim, ela é bonita, mas é mais profundo do que isso – retruquei, incapaz de esconder que ela havia me incomodado.

– Homens. Vocês veem algo que pensam que será fácil e ficam feito cachorro pidão. Esta noite *eu* sou a presa fácil.

Meus punhos cerraram e eu disparei um olhar furioso para ela. Ela havia passado dos limites. Ninguém se referia a Bethy como fácil. Me inclinando para a frente, cerrei meus dentes com tanta força que minha mandíbula saltou.

Charity se recostou e seus olhos se arregalaram de medo. Eu não perdia a estribeira a toda hora, mas aquela mulher estava me pressionando.

– Quando eu tinha 18 anos, eu me apaixonei. Não um primeiro amor bobinho. O primeiro e único tipo de amor. Mas como meus pais queriam que eu me tornasse alguém que eu não era, precisei fugir para me salvar. Ela estava só com 16 anos, e eu não podia levá-la comigo. Quando fugi, fiz aquilo por nós, assim poderia voltar para ela quando ela fosse maior de idade.

O tom duro da minha voz fez os ombros dela encolherem e seu rosto empalidecer, mas ela estava escutando.

– Mas as coisas não aconteceram como imaginei. Enquanto estava fugindo, ela enfrentou algo terrível sem mim. Eu não estava lá para ajudá-la e dar apoio. Por causa disso, eu a perdi. Anos depois, ela se apaixonou outra vez. Pelo meu primo. Quando finalmente voltei para casa para enfrentar os meus fantasmas, ela estava feliz. Mais que qualquer coisa no mundo, eu queria que ela fosse feliz. Mas a tragédia nos derrubou outra vez. Uma corrente tragou meu primo para dentro do mar quando ele foi salvar a vida dela, e nós o perdemos. Por dezoito meses, precisei assistir à mulher que eu amo andar perdida pela vida. Ela não me deixava sequer chegar perto, porque eu a lembrava de tudo o que havia perdido. Ela gritava comigo e dizia coisas que me partiam por dentro, de um jeito que talvez nunca consiga recuperar. Ainda sim, eu a sigo e a protejo todos os dias. É a única coisa que me mantém seguindo em frente.

O tom irado da minha voz havia sumido. Eu soava tão desesperado como realmente me sentia. A expressão de Charity se acalmou e o choque em seus olhos foi substituído por simpatia. Olhei para a pista de dança onde Dean Finlay, que substituiu Thad, fazia Bethy girar, fazendo-a sorrir.

– Nesta noite, pela primeira vez em oito longos anos, ela me deixou abraçá-la e não gritou comigo. Não me mandou embora. O melhor amigo do meu primo se casou hoje e, em vez de meu primo estar aqui como padrinho, precisei tomar seu lugar. Mesmo com essa lembrança pairando sobre a festa, ela me deixou ficar junto dela.

Charity deixou escapar um “Ah”.

Eu não sabia por que havia contado tudo. Queria que ela entendesse que eu conhecia tudo sobre dor. Ela não era a única com decepções no passado. E também quis que ela entendesse que eu não dormiria com ela naquela noite.

– Então é aquela ali – disse Charity, olhando Bethy rir das brincadeiras de Dean.

– Sim, aquela ali.

– Ela é linda – disse ela num sussurro.

– A mulher mais linda que já vi.

Ela sorriu.

– É uma história de partir o coração. Ao mesmo tempo, me faz acreditar que tem mais coisa esperando por mim. Nunca vi esse tipo de amor. Eu achava que isso só existia nos filmes. Vendo o seu rosto enquanto você falava dela... é isso que eu procuro. – Ela levantou e sorriu, iluminada.

– Obrigada por ter me contado isso tudo. Eu estava sentada aqui sentindo pena de mim mesma. E admito: estava furiosa por você não me dar nenhuma atenção. Mas, depois de ouvir sua história e ver Della e Woods juntos, sei que Braden e Adam não são os únicos. Há realmente alguém por aí para cada um de nós. E o meu grande amor está por aí, em algum lugar. Eu apenas não o encontrei ainda.

Concordei com a cabeça e me levantei.

– Vamos deixar isso para trás. Quer dançar? – perguntei, oferecendo minha mão num gesto de amizade.

Ela soltou uma risada e balançou a cabeça negativamente.

– De jeito nenhum. Vá lá e dance com ela. Vou ficar esperando por um final feliz aqui.

Sorri agradecido. Com o canto do olho, vi Dean levar Bethy para a mesa deles.

– Você não vai ver isso se resolver esta noite. Temos muito a superar ainda – falei, desejando que fosse assim tão fácil.

– Eu imagino. Mas, se eu tiver que me contentar com um momento de tensão na história, que pelo menos seja um dos bons – disse Charity com um sorriso provocador.

Tudo o que eu desejava para aquela noite era que terminasse tão maravilhosamente como havia começado.

– Deseje-me sorte – disse, dando a ela um último sorriso antes de atravessar o salão para pegar Bethy.

– O nome dela é Bethy, certo? – perguntou Charity.

Olhei de novo para ela.

– Sim.

– Então eu sou do time Trethy.

Que diabo isso queria dizer? Não perguntei porque não queria perder mais tempo.

Bethy

Dean era uma boa distração. Thad disse que Della pediu para Tripp entreter Charity, já que Braden não estava se sentindo bem e ela não tinha mais ninguém. Entendi isso e devia estar completamente na boa com o negócio todo. Eu devia ficar aliviada, na verdade. Estava em cima de Tripp quando Thad me tirou dele. Em algum ponto, seu toque e sua respiração contra o meu pescoço me tiraram o juízo.

Segui em direção à mesa com Dean e continuei andando. Precisava encontrar um canto quieto para organizar meus pensamentos. Ver Tripp numa conversa íntima com Charity, aquelas cabeças inclinadas uma na direção da outra, foi demais para mim. Eu tinha estado pronta para subir nos braços dele, mas ele fugiu fácil demais.

Argh. Eu estava sendo má. Detestava isso. Eu não era esse tipo de garota.

Depois de sair da tenda, fui em direção à noite escura. Ainda não podia voltar para o meu quarto. Seria uma grosseria. Só precisava de alguns minutos sozinha. Talvez uma boa conversa motivadora comigo mesma antes de voltar para lá.

O canteiro de palmeiras foi a coisa mais próxima de privacidade que encontrei, então desci a pequena colina até lá. O som de passos atrás de mim me fez parar. Tripp se aproximava rapidamente. O que ele estava fazendo?

Ele me alcançou e pegou minha mão.

– Continue andando – disse ele, mantendo os olhos nas palmeiras.

– Por quê? – perguntei, confusa, começando a correr para acompanhá-lo.

Ele não disse nada. Quando chegamos à proteção das árvores, ele pegou minha cintura e me empurrou contra um daqueles troncos grossos.

– Aonde você estava indo? – perguntou ele, examinando meu rosto como se tivesse todas as respostas do mundo.

Suas mãos ainda estavam na minha cintura, e sua pegada era firme.

– A-aqui me-mesmo – gaguejei.

– Por quê? – perguntou ele, aproximando-se de mim.

– Eu precisava ficar um pouco sozinha – admiti.

E você estava todo de segredinhos com a Charity. Mas eu não disse essa parte. Tornaria as coisas confusas. Aquela noite era um momento da vida em que podíamos esquecer o passado. Nada além disso.

– Eu estava voltando para tirar você para dançar outra vez – disse ele, baixando o tom de voz, aproximando-se mais e inclinando a cabeça para baixo, na minha direção.

– Você me pareceu bastante ocupado – respondi, antes de conseguir frear.

Ele colocou uma de suas coxas entre as minhas pernas.

– Eu estava conversando. Aquilo incomodou?

Sim.

Muito

– Não, claro que não.

– Certo – respondeu ele, passando o polegar pelo meu maxilar e atrás da minha orelha antes de deixar os dedos descerem pelo meu pescoço.

– Tripp...

– Sim? – respondeu ele, agora subindo os dedos de volta pelo meu pescoço.

– O... o que você está fazendo?

Por Deus, eu não podia mais com aquilo. Ele inclinou a cabeça e inspirou profundamente junto ao meu pescoço.

– Eu queria fazer isso enquanto a gente dançava. Sua pele tem um cheiro tão bom.

Eu queria dizer que a gente devia parar. Aquilo não podia ir adiante. Isso só aumentaria a dor. Mas a minha cabeça se inclinou para trás e eu mostrei o pescoço. Era um convite claro.

Tripp gemeu bem na hora que seus lábios tocaram a minha pele. A pontinha quente da sua língua subiu pelo meu pescoço. Ele pegou meu lóbulo gentilmente com os dentes antes de avançar com beijinhos até a minha boca. Eu sabia que aquilo ia acontecer e tudo o que eu podia fazer era segurar o fôlego na expectativa.

Quando seus lábios cobriram os meus, a realidade deixou de importar. Aquele momento era tudo o que interessava. A mão de Tripp desceu, segurou uma de minhas pernas e a puxou para cima. Eu a enrosquei em torno da cintura dele.

Sua boca se abriu sobre a minha, e eu dei o que ele estava querendo. O gosto do champanhe daquela noite me assaltou quando sua língua deslizou sobre a minha, como se ele estivesse tentando me saborear. Enfiei os dedos outra vez nos cabelos dele. Precisava segurá-lo ali. Não queria que aquilo terminasse. Aquela sensação... uma sensação que eu tinha esquecido. Muitas vezes, achei que fosse apenas a minha imaginação de menina que me fazia pensar que isso podia ser assim tão gostoso. Mas lembranças não precisam de enfeites.

O mundo desapareceu enquanto a boca de Tripp cobria a minha. Sentir o gosto dele era apenas parte disso. A intimidade de cada lambida e carícia era como uma tocha sendo acesa.

As mãos de Tripp subiram pelas minhas coxas e por baixo do meu vestido até que ele agarrasse meu bumbum. Ele paralisou completamente quando elas encontraram minha pele nua em vez de calcinha. Eu estava sem lingerie para evitar as marcas no vestido.

Ele inspirou fundo, tirou sua língua da minha e me encarou. O desejo que pulsava em minhas veias e acordava cada centímetro do meu corpo estava ali, nos olhos dele.

– Sem calcinha – disse ele num sussurro rouco.

Ele deslizou a mão para baixo até encontrar a umidade que causara. Depois baixou a testa contra a minha e fechou os olhos com firmeza enquanto seus dedos começaram a se mover entre minhas pernas abertas. Sua respiração estava dura e pesada. Agarrei seus ombros e tremi quando seu dedo permaneceu tão perto de onde eu queria que ele tocasse.

– Você está ensopada...

Eu sabia que sim. Podia sentir aquilo umedecendo minhas coxas. Ele começou a mover seu dedo, e eu enterrei meu rosto no peito dele e gritei. Tripp colocou um dedo dentro de mim e então lentamente começou o movimento de sair e entrar. Eu gemia e ofegava com a boca amordaçada contra o peito dele.

– Tão quente e apertadinha. Meu Deus, como eu amo tocar em você assim. Vou brincar nesse clitóris gostoso, minha linda. Segure-se em mim – disse ele antes que seu polegar fizesse o que ele prometeu.

Minha cabeça caiu para trás quando gritei o nome dele.

– Está gostoso? Essa bocetinha quente quer mais uns carinhos? Ela está apertando meus dedos com tanta força que eu vou acabar gozando dentro das calças.

Eu nem precisava do estímulo extra das sacanagens que saíam da boca de Tripp. Eu já estava pronta para explodir. Queria gritar o nome dele e não me importava se alguém me ouvisse. Só queria o alívio que aquilo ia me dar.

Agarrei sua camisa e tentei desabotoá-la freneticamente. Eu precisava agarrá-lo. Queria sentir aquele peito lindo com o qual eu fantasiava.

– Devagar – disse ele, levantando a mão para que eu não rasgasse sua camisa. – Eu tiro, se você quiser, mas agora quero sentir você gozar nos meus dedos – sussurrou ele, beijando meus lábios.

Eu queria isso também.

– Você molhou a minha perna – disse Tripp, com um sorriso de prazer.

Ah, meu Deus. Eu nem me importava. Agarrando sua camisa mais forte, eu ofegava violentamente contra o peito dele.

– Goza com meus dedos, querida. Eu seguro você.

A voz dele era profunda e rouca nos meus ouvidos. Aquilo era suficiente para me fazer tirar os pés do chão. O prazer que me rompia por dentro era quase uma dor sacudindo meu corpo com força. Eu remexia loucamente quando o nome dele saiu da minha boca numa súplica desesperada.

Sua boca estava ainda na minha orelha, me dizendo coisas que apenas prolongavam aquilo. Como eu estava perfumada e como meu tesão estava molhando os dedos dele e como ele estava duro. Ele tinha um poder incrível com as palavras.

– Pare! – pedi, esbaforida, precisando respirar.

Tripp me mantinha bem junto dele enquanto sua mão se desdobrava no meio das minhas pernas.

– Parar com o quê, linda? – perguntou ele, correndo sua boca para cima e para baixo no meu pescoço, com a respiração pesada queimando minha pele.

– Não fale nada – implorei.

Ele parou de falar. Era demais.

Uma risadinha vibrou no peito dele, e eu percebi que ainda estava com sua camisa caríssima enganchada em meus punhos. Soltei e tentei alisá-la, mesmo que meu corpo não funcionasse mais corretamente.

– Posso falar agora?

Olhei para ele enquanto me observava, a urgência ainda ardia em seus olhos.

– Se não for sacanagem, sim – disse, ainda com voz de quem tinha corrido um quilômetro.

Ele riu alto dessa vez e me agarrou mais forte enquanto sua mão lentamente saía do meio das minhas pernas.

– Não é engraçado – repreendi Tripp, deitando a cabeça contra o tronco da palmeira.

Ele se inclinou e beijou o canto da minha boca.

– Você não gosta quando digo quanto você é gostosa?

Ah, eu adorava aquilo.

– Sua boca suja devia vir com um aviso: letal – expliquei a ele enquanto meu coração desacelerava e minha respiração voltava ao normal.

Ele sorriu e baixou os olhos para o meu ventre, que ainda estava montado na coxa dele. Baixei a perna que estava enlaçada em torno de sua cintura.

– Minhas calças ensopadas me dizem que você adorou.

Eu estava na ponta dos pés para evitar afundar completamente em sua coxa. Minhas panturrilhas começaram a queimar. Tripp era muito alto.

– Eu preciso que você mova sua perna antes que eu fique com câibra na panturrilha.

– Por que você teria câibras? – perguntou ele, olhando para baixo. – Pare de ficar na ponta dos pés. Eu seguro você.

Suspirei e saboreei o oxigênio que enchia meus pulmões.

– Você já está reclamando da sua perna molhada. Vai ficar pior. Eu estou um horror – admiti.

– Não estou reclamando disso, linda. É sexy. Muito mesmo. Eu posso sentir seu cheiro em mim, e isso é delicioso.

Ai, Deus, lá vinha ele de novo. Balancei a cabeça para ele outra vez e pus um dedo sobre sua boca.

– Chega disso. É sério. Eu preciso me recompor e voltar.

Tripp sorriu.

– Você não pode voltar para lá, querida. Seu vestido está amassado, eu desarrumei seus cabelos, seus lábios estão inchados e aposto que a pele delicada do seu pescoço está toda vermelha. Ainda tem o fato de que você está sem calcinha e cheirando a sexo. É um cheiro inebriante, e eu me recuso a deixar outra pessoa senti-lo.

É, eu não podia voltar para lá. Eu realmente precisava de um tempo sozinha agora.

– Eu vou me recompor e vou lá dentro desejar boa noite para Della e Woods. Vou inventar alguma justificativa para você também.

Ele parou e me estudou por um momento. Ver os olhos de Tripp me fez formigar entre as pernas outra vez, embora isso devesse ser impossível.

– Então voltarei para você.

Ele não me deu tempo para responder. Dobrou os joelhos, me recompôs e me ajudou a arrumar o vestido antes de voltar à tenda. Observei suas longas pernas e como seus ombros largos combinavam com aquela roupa. E esperei que a culpa batesse. Eu não tinha ficado com ninguém desde Jace.

Mas a culpa não bateu.

Isso me deixou zangada. Comigo mesma, por trair Jace. Com Tripp, por me fazer desejá-lo. Com a vida, porque eu sabia que o que eu havia tido com Tripp estava destruído. Não poderia se repetir.

Tripp

Uma vez sob o brilho das luzes da tenda, olhei para baixo para ver como eu estava. A não ser pela camisa amassada, estava bem. Além disso, não pretendia ficar muito ali. Não ia dar tempo para Bethy mudar de ideia.

Por sorte, Woods e Della não estavam dançando. Estavam conversando com Rush e Blaire. Cheguei pela lateral, para não precisar caminhar por entre as mesas e falar com alguém. O olhar de Rush foi o primeiro a me encontrar. Minha camisa amassada não passou despercebida, e ele ergueu as sobrancelhas com surpresa.

– Onde você estava? – perguntou ele numa fala arrastada e jocosa.

Os outros três se viraram para me escutar. Woods não parecia entusiasmado, mas Della pareceu tranquila com o fato de eu abandonar Charity. Um sorriso se abriu nos seus lábios.

– A sua... Ah... – balbuciou Blaire apontando minha camisa. Ela olhou para Rush buscando ajuda.

Ele riu da reação dela, e os olhos de Blaire arregalaram compreensivamente.

– Então você e, hã, Charity, amassaram isso aí? – perguntou Blaire, numa voz insegura. Charity? Nem pensar.

– Ele abandonou a Charity faz algum tempo – disse Woods, num tom contrariado.

Della olhou para ele e deu um tapa no seu peito.

– Ele não fez isso. Ele conversou com ela, e Charity falou para ele ir. Está tudo certo agora, você não precisa se preocupar com ela.

Woods pareceu aliviado.

– Ótimo. Não vamos arranjar outro encontro para ele. Muito estresse.

Della riu e voltou seu olhar para mim.

– Desculpe por isso. Estava tentando ajudar. Eu não sabia...

– Tudo bem. Gostei da lembrança. Olhem só, a noite foi maravilhosa e eu estou realmente feliz por vocês. Mas Bethy tem que voltar para a cabana dela, e eu vou garantir que ela chegue lá a salvo.

Rush tentou abafar sua risada com uma tossida. Woods nem sequer tentou. Filhos da puta. Eles podiam ao menos fingir que acreditavam, para manter as aparências.

– Ah, claro. Agradeça a Bethy por tudo. Se não virmos vocês de manhã, antes de decolarmos, nos vemos quando voltarmos da lua de mel – disse Della.

– Divirtam-se – disse, então olhei para Blaire, cujo rosto estava tomado de curiosidade. Se eu não sáísse de uma vez, ela ia começar a fazer perguntas.

– Você também – respondeu Woods, com um sorrisinho.

Antes que pudessem ver o sorriso no meu rosto, fui embora.



Quando cheguei, Bethy estava sentada na espreguiçadeira do lado de fora de sua cabana. Perdida em seus pensamentos, não pareceu que tivesse sequer entrado em casa. Os sapatos que havia usado naquela noite estavam pendurados em seus dedos. A não ser por isso, não parecia mudada. Um receio a respeito de seus pensamentos deve ter tomado conta de mim.

Sentei ao seu lado, mas ela não me olhou. Não era um bom sinal. Eu queria me aproximar e pegar na sua mão, mas estava com medo de que ela fosse embora. Estava sem ação outra vez. Conhecia bem esse sentimento.

– Ele se parecia com você – disse Bethy suavemente, enquanto observava a água brilhar sob o luar. – No primeiro dia em que ele me notou e flertou comigo, tudo o que eu via era você. A maneira como sorria, com os olhos dançando de alegria. Ele era tão parecido com você. – Ela parou e olhou para mim. Uma tristeza tomou conta dela e me cortou o coração. – Eu dormi com ele pela primeira vez por causa de você. Sentia tanto a sua falta.

Ela merecia aquilo, mas eu não estava certo de que ia aguentar.

– Mas ele não era como você. Não de verdade. Ele era ele mesmo. O sorriso dele era mais sacana, e ele era brincalhão. Menos sério. Ele me amava e, por causa disso, eu me apaixonei por ele. Estava assustada no início, com isso de voltar a amar. Sabia quanto doía no fim.

Minhas mãos se fecharam e eu fazia força para continuar respirando.

– O amor dele era tranquilo, e ele me fez sentir ser a coisa mais importante da vida dele. Nunca havia tido isso antes.

Porque eu a abandonei. Eu não fiquei com ela.

– Perdê-lo foi perder o que a gente tinha. Foi... – Ela botou a cabeça entre as mãos e tomou ar profundamente. – Aquilo me mudou. Quase me destruiu. Não sei se um dia vou reencontrar a garota que eu fui. A garota em que me tornei com Jace. Você e eu tivemos uma história. Um passado que precisava de um encerramento. Quando você voltou, eu tinha muito medo do que ainda sentia por você. Você me aterrorizava, porque eu sempre amaria mais você. Estava com medo de perder o que tinha com Jace porque, quando olhava para você, meu coração fazia coisas que eu não sentia fazia muito tempo.

Ela enxugou uma lágrima que descera pela bochecha. Se eu pudesse voltar e mudar o passado, mudaria. Qualquer coisa que tirasse aquilo do peito dela.

– Eu vou ter de conviver com o fato de que minha estupidez custou a vida dele. A culpa jamais vai sumir. Eu bebia para afogar as memórias. Eu sabia que precisava dizer a verdade a Jace sobre nós e a gravidez, mas não podia. Não queria que ele me odiasse. Eu tinha medo de perder o amor dele. A maneira como olhava para mim, como se eu fosse a única coisa no mundo. Se pudesse voltar, eu contaria a ele. Mesmo que ele me odiasse pelo que fiz, ao menos ainda estaria vivo. A risada dele não teria desaparecido...

Eu me aproximei e peguei suas mãos, que estavam cerradas sobre o colo. Seu corpo ficou tenso com o meu toque, mas Bethy não fugiu. Eu não sabia o que dizer. Tudo o que eu sabia era que Jace não teria desejado isso. Ele não a tinha salvado perdendo a própria vida para que ela vivesse com culpa.

– Você estava com medo de perder o homem que amava por causa de algo do seu passado. Beber muito para mascarar emoções que você não queria encarar é algo mais comum do que pensa. As pessoas fazem isso o tempo todo. O que aconteceu com Jace não foi culpa sua. Foi um acidente, Bethy. Foi um trágico acidente. Durante sua vida, você esteve muitas vezes naquelas

águas depois de beber e fazer festa. Todos nós estivemos. Caramba, uma vez fui surfar bêbado de noite. Isso é seguro? Não. Mas você não estava pensando sobriamente. Jace viu você ir para lá, e o único pensamento dele foi mantê-la a salvo. Ele jamais pensou no perigo. Ele escolheu salvar você e se sacrificar. E eu o conhecia o suficiente para saber que ele não salvou você para que pudesse viver com culpa e dor. Ele queria que você tivesse uma vida, Bethy. O que você tem feito não é viver.

Bethy franziu os lábios e sufocou um soluço. Eu tiraria aquele fardo dela e viveria com ele, se pudesse.

– Esta noite – dizia, quando outro soluço apareceu. – Esta noite com você... Eu não pensei nele.

Como se percebesse o que acontecia ao falar aquilo, ela tirou suas mãos das minhas e se levantou abruptamente, colocando uma distância entre nós dois.

– Isso é parte de viver. De aproveitar a vida. Você só está vivendo – falei, esperando que ela entendesse aquilo, que aceitasse a situação.

Ela fungou e limpou o rosto.

– Eu só... não consigo – interrompeu ela, depois respirou fundo e voltou a olhar para mim – Não posso viver a vida... com você. Eu simplesmente não posso.

Eu me levantei, mas ela balançou a cabeça e se virou para entrar em casa.

– Eu amo você.

As palavras me saíram sem que eu pudesse freá-las. Palavras que eu queria ter dito a ela tantas outras vezes durante os últimos oito anos. Ela agarrou a maçaneta com firmeza e não olhou de volta para mim. Ficamos ali em silêncio por vários minutos enquanto eu me agarrava em um fio de esperança de que isso fosse mantê-la na minha vida.

– Eu lamento, mas é tarde demais.

Ela entrou, e as paredes em volta se fecharam.

E era isso. Eu precisava sair de cena e deixar que ela encontrasse a vida que desejava. Jamais faria parte daquela vida. Mas como poderia aceitar isso? Eu queria ter um futuro com Bethy. Queria ser o responsável por fazê-la sorrir. Quanto mais eu poderia pressioná-la? Encontrar uma maneira de deixá-la seguir em frente e se curar sem mim era como arrancar meu coração e deixá-lo no chão. Ela queria se curar. Ela só não queria resolver isso comigo.

Bethy

Baixei minha bandeja de drinks e inspirei profundamente várias vezes. Fazia três meses que eu havia conseguido tirar Tripp da minha vida. Quando voltou da ilha, depois do casamento, ele deixou de me seguir até o trabalho e de volta para casa. A não ser pelos momentos em que jogava golfe com os rapazes, eu raramente o via.

– Tudo bem? – perguntou o chefe dos atendentes no restaurante do clube.

– Sim – respondi com um sorriso.

– Que bom, porque os membros da diretoria estão todos aqui. Estaremos bastante ocupados esta noite, e a boa e velha tia Darla está lá fora para ter certeza de que não vamos falhar.

Eu tinha visto a mesa reservada e os convidados sentados. Esse era o motivo principal de eu precisar de um momento para me recompor. Servir meus amigos era algo que eu normalmente gostava de fazer, pois tanto Della quanto Blaire também já haviam trabalhado ali. Eles eram fáceis de servir. Na maioria das vezes, eles mesmos se levantavam e pegavam suas próprias bebidas e pratos da cozinha.

Mas naquele dia era diferente. Estavam todos arrumados. Era um jantar de negócios, organizado por Woods a cada trimestre. Eu já havia participado desses encontros com Jace. Ver Tripp com outra mulher foi o que me tirou dos trilhos. Não que eu tivesse direito de reclamar.

– A água já foi servida. Woods escolheu um tinto e um branco para o jantar. Você pega o tinto e eu pego o branco. Também imagino que Dean Finlay vá pedir uísque. Todos os outros normalmente ficam no vinho.

Concordei com a cabeça, ainda tentando imaginar por que eu estava tão incomodada por Tripp levar uma acompanhante. Eu havia mandado ele embora e tinha funcionado. Talvez até demais. Ele estava com London Winchester naquela noite. Os dois namoraram por dois anos no tempo de escola. Quando estávamos juntos, ele não parecia curtir ela nem um pouco. Ela o incomodava.

Mas, na época, ela também não parecia uma modelo da alta costura. Ela devia ter 1,80 metro e a maior parte disso eram pernas. Argh.

– Garota, tem certeza de que você está bem? Você parece pálida.

Jimmy parou na minha frente e pôs o dedo no meu queixo para levantar meu rosto, de modo que pudesse me olhar de frente. Havia muitos homens bonitos naquela cidade, mas Jimmy possivelmente era o mais lindo de todos. Ele era impressionantemente atraente. As coroas lhe davam boas gorjetas e faziam de tudo para tê-lo em suas camas.

Só que Jimmy tinha um namorado. Um namorado bastante fegoso, chamado Ben. Isso era mantido em segredo, porque, se as coroas soubessem que ele não tinha nenhum interesse por mulheres, as gorjetas não seriam tão boas. Ele era ótimo no flerte.

– Foi um longo dia, e servir uma mesa em que está sentada minha tia Darla não parece uma boa maneira de encerrá-lo.

Jimmy revirou os olhos.

– Essa mulher ama você. Não seja tão mesquinha.

Tia Darla realmente me amava, mas ela também era difícil de agradar. Ela mantinha as coisas na rédea curta ali. Esse era um dos motivos para ela integrar a diretoria do clube. Woods sabia que precisava dela.

– Eu sei – disse, pegando a garrafa de vinho tinto.

– Bom trabalho.

Ele me empurrou, coloquei um sorriso no rosto e segui para a área privativa do salão de jantar, onde a diretoria estava sentada. Uma mesa repleta de amigos e minha tia não deveria ser tão difícil de servir. Eu deveria estar feliz por encerrar a noite assim. A gorjeta que Woods deixaria pagaria meu aluguel naquele mês e ainda sobraria. Eu devia estar agradecida.

London virou os olhos felinos na minha direção. Ela não sabia quem eu era, e eu estava grata por isso. Como não acompanhava a vida de London desde aquele verão com Tripp, não tinha ideia do que ela estava fazendo agora. Ela realmente poderia ser modelo.

– Bethy! – chamou a voz excitada de Blaire.

Desviei o olhar de London para o dela. Ela estava esfuziante, como se eu não tivesse passado um dia inteiro com ela havia dois dias. Depois do casamento, fiz o melhor que pude para ter uma vida. Tripp tinha razão quanto a isso. E estava fazendo o melhor que podia.

– Soube que perdi uma sessão de compras – disse Della, sorrindo para mim. – Exijo uma reparação na semana que vem.

– Se você não tivesse estado com seu maridinho em um encontro secreto, teria nos acompanhado – provocou Blaire.

Della sorriu e lançou um olhar amoroso para Woods.

– Onde está Harlow? – perguntei a Grant, que parecia perdido sem a mulher e o filho.

– Lila Kate não dormiu a noite toda. Dei a Harlow um momento de descanso. – Grant bocejou ao terminar a frase.

Rush riu.

– Sei bem como é.

Jimmy roçou em mim ao passar a meu lado.

– Vinho – sussurrou ele.

Lembrei que não estava ali de visita e enchi a taça de Woods com vinho tinto. Ele jamais bebia branco. Jimmy começou no outro lado, onde Rush estava sentado.

– Eu só quero água com gás – pediu Della.

Cheguei ao fim da mesa e enchi as taças de Grant e de minha tia Darla. Blaire já tinha vinho branco, então segui adiante. Enquanto servia, a voz de Tripp era tudo o que eu ouvia. Estava rindo de algo com Woods, sobre alguma coisa que havia acontecido naquele dia. Será que London era a razão dessa felicidade?

London já tinha vinho branco, mas a taça de Tripp ainda estava vazia. Eu teria de perguntar se ele queria tinto. Droga. Por que era tão difícil? Eu estava sendo ridícula.

– Tinto? – perguntei em voz baixa, para não chamar atenção ou interromper ninguém.

Tripp levantou a cabeça e meu coração se acelerou, como sempre acontecia quando ele estava por perto. Fazer contato visual com ele não parecia uma boa ideia, mas eu não tinha muita escolha.

Foi um breve instante, mas em seus olhos percebi um raio de remorso antes de ele assentir com a cabeça.

– Por favor – respondeu ele, então voltou a conversar com Woods.

London se aproximou de Tripp e ele colocou o braço no encosto da cadeira dela. A

intimidade dos dois era evidente. Ficavam bem juntos. Combinavam. Ela era alta e linda. Perfeita para Tripp. Meu estômago deu voltas.

Rapidamente saí do salão para a cozinha, onde Jimmy me esperava com uma bandeja de sopas.

– Sopa de couve-flor com cogumelos chanterelle e óleo de trufas. Assim que estiverem servidos, precisamos colocar os pratos de queijo. Eu carrego. Essas porras pesam uma tonelada. Você só me segue, pega eles da bandeja e coloca na mesa.

– Entendi.

Jimmy piscou para mim e manteve a porta aberta enquanto eu tirava a minha bandeja. Ele estava exatamente atrás de mim. Mais uma vez, iniciei com Woods e Jimmy com Rush. Eu ia pela esquerda e Jimmy pela direita. Assim, eu não precisaria servir Tripp e sua acompanhante. Talvez pudesse manter esse arranjo a noite inteira.

– O que é isso? – perguntou Della quando coloquei a sopa em sua frente.

– Sopa de couve-flor com cogumelos chiques e óleo de trufas – respondi.

Ela torceu o nariz, e eu tive que reprimir um sorriso.

– É boa. Eu experimentei na semana passada. Se não gostar, peço para prepararem outra coisa – disse Woods, sorrindo como se ela fosse a coisa mais maravilhosa que ele já tivesse visto na vida.

Eu precisava concordar com ela. Não acreditava que qualquer coisa com couve-flor pudesse ser boa. Nem mesmo óleo de trufas poderia compensar isso. Della provou uma colher pequena, e eu esperei para ver se precisaria levar de volta.

– Ah, sim, é deliciosa.

Assim, continuei colocando os pratos de sopa na frente de cada um do meu lado.

Teria sido fácil, se eu não sentisse o olhar de Tripp em mim o tempo todo. Aquilo estava me deixando nervosa. Meu coração não descansava, e aquela porcaria de nó ficava cada vez maior.

Jimmy esperava por mim mais uma vez. Abri a porta, para que ele pudesse passar com os pratos de queijo. Assim que chegamos à mesa, tentei não fazer contato visual com ninguém enquanto tirava os quatro pratos e os colocava no meio da mesa. Como Jimmy parou ao lado de Tripp, precisei me inclinar ao lado dele para colocar a bandeja que pertencia àquela parte da mesa.

O braço de Tripp roçou em mim, e eu tive de prender a respiração para não emitir nenhum som. Relances da nossa noite sob as palmeiras reapareceram na minha cabeça e meu rosto corou. Não era hora de se lembrar daquilo. Eu recorria àquelas memórias à noite, para ter companhia em minha cama solitária. Eu me sentia culpada, mas precisava daquilo.

Naquela noite, ele diria suas sacanagens para outra pessoa.

Tripp

London cruzou as pernas e ficou roçando o pé na minha panturrilha. Na semana anterior, estava caminhando até minha Harley depois de jogar com Woods quando vi London saindo de sua Mercedes. Eu não tinha reparado nela inicialmente, mas reconheci sua voz quando chamou o meu nome. Ela soava mais velha agora, mais madura, mas era a voz de London.

Conversamos e foi surpreendentemente agradável. Ela parecia diferente. Aquele traço mimado e malcriado que me cansava havia desaparecido. London tinha amadurecido e se tornado uma mulher mais confiante.

E eu precisava de distração.

Seguir em frente e deixar Bethy não estava sendo fácil. Eu pensava nela o tempo todo.

London estaria em Rosemary Beach na casa de seus pais durante o mês inteiro, então pensei: “Por que não a convido para jantar?” Desde então, saímos três vezes. Esta noite era a quarta. Ela ainda estava envolvida em um mundo com o qual eu não queria ter relação alguma, mas gostava de mim. E parecia se divertir com a minha companhia. Havia passado tanto tempo sendo repellido por Bethy que aquilo era revigorante.

Eu não sabia que Bethy estaria servindo nosso jantar daquela noite. Se soubesse, provavelmente teria arranjado alguma desculpa e não compareceria. Vê-la não era fácil. Colocar uma distância entre nós não parecia funcionar. Com um olhar, eu voltava imediatamente a ser aquele cara desesperado para conseguir que ela me amasse de novo.

Durante os últimos três meses, eu tinha aceitado o fato de que ela podia ter sido o meu grande amor, mas que Jace fora o dela. Aquilo doía para caramba, mas era a verdade.

– Aquela atendente continua olhando para você – comentou London, num sussurro incomodado.

Imediatamente, parei de olhar o camarão no meu prato e vi Bethy tirando o prato vazio de Blaire. No instante em que me virei, ela desviou o olhar.

Que diabo aquilo queria dizer?

– Viu? Ela vem fazendo isso a noite toda. Estava tentando ignorar, mas está ficando ridículo. Será que Della e Woods não percebem? Ela é amiga de Blaire? Parecem íntimas.

Fiquei observando enquanto Bethy tirava o último prato e saía do salão. Se London não tivesse dito, eu não teria percebido, porque estava tentando evitar a presença de Bethy. E estava tendo muito sucesso com isso até aquele momento.

– Você a conhece? – perguntou London, frustrada. Eu não estava respondendo a suas perguntas.

– Sim. Ela foi namorada de Jace. É muito amiga de Blaire e de Della – respondi, pegando minha taça de vinho.

– Jace namorou uma garota que trabalha *aqui*? – perguntou ela, claramente horrorizada.

Baixei a taça e tentei não me incomodar com aquele tom. Ela era uma elitista. Havia sido criada assim.

– Blaire e Della também trabalharam aqui. Rush e Woods se casaram com elas. Não vejo como isso pode ser um problema.

Ela bufou.

– Ah, meu Deus! Você está brincando comigo. Estou tão desatualizada das fofocas por aqui.

Desta vez, revirei os olhos. Flagrei Blaire dando um sorriso amarelo. Será que ela havia escutado London? Certamente não. Se tivesse escutado, Rush também teria. Se Rush tivesse ouvido a besteira que London disse, todos nós saberíamos.

Por fim, as conversas terminaram e as mulheres pegaram suas bolsas. Della olhou para mim.

– Você vem no churrasco que faremos no sábado, certo? Woods já deve ter convidado, espero.

Woods tinha me mandado uma mensagem sobre isso.

– Sim, estarei lá.

Della virou o olhar para London.

– Você vai levar a London?

O braço de London se enlaçou no meu, como se estivesse demarcando território. O que era bom, certo? Eu queria ser desejado. Ela com toda certeza me desejava.

– Sim. Hã... Você quer ir?

Ela fez que sim com a cabeça, claramente feliz com o convite. Della não pareceu entusiasmada, mas disfarçou bem.

– Ótimo. Nos vemos lá.

Eu sabia que Blaire e Della não gostavam muito de London. Suas expressões faciais diziam tudo. Elas precisavam superar aquilo. Bethy deixou bastante claro que jamais iria me querer. Eu apenas estava tentando continuar com a minha vida, exatamente como Bethy queria que eu fizesse.

Enquanto caminhávamos em direção ao manobrista, escutei o riso de Bethy e meu corpo se reanimou. Era um som que eu não escutava fazia tempos, um som que eu adorava. Um som do qual eu não conseguia me livrar.

Olhando para trás, eu a vi conversando com Jimmy a caminho da porta dos fundos. Ele a fazia rir. Eu queria fazê-la rir. O olhar de Jimmy se ergueu, encontrando o meu. Bethy virou-se para ver para quem ele estava olhando, e seu sorriso se desfez. Jimmy pegou seu braço, dizendo algo no seu ouvido.

E, com o braço em torno dela, eles desapareceram de vista.

– Devemos trazer seu carro, Sr. Newark? – perguntou o manobrista.

Havíamos ido no carro de London naquela noite. Ela não era fã de motocicletas. Mas eu não corrigi o manobrista. Apenas concordei.

– Podemos nos encontrar hoje à noite? – perguntou London.

Eu não precisava encantá-la. Aquele olhar me dizia tudo o que eu precisava saber. Se eu quisesse, poderia ter. O problema é que eu não estava a fim. Não depois de ver Bethy.

– Estou cansado – respondi.

– É mesmo? Essa é sua desculpa?

Ela estava zangada. Vinha levando na boa as vezes em que desviei de suas poucas investidas, e agora era hora de ser mais explícita. Eu entendia isso, mas não estava pronto.

– Tudo bem. Você quer saber a verdade? Não superei minha última relação. Preciso de um tempo. Se você não pode aceitar isso, precisamos terminar agora. Mas não me pressione, London

– disse, afastando o braço e colocando uma distância entre nós.

Ela não respondeu imediatamente. Sabia que ela não esperava que eu botasse a culpa em uma relação anterior. Se ela ao menos soubesse que haviam se passado oito anos desde que tudo havia acabado.

– Eu não sabia. Você nunca comentou sobre outra pessoa.

Deixei ela pensar a respeito e decidir o que queria fazer. De qualquer modo, eu estava bem com qualquer decisão.

– Posso conseguir outro carro para ir para casa, se preferir – disse, quase desejando que fosse assim.

Ela franziu a testa e balançou a cabeça.

– Não. Eu levo você para casa.

Eu não tinha certeza se tinha energia para isso. Usar London para me esquecer de Bethy era errado. Eu não precisava fazê-la perder tempo.

Eu era uma causa perdida.

Bethy

Tia Darla me encontrou na sede do clube na manhã seguinte. Como ela nunca parecia preocupada, o cenho franzido não era um bom sinal.

– Bom dia, tia Darla.

Ela nem fingiu sorrir.

– Venha ao meu escritório. Precisamos conversar.

Eu não era chamada ao escritório dela desde antes de começar a sair com Jace. Ela ameaçou me demitir se eu continuasse transando com membros do clube dentro da propriedade. A verdade era que eu só havia transado com Jace. Ganhei fama por ter bebido demais, mas eu não transava com mais de um cara por vez. Mesmo que tenha sido acusada disso.

Eu a segui até o escritório dela e fechei a porta. Ela estava de pé e com os braços cruzados enquanto me estudava. O que ela achava que eu tinha feito? Minha vida estava completamente carente de grandes acontecimentos. Não havia festas, bebedeiras ou sexo fazia um longo tempo, apenas vida social com bons amigos.

– O que está acontecendo entre você e Tripp Newark? – perguntou ela. – Eu imaginava que você saberia melhor com quem anda. Lembra o que aconteceu na última vez em que você se meteu com ele? Sei que você andou triste e sentindo a falta de Jace. Quero que você siga em frente, mas não com Tripp. O que ele fez com você foi imperdoável. Ele já fugiu de você uma vez, Bethy. E deixou você grávida...

Ao dizer “grávida”, ela interrompeu a frase e bufou furiosamente.

– Nada está acontecendo entre nós. O que você andou ouvindo? – perguntei, ainda sem saber quem poderia ter falado algo para tia Darla. Ninguém tinha a menor ideia do que havia acontecido no casamento.

– Não preciso que ninguém me diga nada. Eu estava lá na noite passada. Observei você olhando para ele a noite toda. Então, quando Tripp percebeu que você existia, vi algo nos olhos dele também. Você viu a mulher com quem ele estava? É o tipo com quem ele vai se casar. Da próxima vez que ele engravidar você, talvez você não perca o bebê. E o que acontecerá então? Nós duas sabemos que você não abortaria.

Perder o bebê? Como assim?

– Eu não perdi o bebê da última vez. Você me levou a uma clínica de abortos. Lembra?

Tia Darla ficou tensa e algo atravessou seu rosto, algo que eu não entendi o que era.

– Bethann, eu nunca levei você a uma clínica de abortos. Eu disse que eu a ajudaria a fazer algo com o bebê. Você chorou por 24 horas sem parar. Eu marquei hora com um obstetra particular fora da cidade. Não queria correr o risco de você se tratar com alguém que nos conhecesse. Quando chegou lá, você estava com cólicas. A enfermeira trouxe você de volta. O doutor examinou você e notou o sangramento. Você estava com apenas oito semanas e estava perdendo o bebê. O médico lhe deu uma medicação forte contra a dor. Quando disse que ajudaria você a fazer algo com o bebê, eu queria dizer que ajudaria você a arranjar um bom lar para ele.

Não ia deixar você interromper a gravidez. Aquilo teria perseguido você pela vida inteira... – Ela parou de falar com os olhos horrorizados – Ah, Bethann. Ah, meu Deus, pequena. Você achava que tinha feito um aborto esse tempo todo?

Eu não sabia que havia lágrimas correndo dos meus olhos até que ela se aproximou para secá-las e me pegou nos braços.

– Eu não imaginava que você pensava isso. Você era tão jovem e assustada. Eu devia ter explicado melhor na época.

Continuei nos braços dela e finalmente desabei, me lamentando pelo bebê que nunca pude abraçar. A culpa e a vergonha que eu sentira por tanto tempo me abandonaram.

Por muitas vezes, desejei que eles jamais tivessem me dado a injeção que eu pensava ser destinada a me anestesiarem para o aborto. Eu fiquei lá deitada na mesa, pensando em maneiras de ter o bebê. Maneiras de sustentá-lo. Eu ia implorar à tia Darla. Eu ia dizer à enfermeira que eu não queria abortar assim que ela voltasse. Mas eu não consegui ficar acordada.

Quando finalmente acordei, estava na casa de tia Darla, com uma colcha pesada por cima, e ela me informou que o bebê não existia mais. A partir daquele momento, criou-se um vazio dentro de mim.

– Eu não matei meu bebê?

Tia Darla me abraçou mais forte.

– Claro que não. Isso não era algo com que você poderia lidar. Eu não tenho certeza se poderia viver comigo mesma também. Só lamento não ter percebido antes que essa era a ideia que você fazia daquilo.

Um fardo se dissolvia. Um fardo que eu vinha carregando fazia oito longos anos. Aquela decisão que eu achava ter tomado havia levado a uma série de eventos que destruíram não apenas a mim mesma, mas a outros ao meu redor. A culpa por Jace jamais me deixaria, mas eu me lembrava diariamente que ele me amava. Mesmo que eu agisse desatinadamente, ele me amava. Ele me escolheu para viver junto dele, e eu lhe devia isso. Eu não podia deixar que sua morte tivesse acontecido por nada.

– Eu quero que você vá para casa e descanse por hoje. Deixe isso decantar e passe um tempo sozinha. Não acho que você esteja pronta para ver ninguém agora. Mas isso não muda o que eu disse sobre Tripp. Ele deixou você uma vez, e eu vi você desabar. Não confie seu coração a ele outra vez.

Assenti com a cabeça. Ela não precisava me advertir sobre isso. Tripp estava seguindo em frente. Precisei morder a língua para evitar defendê-lo. Ele também era apenas uma criança na época. Nós dois éramos descuidados. Se ele não tivesse fugido, seus pais teriam mandado ele para Yale. Eu teria perdido o bebê de qualquer maneira. Aquilo não estava destinado a acontecer. Nada teria impedido aquilo.

Eu não tinha motivos para culpá-lo. O muro que eu construí para me manter longe das memórias que Tripp me trazia desabou e me deixou completamente descomposta.

Tripp

Woods me mandou uma mensagem de texto na noite anterior para encontrá-lo no campo de golfe às oito horas para uma partida. Eu não jogava golfe havia anos, desde que voltara para Rosemary Beach. Tirando surfar, não havia muito o que fazer ali. Eu jogava muito mal, especialmente se comparado a Woods. Ele jogava todos os dias.

A verdade era que eu precisava conversar com alguém, e aquela era uma boa oportunidade. Quando nos encontrávamos fora do campo de golfe, Della normalmente estava por perto.

O rosto de Bethy ainda estava na minha cabeça. Era um desejo meu ou ela realmente estava incomodada com London?

Quando cheguei, Woods me esperava na sede do clube. Ele não tinha um caddie com ele. Nunca tinha. Dizia que não precisava de outro homem para carregar suas coisas e dizer a ele que taco usar. Eu tinha que concordar com ele.

Ele estava sozinho e, embora eu esperasse ver Rush, Grant ou Thad a seu lado, fiquei aliviado de não ver nenhum deles por ali.

– Seremos só nós. Rush ficou de vir, mas parece que Blaire não está se sentindo bem esta manhã. – Pronto?

– Certo – disse, acenando com a mão.

– Um aviso: Bethy está trabalhando hoje no campo. Eu a vi carregando o carrinho de drinques quando cheguei – disse Woods quando parou no primeiro buraco.

Ela estava ali. Tudo bem. Eu podia pegar minha água com ela.

– Você e London estão saindo de novo, não é? Não esperava essa – disse Woods enquanto pegava o taco de longa distância.

Larguei minha bolsa e olhei ao redor para ter certeza de que não haveria carrinhos de bebidas por perto. Aquela não era uma conversa que eu gostaria que Bethy escutasse.

– Nós nos esbarramos por acaso na semana passada. Saímos algumas vezes desde então. Precisava tentar sair de casa, fazer a fila andar, mas não estou com certeza de estar pronto. Não está funcionando. Eu acho que estou bem, mas, quando vejo Bethy, percebo que ainda estou completamente arrasado.

Woods concordou com a cabeça e se concentrou na sua bolinha antes de dar a primeira tacada. Ela aterrissou e rolou para perto do gramado daquele buraco. Não era de surpreender.

– Bethy não parecia muito feliz de ver você acompanhado. Eu estava preocupado que ela derrubasse comida em alguém. Ela estava muito desconcentrada por causa sua.

– Isso é o que me fode. A gente fez progressos na festa do seu casamento. Progressos realmente bons, mas ela de repente suspendeu tudo. Disse que não havia chance, mesmo depois de eu dizer que a amava – baixeí minha voz neste momento.

As sobrancelhas de Woods se ergueram.

– Você disse que a amava?

– Sim. Eu a amo. Sempre amei.

Woods soltou um assobio.

– Caramba, meu velho. Eu não vou mentir: eu tinha planejado esta conversa para que você desse mais uma chance a Bethy. Você parecia tão feliz na noite do meu casamento. Então, vendo Bethy olhar para você com cobiça, imaginei que alguém teria que ceder.

Aquilo não estava ajudando. Retirei um taco da minha bolsa e caminhei até o *tee* para minha primeira tacada. Eu não tinha uma resposta para aquilo. Foquei toda minha energia em bater com tudo naquela bolinha. Infelizmente, isso a mandou direto para as árvores da vizinhança.

– O buraco é naquela direção. Lá, onde está a bandeirinha – disse Woods com uma risadinha.

Passei por ele e joguei meu taco de volta na bolsa. Caminhamos em direção às árvores, já que a minha bola estava mais perto de nós. Ia ser difícil me concentrar naquele jogo.

– Posso perguntar uma coisa?

Woods interrompeu os meus pensamentos.

– Claro, mas não garanto que vá responder.

– Quando você pensa no seu futuro, filhos, mulher, casa etc., quem você vê a seu lado? Essa era fácil.

– Bethy. Sempre ela. Desde aquele verão.

Woods parou quando nos aproximamos da minha bola. Por sorte, o caminho dela não estava bloqueado por alguma árvore. Ela estava bem à margem. Ainda poderia salvar aquela tacada.

– Coisas que valem a pena não são fáceis – disse Woods. – Você precisa lutar por isso até se cansar. Então você toma um ar e luta mais um pouco. Não desista.



Eu não sabia como responder ao conselho de Woods, mas aquilo não parava de se repetir na minha cabeça. Ele me vencia por apenas doze pontos na metade do jogo, e a gente se encaminhava para os últimos nove buracos quando o carrinho de bebidas apareceu sobre a colina. Woods também percebeu e olhou para trás, me procurando. Ele não disse nada, mas pude vê-lo silenciosamente me lembrar do que dissera.

Bethy diminuiu a marcha e estacionou o carrinho. Ela me encarou nervosamente quando desceu e caminhou na nossa direção.

– Bom dia, Bethy. Soube que você se sentiu mal ontem de manhã e que Darla mandou você para casa. Espero que esteja melhor – disse Woods quando ela se aproximou.

– Estou melhor hoje, obrigada – respondeu ela. – Posso oferecer uma bebida a vocês?

– Sim, quero um Gatorade. Azul, se tiver.

Bethy olhou para mim. Eu queria manter sua atenção, mas não queria deixá-la mais nervosa do que ela obviamente já estava.

– Água para mim – respondi.

Ela assentiu e voltou ao carrinho. Eu a segui, sem ver a expressão de Woods atrás de mim. Queria perguntar o que tinha havido de errado ontem, mas não na frente dele. Ela abriu a porta traseira do carrinho e deu um salto quando viu que eu a havia acompanhado.

– Ah! Eu não ouvi você vir atrás de mim.

Estreitei o espaço entre nós, até quase nos tocarmos.

– O que houve de errado ontem à noite? Você está bem?

Será que alguém se importou com ela ontem? Ou ela havia ficado em casa, doente e sozinha?

– Estou bem – disse Bethy e mordeu o lábio inferior, como se quisesse dizer algo mais. – Não estava realmente doente. Eu só descobri algo que colocou meus sentimentos em um turbilhão. Precisava de um tempo para pensar.

– O que você descobriu? – perguntei, sabendo que estava provavelmente ultrapassando o limite que ela havia estabelecido.

Ela olhou por sobre o meu ombro para Woods, então olhou para mim.

– Aqui não é o lugar para falar disso.

Será que ela me contaria se não estivéssemos em seu local de trabalho? Estava tentado a pedir a Woods que a dispensasse o resto do dia, assim eu poderia descobrir o que tinha acontecido, mas ela ficaria contrariada. Eu já a havia pressionado.

– Aqui.

Ela me entregou a água e deu o Gatorade a Woods. Eu a observei ir embora. Estaria mentindo se não admitisse que olhei a bunda dela feito um homem faminto. Ela preenchia aquele short muito, mas muito bem.

– Faltam nove buracos para a minha vitória – gritou Woods quando eu não me movi para voltar.

Bethy passou e voltou ao carrinho. Merda. Eu não estava conseguindo ir adiante com esse negócio de esquecê-la.

– Eu tenho outros clientes para servir no sete e no três – disse ela, subindo no carrinho.

– Então você está bem hoje?

Precisava de alguma indicação de que ela não iria pular de um penhasco ou algo parecido. Ela já tinha assombrações o suficiente, não precisava de mais uma coisa enchendo sua paciência.

Ela sorriu e foi um sorriso verdadeiro. Não um daqueles falsos que eu tanto vira nos últimos tempos.

– Estou bem. Na verdade, melhor do que há muito tempo.

Então ela se foi.

Ela estava melhor do que tinha estado em muito tempo. E eu estava vivendo um inferno particular. Aquele em que eu tinha que ver a Bethy seguir em frente sem mim. O que eu faria se ela comesse a ver outras pessoas? Se ela comesse uma relação séria?

Isso era muito ruim.

Bethy

Eu estava o mais preparada possível para aquilo. Della se certificou que eu soubesse que Tripp levaria London ao churrasco e que eles estavam juntos. Tudo bem. Eu ia ficar na boa. Eu podia lidar com aquilo. Tia Darla estava certa: mais tarde ele me deixaria outra vez por alguém como London. Ele me disse que me amava e, três meses depois, estava saindo com outra pessoa. Se estivesse trepando por aí, tendo casos de uma noite, eu teria aceitado melhor. Mas vê-lo com a mesma garota com quem ele havia namorado na escola mostrava que tia Darla tinha razão. Ele não me amava. Se amasse, não mudaria tão rápido.

Fechei a porta do carro e guardei as chaves na bolsa antes de entrar na casa dos Kerringtons. Dava para sentir o cheiro do churrasco no ar. A noite seria divertida. Meus amigos estavam ali. E eu era uma nova pessoa.

Della abriu a porta quase imediatamente depois de eu tocar a campainha. Ela estava radiante e mais linda do que o normal. Fiquei um pouco surpresa quando ela me abraçou com força.

– Ele está aqui. Lá fora, com os rapazes. Ela está colada ao lado dele. Venha para a cozinha com a gente – disse ela no meu ouvido.

Eu me senti mal por minhas amigas acharem que deviam me proteger de Tripp e de sua acompanhante. Eu tinha sido tratada como frágil por muito tempo. Agora não era mais. Não precisava da preocupação ou da pena delas.

– Eu estou bem. Olhe aqui, vou lá fora tomar umas com eles para provar isso – disse calmamente.

Della estudou minha expressão por um momento e acho que acreditou em mim, porque pareceu aliviada.

– Ótimo. Blaire está fazendo margaritas. Vamos fofocar. Me dê sua bolsa para eu guardar no armário.

Blaire estava na cozinha. Vestindo um avental, ela espremia limões no liquidificador.

– Que bom ver você – disse ela.

– Idem – respondi, pegando o lugar em frente a ela no bar.

– Harlow foi resgatar Lila Kate de seu pai grudento. Estou tentando apressar isso aqui, para poder segurá-la.

Eu entendia. Raramente consigo pegar Lila Kate. Sorri para Blaire.

– Faça com calma. Eu posso segurá-la até você estar pronta.

– Pronto, estou com ela! – anunciou Harlow quando entrou na cozinha. – Se você quer segurá-la, melhor vir rápido. Não sei quanto tempo Grant vai ficar lá fora antes de voltar aqui para supervisionar.

– Eu primeiro! – disse, quando Harlow me passou ela.

– Ela não curte ficar de barriga para cima. Ela pensa que você vai tentar fazê-la dormir e aí ela se agita. Ela gosta de ver coisas.

Ela ainda era minúscula, mesmo aos seis meses. Seus olhos ficaram enormes e se pareciam

muito com os da mãe. Mas tinha os cílios e as covinhas do pai.

– Olha que grande você está! – exclamei, sentando com ela no colo.

Ela esticou a mãozinha até o meu cabelo, mas não puxou. Ela só queria senti-los. Os olhos dela me estudaram, e eu percebi que não havia nenhuma revolta dentro do meu estômago. Nada pesado dentro de mim. Mesmo que amasse muito Nate e Lila Kate, cada vez que eu os segurava, ou simplesmente estava perto deles, sentia um peso no coração. Eu jamais quis aceitar, mas eu sabia que sentia aquilo.

E agora estava livre. Podia olhar suas pequenas expressões sem tristeza ou culpa. Ela soltou meu cabelo e deu tapinhas no meu pescoço. Ouvindo a risada de Grant pela janela, Lila Kate começou a se esticar para enxergar sobre o meu ombro.

– Você está escutando seu p...

– Não diga a palavra com p. Ela vai notar que ele não está aqui e vai se agitar – instruiu Harlow de seu posto no bar.

Isso era muito fofo.

– Aproveite. Estou quase pronta. Aí será a minha vez. Eu tenho um bebê turbulento que me cumprimenta com soquinhos. Preciso de algo pequenino e doce – disse Blaire antes de ligar o liquidificador.

Lila Kate saltou com o barulho e esticou sua cabecinha para ver o que acontecia. Ela pousava a cabeça sobre o meu peito, sua mão apertava o meu braço. Eu queria isso. Eu podia admitir isso agora. Eu queria um bebê. Eu queria ser mãe um dia. O fato de eu poder até pensar nisso sem que a culpa me comesse viva era tão libertador que eu quase rompi em lágrimas ali mesmo na cozinha.

Talvez um dia eu explicasse o passado aos meus amigos, mas ainda não estava pronta. Eu não havia contado sequer para Tripp. Quase cheguei a esperar que ele me ligasse para perguntar o que era depois de eu falar com ele no campo de golfe. Mas ou ele esqueceu ou estava muito ocupado.

Beijei o rostinho de Lila Kate e senti seu cheirinho de bebê momentos antes de Blaire vir com um grande sorriso babão no rosto, dizendo “minha vez”.

Eu a alcancei exatamente quando o riso de Grant atravessou a janela novamente. Desta vez, Lila Kate começou a pular para encontrá-lo. Seus lábios se apertaram e ela torceu o nariz como se estivesse a ponto de chorar.

– Ah, não. Não chora. Não precisamos dele. Venha, vamos explorar a região – disse Blaire caminhando com Lila Kate em seus braços.

Harlow encheu dois copos de margarita e me trouxe um.

– Quer uma, Della? – perguntou.

Della estava lavando frutas e colocando-as em um grande jarro.

– Não, estou bem. Obrigada.

Harlow sorriu e se sentou ao meu lado.

– Você parece bem.

– Obrigada – disse, antes de tomar um gole.

– Quero dizer, seus olhos. Você parece... bem, parece que aquele vazão se foi...

Baixei o copo e decidi ser tão honesta como podia, sem dizer nada a elas.

– Estou me curando. Aprendendo a deixar as coisas passarem e a viver outra vez.

Harlow sorriu.

– Estou muito contente de ouvir isso.

– Eu também – disse Della, colocando uma uva na boca. – Eu tentaria arranjar alguém para

você, mas parece que eu sou ruim nisso. Não vou tentar de novo.

Eu sabia que ela estava se referindo a Charity, mas isso só me lembrou que Tripp estava lá fora com London.

– Ele parece ter encontrado uma acompanhante sozinho.

Grant apareceu na porta, e seus olhos foram direto para Harlow.

– Ela está bem? Onde ela está? – perguntou ele, varrendo o quarto com os olhos como se a bebê fosse capaz de se levantar e fugir.

– Blaire está com ela. Ela está bem – disse Harlow com uma risada.

Grant foi até Harlow e deu um beijo na testa dela.

– Tudo certo por aqui?

Harlow sorriu para ele.

– Estou com amigas, tomando margaritas. O que você acha?

Grant sorriu e a beijou na boca por longos segundos.

– Ei, podem parar? Vocês querem um quarto? – perguntou Della, rindo.

Grant lhe dirigiu um sorriso entediado.

– Ah... – disse Blaire ao voltar.

Lila Kate bateu os olhos em Grant e começou a esticar as mãos e se agitar para deixar claro o que é que ela queria.

– Essa é a minha garota – cantou Grant, e foi pegá-la de Blaire.

– Bem, essa durou vinte minutos inteiros – resmungou Blaire a caminho de pegar uma margarita.

– É um progresso – apontou Harlow.

Lila Kate agarrou a camisa de Grant como se fosse se pendurar em uma escada de emergência. A cabeça dela estava enfiada contra o pescoço dele. Ela parecia totalmente satisfeita.

– Ela gosta do papai – disse ele numa voz suave, se virando para sair da cozinha. – Vou levá-la para a rua comigo.

Harlow tomou outro gole, ainda rindo enquanto observava ele sair.

– Eu juro, vou ter muito trabalho quando ela ficar mais velha. Ele mima demais essa menina!

Della foi para o outro lado e sentou-se com o jarro de frutas.

– Vendo esses dois, tenho vontade de ter um bebê amanhã.

Todas riram, porque estavam pensando o mesmo. Grant Carter embalando um pacotinho cor-de-rosa de oito quilos de doçura faria qualquer mulher querer um bebê.

Tripp

Grant voltou com Lila Kate nos braços. Ela estava grudada no peito dele como se fosse o único lugar onde quisesse estar.

Eu poderia ter tido aquilo.

Inferno, sentir essa dor aguda a cada vez que vinha esse pensamento. Nós éramos duas crianças. Não teria sido o conto de fadas em que a paternidade de Grant se tornou. Afastando aquele pensamento, olhei para London, que estava digitando no celular. Ela esteve fazendo isto desde que chegamos: aperfeiçoando a arte de parecer entediada e mexendo no telefone.

Della foi generosa em convidá-la para ficar na cozinha com as garotas, mas London continuou colada em mim e recusou a oferta. Peguei a cerveja que Woods me trouxe e tomei um longo gole.

– As garotas têm margaritas lá dentro, London – disse Grant. – Estou certo de que terão prazer em dividi-las com você.

Ela tirou os olhos do celular e mostrou um sorriso sedutor para ele. Tinha feito isso algumas vezes desde que chegamos ali.

– Estou ótima aqui. Mas obrigada.

Ele deu de ombros e se sentou, ajeitando Lila Kate no ombro. Ela levantou a cabeça e nos avaliou brevemente antes de meter o polegar na boca e deitar a cabeça no peito do pai outra vez.

– A grelha vai estar pronta para os bifes em poucos minutos – anunciou Woods, que levantou e checkou o fogo. – Vocês sabem o ponto da carne preferido das mulheres de vocês?

– Harlow gosta de ao ponto para bem passado – disse Grant. – Eu gosto ao ponto.

– Blaire e eu ao ponto – disse Rush caminhando atrás de Nate, que estava engatinhando escada acima.

– Entre ao ponto e bem passado – falei, me virando para London. – E você?

Ela olhou para cima e franziu o nariz.

– Eu não como carne vermelha.

Eu havia dito à mulher que iríamos a um churrasco. O que ela pensou que fosse comer?

– Então você não vai comer? – perguntei.

Ela deu de ombros levemente.

– Certamente tem alguma salada ou coisa parecida.

Woods olhou para o fogo. Ele estava tentando não rir.

– Um de vocês pergunte a Bethy como ela quer seu bife.

– Ela gosta de bem passado. Tivemos essa conversa com ela antes. Blaire ficou chocada e acusou-a de estragar um bom pedaço de carne – disse Rush.

Bethy estava ali. Eu não havia percebido que ela chegara. E o fato de Rush saber como ela gostava da carne me incomodou. Eu mesmo não sabia. Nunca tinha comido um churrasco com Bethy.

– Eu vou ver que outros acompanhamentos Della preparou. – Eu me levantei, criando uma

desculpa para ir lá dentro. – Já volto...

Não queria esperar que London dissesse que vinha comigo.

Entrando na casa, imediatamente escutei risadas. A de Bethy se destacava das outras. Ela estava curtindo suas companhias. Quase voltei para a rua. Me ver talvez arruinasse o bom humor em que ela estava. Eu nunca fazia um sorriso se abrir no seu rosto. Mas queria vê-la.

Quando entrei na cozinha, Blaire sorriu.

– Oi, Tripp.

As outras três cabeças viraram na minha direção. Bethy foi a última a olhar para mim. Sorri e tentei parecer descontraído.

– Você está entediado com o clube do bolinha lá fora? – perguntou Della.

– Vocês parecem estar se divertindo mais aqui – respondi.

– Ah, estamos. – Della me assegurou.

Eu precisava falar alguma coisa.

– Eu queria ver que acompanhamentos você têm para o churrasco. London não come carne vermelha.

Assim que as palavras saíram da minha boca, quis puxá-las de volta. Por que eu falei em London, caramba? Bethy se voltou para sua margarita e Harlow pegou algumas frutas. Blaire olhou para mim.

Eu tinha irritado as garotas. Excelente.

– Temos salada de morango, batatas assadas, aspargos e pãezinhos. Se eu soubesse que ela não comia carne vermelha, teria arranjado salmão.

Bethy estava tomando sua margarita como se fosse água. Sua risada foi embora, e a culpa era minha.

– Ela está bem. Ela sabia que era churrasco. Devia ter dito antes. Pode se virar com os acompanhamentos.

– Ela pode comer as folhas de espinafre da salada de morango. Tenho certeza de que é o que come normalmente – disse Bethy, tomando mais um gole de sua margarita.

Harlow arregalou os olhos e Blaire baixou a cabeça para conter o riso. Ninguém disse nada. Será que Bethy estava sendo irônica? Ou eu estava interpretando aquilo errado?

– Tenho certeza de que você tem razão – respondi, e Bethy se virou.

Temí ver algo nela que fosse me incomodar, mas ela parecia pronta para rir. Seus lábios se apertaram, como se ela estivesse contendo a alegria. Ela estava tirando sarro de London. Senti um aperto no peito. Ela estava com ciúmes. Bethy não havia partido para outra, afinal.

– Você provavelmente deveria voltar para lá. Você deixou London com os rapazes. Com certeza ela está entediada – disse Blaire.

Elas estavam me botando para fora. Eu entendi.

Quando abri a porta, escutei a primeira risada. A cozinha inteira caiu na risada. Sorrindo, bati a porta atrás de mim. Woods apareceu com uma expressão divertida.

– O que você disse para fazê-las rir desse jeito?

Encolhi os ombros.

– Eu sou um cara engraçado.

– Desde quando? – perguntou Grant.

Eu o ignorei e olhei para London.

– Você gosta de espinafre?

Bethy

O jantar foi interessante. Thad chegou exatamente na hora de comer, porque havia ficado preso em uma reunião com o pai. Eu estava aliviada por vê-lo. Ser a única solteira era chato, mas com Thad por lá ficou melhor.

Depois de virar a margarita para poder lidar com a preocupação de Tripp com London, mudei para a água. Já havia bebido o suficiente por uma noite.

Blaire sentou na minha frente, e Della estava no outro lado com Thad. Tripp e London estavam mais adiante, perto de Grant e Harlow. Assim ficava fácil não olhar para eles.

– Estou feliz que todos puderam vir hoje à noite. Vocês são nossos amigos mais íntimos e se tornaram minha família – disse Della, sorrindo. – Queríamos contar a vocês todos de uma vez só, então pensamos que essa era uma boa desculpa para estarmos juntos e contar nossa boa notícia: eu estou grávida!

A sala se encheu de brindes, e Blaire pulou para abraçar Della, enquanto Woods recebia tapas nas costas dos homens. Fui atrás de Blaire para abraçar Della e dar-lhe os parabéns.

– Estou muito feliz por vocês.

– Obrigada – disse ela dando um enorme sorriso.

Enquanto todos comemoravam, notei Tripp olhando para mim. Será que ele pensava no nosso bebê? Eu queria que ele soubesse a verdade. Não que isso mudasse qualquer coisa para ele. Eu havia sido a mais afetada por isso. Ainda assim, ele deveria saber.

Voltei para o meu lugar. Thad se aproximou e levou meu copo de água.

– Não beba esta maldita água! Tem algo de errado com o reservatório desta cidade. Todas as mulheres estão tendo filhos.

Ri tão forte que deitei a cabeça no ombro dele. Ele tinha razão. Estava começando a achar que era mesmo algo na água. Quando consegui recuperar o fôlego, ele deu um tapinha na minha perna e sorriu.

O que ele não percebeu é que eu queria aquela vida. Aquela com um marido e filhos que me amassem. Grant beijava a cabeça de Lila Kate e a segurava no colo. Nate escalava o colo de Blaire e envolvia seus bracinhos no pescoço dela.

– Você parece mais feliz – disse Thad, ainda olhando para mim.

– As coisas estão melhores. Eu estou melhor.

Ele estendeu o braço cobrindo meus ombros, então encostou a cabeça em mim.

– Todos nós adoramos você. Você sabe disso, não sabe? Até Woods. Todos queremos ver você feliz.

Lágrimas correram dos meus olhos, e eu deixei ele me abraçar um pouco.

– Estou muito feliz.

– Sim, você está. Nós somos todos incríveis – provocou ele.

Minha risada secou as lágrimas.



Quando cheguei ao estacionamento do condomínio, a Harley parada sob a luz do poste chamou a minha atenção. Era Tripp. Eu não podia ver seu rosto, mas sua altura o denunciava. O que eu não sabia era por que ele estava ali e como diabo ele chegou antes de mim do churrasco.

Tripp deixou a moto e veio na minha direção.

– O que você está fazendo?

– Queria conversar com você. Posso entrar?

Tripp no meu apartamento. Eu estava pronta para isso? Ninguém me visitava. Era apenas um lugar onde eu dormia e me escondia do mundo. Levá-lo para lá mudaria isso. Ele seria parte daquilo.

– Por favor.

Cedi.

– Claro, entre.

Ele seguiu atrás de mim subindo a escada.

– Como você chegou aqui antes de mim? – perguntei.

– Fiz com que Thad me levasse até onde havia estacionado minha moto e deixei London ir para casa no carro dela. Como ela não anda na moto, nunca a usamos.

Como ele esperava ter uma relação se ela não subia em sua moto?

– Parece uma combinação de sucesso. Não come carne vermelha e não curte motos. Vocês têm um monte de coisas em comum.

Tripp parou de caminhar, e eu me perguntei se tinha deixado ele irritado. Estávamos quase na minha porta. Eu só estava brincando.

– Você não gosta da London?

Eu poderia mentir. Mas não ia fazer isso.

– Também não gostava dela há oito anos.

Ele inclinou a cabeça de lado e me estudou.

– Eu sei por que você não gostava dela naquela época. Por que não gosta dela agora?

Dei de ombros, peguei as chaves e abri a porta.

– Ela não mudou.

Tripp entrou comigo, como se tentasse me obstruir, para que eu não pudesse correr para fora. Eu odiava que meu corpo formigasse quando ele estava perto. Eu precisava de espaço, caramba.

– Você não gostava dela oito anos atrás porque ela era minha namorada. Você tinha ciúmes de qualquer atenção que ela me desse.

Joguei minha bolsa em cima da mesa e me virei.

– Isso é verdade. Então o que você quer, Tripp? Quer que eu admita que estou com ciúmes dela agora? Porque ela está com você? É isso que está querendo? Isso vai fazer você se sentir melhor?

A mão dele se soltou e pegou meu pulso, me puxando contra ele.

– Sim, Bethy, isso me faria feliz até o ano que vem. Porque eu ainda tenho uma chance de ser feliz se você estiver com ciúmes de London.

Eu precisava continuar respirando. Seu toque mandou uma corrente elétrica que atravessava o meu braço. Meu coração estava em frenesi.

– É isso? Você está com ciúmes de London? – Sua voz veio num tom leve, rouco.

Eu queria mentir para ele. Admitir a verdade só pioraria as coisas. Eu havia fechado a porta e ele tinha ido embora, mas eu sentia falta de Tripp. Eu ficava na janela à noite olhando para o outro lado da rua. Sentia falta da moto dele estacionada. Toda vez que eu ia pegar meu carro e não o encontrava, eu sabia que eu era culpada por aquilo. Eu tinha sido muito dura.

– Sim.

O maxilar de Tripp se apertou, seus olhos faiscaram de satisfação. Então as veias do seu pescoço saltaram, e eu me preparei.

Tripp

Calma. Eu precisava manter a calma, mas queria agarrá-la nos meus braços e beijá-la até que nenhum de nós pudesse respirar. Ela estava com ciúmes. Ela se importava o suficiente para não gostar de me ver com outra.

– O que isso significa, Bethy? Você me queria longe da sua vida e eu cá fora.

Eu estava assumindo um risco. Sabia disso, mas precisava descobrir.

Ela encolheu os ombros.

– Talvez isso signifique que eu sempre vá me sentir assim. Não sei. Só sei que sinto falta de você. – Ela parou, esfregou as mãos no rosto e soltou um gemido frustrado. – Não sei. Esse negócio entre a gente... Tem algo de que você precisa saber. Ou algo de que eu preciso que você saiba.

Ela estava desabando. Suas defesas estavam finalmente se quebrando. Se eu teria uma chance de entrar na vida dela, seria essa.

– Diga.

Bethy fez um sinal para o sofá e a poltrona do seu pequeno estúdio. Eu não tinha analisado o lugar até aquele momento. Ela não pertencia àquele lugar. Eu não a queria ali. A pintura das paredes estava descascando, as persianas estavam quebradas. Fita adesiva emoldurava a janela, e seu sofá estava remendado em vários locais. Mantive minha expressão neutra. Eu odiava saber que ela estava ali, com grades de ferro e correntes, naquela porta caindo aos pedaços enquanto eu ia para a cama à noite em um condomínio de luxo.

Bethy sentou-se numa cadeira de vinil que tinha visto dias melhores nos anos 1970. Eu me sentei no sofá.

– Eu não abortei. Eu perdi o bebê.

– O quê?

Ela soltou um pequeno suspiro e relaxou os ombros.

– Minha tia Darla disse que me ajudaria com o bebê. Eu pensei que aquilo fosse uma maneira gentil de ela me dizer que estava me levando para uma clínica de aborto. Eu chorei por dois dias depois daquilo e sofri pelo bebê que não conheceria. Eu não queria abortar, mas tinha 16 anos, e meu pai jamais me deixaria ter um filho. Se tia Darla estava me levando para uma clínica de aborto, então eu não teria ninguém em minha vida que apoiasse minha decisão de ter um bebê. Liguei para você diversas vezes, esperando que você pudesse me ajudar, mas nunca consegui falar com você.

Bethy respirou fundo e prosseguiu:

– Quando eu estava com oito semanas, minha tia me fez visitar uma clínica, e eu achei que era uma clínica de aborto. Nunca senti tanto medo em toda a minha vida. Por toda manhã eu tive cólicas, mas achei que era por ter chorado muito. Então o médico me examinou, e eu estava sangrando. Eu não sabia disso tudo até a semana passada. Recebi uma injeção para dor, porque eu estava no meio de um aborto natural. Minhas lembranças daquele dia ficaram confusas pelo

seu arrebatamento. Quando acordei, estava na casa de tia Darla e sangrava muito. Ela me disse que o bebê se fora, e eu entendi que havia realizado um aborto induzido enquanto estava anestesiada. Nunca mais falamos sobre aquilo. Na semana passada, tia Darla comentou qualquer coisa sobre minha perda natural do bebê e eu fiquei confusa. Então ela me contou a história toda.

Ela finalmente parou de falar e olhou para as mãos.

– Vivi com essa culpa por muito tempo. Eu queria que você soubesse a verdade. Eu não quis abortar nosso bebê. Na época, eu estava pronta para fazer o que fosse necessário para mantê-lo.

Eu jamais a havia culpado. Eu me embebedei por uma semana antes de finalmente ter coragem de ouvir minhas mensagens de voz. Eu não tinha mais comigo o telefone que meus pais pagaram para mim, mas podia acessar remotamente a caixa postal. Quando as súplicas desesperadas de Bethy terminaram com a mensagem de que ela tinha feito um aborto, meu mundo congelou.

Atirei uma cadeira na parede e quebrei o quarto do hotel barato em que estava. Atravessei a mão na parede de gesso antes de cair de joelhos soluçando. O passo seguinte foi beber. Eu precisava afogar aquela dor. Bethy não ia querer mais que eu voltasse, como havia planejado. Eu a havia destruído e também a mim mesmo. Eu não podia encará-la.

Mas eu jamais a havia culpado. Ela era muito jovem e estava assustada. Seu pai nunca estava em casa, e ela trabalhava para ajudar a pagar as contas. Eu não conferia minhas mensagens de voz por medo do que meus pais diriam. E, por causa disso, destruí a minha vida.

Eu também precisava dizer a verdade a ela.

– Bethy, se eu tivesse ficado, meus pais teriam me mandado para Yale. Eu teria passado mais de quatro anos lá. Nos feriados, eles me obrigariam a ficar com a família em Boston. E os verões seriam passados no escritório de advocacia em Manhattan. Meus dias de Rosemary Beach terminariam. Eu precisava fugir. Se eu encontrasse uma maneira de me tornar independente, eles não teriam poder sobre mim e eu poderia voltar. Eu viria buscá-la quando completasse 18 anos. Essa foi a única resposta que consegui encontrar. Eu não queria perder você.

Observei o rosto dela enquanto ela me ouvia. Eu havia tentado explicar isso a ela tantas vezes.

– Sobre a gravidez, eu não estava usando o telefone que meus pais haviam comprado para mim. Eu tinha deixado tudo para trás. Estava economizando dinheiro para me sustentar sozinho. Eu estava preocupado com você e, depois de um mês, usei o telefone do meu quarto de hotel para escutar meu correio de voz. Foi só nesse momento que recebi suas mensagens. Meu mundo desabou naquele quarto.

Bethy soltou um riso triste.

– Nós éramos tão jovens na época. Você se lembra daquelas crianças? Eu me esqueci de como era ser daquele jeito naquele verão.

Eu não havia me esquecido.

– Podíamos ser crianças, mas o que eu senti por você foi verdadeiro. Aquilo nunca mudou ou diminuiu. Nenhuma vez.

Ficamos ali sentados, sem falar nada, enquanto o som dos carros na rua e da música dos vizinhos do apartamento de cima preenchia o silêncio entre nós.

Olhei para ela, que fitava a parede, perdida em algum pensamento. Muita coisa havia mudado desde aquele verão, quando ela entrou na minha vida e a iluminou.

– O que eu disse quando a gente estava na ilha... foi errado. Eu estava apavorada por não ter me sentido culpada. Odiei a mim mesma por não ter sentido culpa. Mas eu quero viver minha

vida. – Ela fez uma pausa e fechou bem os olhos. – Se você quiser, gostaria que a gente se visse mais. Não exclusivamente, só casual. Talvez. Se isso fosse algo que você quisesse fazer.

Não exclusivo? Porra. Controlei minha reação e mantive a expressão neutra. Ela estava me oferecendo um ramo de oliveira, ou talvez um galhinho, mas já era alguma coisa. Era melhor que o que tínhamos até agora.

– Sim, eu gostaria disso.

Ela sorriu, e o alívio nos olhos dela fez aquilo tudo valer a pena.

– Mesmo?

– Claro.

Ela olhou em volta constrangida, com um sorriso bobo no rosto.

– Tudo bem se... eu abraçar você?

Abri meus braços.

– Venha aqui – disse a ela, e Bethy esperou uma fração de segundo antes de me envolver em seus braços.

Eu inspirei fundo e fiquei ali parado. Baixando a cabeça, corri o nariz até seu pescoço e ri quando ela estremeceu.

Eu não era o grande amor da vida dela, mas ela era o meu.

Bethy

Se um cara pedisse comida em casa e alugasse um filme, você se interessaria em acompanhá-lo nisso?

Ri ao ler a mensagem. Desde nossa conversa na outra noite, Tripp havia me enviado umas duas mensagens genéricas. Não sabia se ele estava ocupado ou apenas testando a situação. A última mensagem esclarecia um pouco as coisas. Estacionei o carrinho de golfe para responder.

Depende do cara que oferece. Eu tenho critérios.

Depois de clicar em “Enviar”, guardei o celular no bolso do short e descarreguei os produtos que haviam sobrado. Meu turno estava quase no fim, o sol se punha e o campo de golfe estava fechado. O último grupo tinha acabado de sair. Meu celular vibrou e eu rapidamente o peguei de volta.

Estamos falando de um cara alto, extremamente bonito, lindo sorriso. Ele sabe que você gosta de fettuccine alfredo de frango do Gambino’s e planeja juntar isso a uma taça de vinho branco quando você chegar à casa dele.

Ri alto e olhei ao redor, para ter certeza de que ninguém havia me visto sorrir feito uma louca para o meu telefone.

Você me convenceu. Eu iria a qualquer lugar por esse fettuccine.

A resposta foi rápida.

Vejo você às sete?

OK.

Guardei o aparelho de volta no bolso e retornei ao meu trabalho. Eu precisava tomar uma ducha e trocar de roupa antes de ir para lá. Estava cheirando a protetor solar e suor. Sem falar da cerveja que havia respingado em mim da cabeça aos pés. Ossos do ofício de quem tem que cuidar de um carrinho de bebidas.

Consegui descarregar tudo em tempo recorde e saí de lá sem que tia Darla tivesse a oportunidade de me perguntar aonde eu ia. Ela reprovava Tripp e, mesmo que estivesse falando de algo que aconteceu anos atrás, eu não estava certa de que ela mudaria de opinião. Trataria disso com ela quando tivesse tempo.

Cheguei ao meu apartamento, tomei uma ducha e vesti uma legging e um top de um ombro só. Era confortável e bonito. Eu não queria me arrumar toda para ver um filme na casa dele. Pareceria que eu estava me esforçando demais.

Era para ser algo informal.

Quando estacionei diante da casa dele, eram 19h05. Sua Harley estava parada do lado de fora e todas as luzes do apartamento estavam acesas. A primeira vez que voltei à casa dele depois de seu retorno foi tensa. Jace quis dar uma festa de boas-vindas, e eu precisei fingir que não havia perdido minha virgindade no sofá dele. Ou que não havia dormido na cama dele mais noites do que pude contar.

Agora eu estava voltando lá para passar algumas horas com Tripp. Encarar essas lembranças era terrível. Mas era o nosso passado, e eu não precisava me esconder dele.

Bati à porta e, quase imediatamente, pude escutar os passos de Tripp se aproximarem. Quando a porta se abriu, cheguei a ter uma espécie de vertigem. Fiquei de fato meio zonz. Às vezes eu esquecia quanto o cara era sexy. Não era de surpreender que meu coração tivesse sido roubado por ele aos 16 anos.

Seu cabelo estava molhado, e eu podia sentir o cheiro de sabonete ainda na sua pele. Uma camiseta preta justa no peito mostrava alguns pontos em que ele não tinha se secado direito. O jeans que ele vestia se encaixava na cintura tão perfeitamente que parecia ter sido feito sob medida, para que as mulheres pudessem saborear sua barriga lisa. A calça também realçava suas longas pernas. Os músculos da coxa se contraíam facilmente quando ele mudava de posição. Então vinham os pés descalços bronzeados, que não deviam ser excitantes, mas eram.

Ele sorriu e deu um passo atrás para que eu entrasse.

– Estava agora mesmo servindo o vinho – comentou ao entrar, seu cheiro me envolvendo completamente.

Por que aquilo me fazia querer lambar seu pescoço?

– Esperei por você para escolher o filme. Não sabia ao certo o que você gostaria de ver. Abri o iTunes na tevê e você pode escolher o que quiser.

Contornei a cozinha, que ladeava a sala.

– Estou a fim de um filme de ação – disse, pensando que não precisaria ver nada romântico a seu lado. Se eu havia até pensado em lambar o pescoço dele... não precisaria de nada para me inspirar.

– A escolha é sua – falou Tripp, voltando para a cozinha.

Fiquei do outro lado, no bar, observando ele arrumar os pratos. Tinha pedido o mesmo que eu, o que me lembrou do verão em que ele me levava para comer. Tripp sempre dizia que eu escolhia melhor do que ele e acabava comendo do meu prato e deixando de lado o dele.

– Vinho?

Ele me ofereceu uma taça.

– Sim, obrigada.

Tripp pegou os pratos e atravessou as portas francesas que levavam para a sacada.

– Vamos comer ali fora? É mais bonito do que aqui.

– Sim. Deixe eu pegar a sua taça e abrir as portas.

Fomos para a sacada e, mesmo que a mobília ali fora fosse diferente agora, minhas lembranças voltaram. Ele botou os pratos na mesa e eu me sentei na cadeira mais próxima. Lembrar de como éramos antes me confundiria agora.

– Não vou mentir: pedir comida do Gambino’s me trouxe algumas lembranças muito boas.

Ele também estava naquela onda. Nosso passado sempre estaria conosco.

– Eu não como lá há... bem, há um tempo – admiti.

Porque comer aquilo sempre me fazia lembrar dele. Só fui capaz de aproveitar o lugar depois que Jace me levou lá.

Não dissemos nada ao começar a comer.

Lembrar de Jace não era algo que eu desejasse. E não era justo com Tripp. Já havíamos falado o suficiente sobre ele. Agora éramos nós dois.

– Qual foi a coisa mais empolgante que aconteceu com você hoje? – perguntou Tripp.

O piscar dos olhos dele me fitando me deixou sem ar. Eram tantas emoções naquelas profundezas verdes.

Todos os dias daquele verão, quando me buscava do trabalho, ele me fazia essa pergunta. Começou como uma forma de ele me perguntar como havia sido o dia e se tornou um modo de eu inventar coisas ridículas apenas para fazê-lo rir. Depois, eu pegava sua mão e dizia que vê-lo esperando por mim no estacionamento havia sido a parte mais empolgante do meu dia.

Segurei meu garfo cheio de fettuccine no ar.

– Esta foi de longe a coisa mais empolgante que me aconteceu. A não ser que eu inclua o fato de ter passado pelo Sr. Wickingham enquanto ele fazia xixi no décimo buraco.

Tripp deu uma gargalhada.

Tripp

Uma sensação de calor me envolveu. Senti cheiro de baunilha e o toque de seda. Queria manter aquela sensação por mais tempo. Aquilo me acordou. Piscando para me livrar do incômodo do sol que atravessava a janela, vi Bethy dormindo enroscada em mim no sofá. Havíamos visto o filme ali, ou pelo menos tentado. Bethy se reclinou sobre mim em algum momento, e eu não pude fazer nada exceto observar seus olhos pesarem e fecharem. Enquanto dormia, ela se aproximou mais de mim, a ponto de eu ter que deitar para ela poder se esticar. A consciência de tê-la em meus braços outra vez enquanto ela dormia me deixava profundamente feliz.

Ficar preparado para o momento em que ela abriria os olhos e perceberia que dormiu em cima de mim era outra coisa. Ela ficaria zangada. Ao menos eu achava que ficaria. Depois de três taças de vinho na sacada e de rir das histórias de quando Blaire chegou em Rosemary Beach, Bethy relaxou bastante.

Eu gostava de simplesmente ouvi-la falar, descobrindo tudo o que eu havia perdido. Ela contou sobre sair da casa de seu pai quando ele casou com Renee, uma senhora que odiou Bethy à primeira vista. Meu peito doeu ao ouvi-la contar histórias sobre dormir no chão e comer mal por meses.

Eu também tive meus momentos de dificuldade, mas era algo que eu jamais havia desejado para ela. Quando fui embora da cidade, estava determinado a construir uma vida em algum lugar seguro, com tudo de que ela precisasse.

Eu não dormia tão bem fazia anos, e com certeza não acordava tão feliz havia uma eternidade. Não havíamos sequer trocado um beijo na noite anterior. Eu não a estava pressionando. Meu olhar ficava fixo nos lábios dela enquanto ela falava, mas eu me policiava e me obrigava a voltar para os seus olhos.

Uma de suas pernas se esticou, descendo pela minha enquanto ela começava a se espreguiçar. Desfiz o abraço quando percebi que a havia puxado para tão perto de mim que provavelmente a estava acordando.

Ela soltou um bocejo leve e os dedos que ela havia enterrado nos meus cabelos à noite começaram a se mexer. Então ficou completamente quieta. Minha Bethy havia finalmente acordado. Dei a ela um instante para assimilar as coisas. Sim, estávamos enroscados um no outro, mas vestidos. Nada estava tocando em nada que não devesse tocar. Quando ela virou a cabeça e enterrou o rosto no meu peito, eu sorri.

– Desculpe – murmurou ela.

– Pelo quê? – perguntei, sorrindo.

Ela soltou um bocejo adorável.

– Eu dormi em cima de você.

Eu segurei a cabeça dela para que pudesse ver seu rosto.

– Nunca peça desculpas por isso. Jamais.

Ela me estudou por um momento, depois umedeceu os lábios e virou a cabeça.

– Estou amassando você. Você consegue ao menos respirar?

Ela ainda parecia um tanto envergonhada. Começou a se levantar, mas meus braços se prenderam em torno dela. Eu não estava pronto para isso ainda.

– Você é o melhor cobertor que eu já tive – provoquei, tentando descontraí-la. Eu havia gostado de tê-la toda lânguida em meus braços. Eu queria mais daquilo.

Ela soltou uma risada e enterrou o rosto de novo no meu peito.

– Vinho depois de um longo dia ao sol me derruba.

– Então preciso me lembrar de fazer isso frequentemente. O que você vai fazer depois do trabalho esta noite?

Ela levantou a cabeça, e o sorriso em seus lábios fez meu coração se alegrar. Aquele era o meu sorriso, o que ela costumava mostrar só para mim.

– Ver você duas noites seguidas não é um encontro casual – comentou ela.

Eu não queria pensar no que aquilo queria dizer. Ela não queria ser exclusiva, o que significava que ela poderia sair com outras pessoas. Se aquilo realmente acontecesse, eu não sabia se poderia me responsabilizar por minhas ações. A ideia de ela andar por aí com outro cara me deixava louco. Eu não deixaria aquilo acontecer. Como eu ia impedir isso era outra pergunta.

– Claro que é. Nós comemos, assistimos a um filme e caímos no sono. Isso é bem casual. Deveríamos repetir hoje à noite.

Um sorriso se abriu em seu rosto e ela tentou se levantar. Relutante, eu a soltei. Se eu a mantivesse ali, talvez ela não voltasse. Eu sempre poderia amarrá-la na cama. Isso resolveria esse negócio idiota de encontro casual.

Bethy se levantou e se espreguiçou, me deixando com uma visão da pele macia de sua barriga. A legging que ela vestia moldava cada curva de sua perna, e eu estava quase implorando para ela se virar e espreguiçar de novo, assim eu poderia ver sua bunda nesse movimento. A camiseta que ela usava cobria quase tudo. Na noite anterior, tudo o que eu consegui foi uma sugestão do que aquilo escondia.

– Estou de folga hoje. Preciso fazer compras, limpar meu apartamento e...

– Visitar Nate, parar no correio e pegar sua correspondência. Então ir à praia, no ponto onde perdemos Jace – completei para ela.

Eu a segui por meses. Conhecia sua rotina nos dias de folga.

Eu não queria lembrá-la de Jace, mas ele era parte da vida dela. Nossa vida. *Eu* queria me lembrar dele. Queria ser capaz de dizer seu nome sem precisar me preocupar se ela me botaria para fora.

Bethy me encarou como se estivesse surpresa de eu saber tudo isso, mas não havia tristeza nisso. A culpa e o remorso não nublaram seus olhos. Ela se virou para pegar os tênis e calçá-los de volta. Não era um segredo que eu a seguia. Ela sabia disso.

Sentando, passei a mão pelos cabelos, mas decidi que não me importava se eles estivessem desgrenhados. Eu me inclinei para a frente, enquanto a observava procurando a bolsa. Ela precisava colocar um espaço entre a gente e, se eu queria que aquilo acontecesse de novo, precisava deixá-la em paz.

– Amanhã à noite então? – perguntei.

Ela virou para mim, e pude ver as engrenagens girando em sua cabeça.

– Tem uma festa de aniversário para o Sr. Emerson no clube amanhã à noite. Ele está fazendo 80 anos. Virão convidados de outras cidades. Vai ser um negócio grande. Woods me pediu para ajudar na preparação.

O Sr. Emerson era o avô de London. Os olhos de Bethy disseram o que ela não dizia. Ela

imaginou que eu estaria lá com London.

Na verdade, eu havia me esquecido que London tinha me convidado para ir com ela. Não havia aceitado o convite. Depois do churrasco, soube que estava desperdiçando o meu tempo e o dela. Ela não se encaixava no meu mundo. Formávamos uma boa dupla antes, mas cortei relações com aquela vida. Estar com London me lembrava do motivo por que fugi daquilo.

– Eu não vou estar lá. Não há nada a ser terminado, mas eu disse a London que não funcionaríamos juntos. Ela é parte de um mundo que eu não desejo mais.

O alívio nos olhos de Bethy chegou antes que ela conseguisse escondê-lo.

– Está bem.

– Depois da festa? – perguntei. Eu não ia desistir.

– Sempre fico exausta depois de um evento grande no clube, então não serei uma boa companhia. Só vou querer comer e dormir.

Aquilo estava ótimo para mim.

– Eu vou lhe dar comida e fazer uma massagem nos seus pés, e então você vai dormir.

A batalha interna que se decidia dentro da cabeça dela me fez prender a respiração.

– Está bem. Mas você não precisa se preocupar com comida. Nós voltamos para casa com toneladas de sobras desses eventos. Terei comida suficiente para nós dois.

Mentalmente, pulei e soquei o ar com um grito vitorioso.

– Ótimo. Quer um café antes de sair?

Bethy

Meu top tinha o cheiro de Tripp. Fechando os olhos, eu me lembrei de como foi gostosa a sensação do corpo dele sob o meu quando acordei.

Não conseguia manter os olhos abertos na noite anterior e me inclinei para encostar no seu ombro. Queria ter ficado acordada para aproveitar um pouco mais daquilo. Parecia que havia perdido alguma coisa. Só que, se tivesse continuado acordada, não haveria chance de eu ter dormido sobre ele.

Usar o top o dia inteiro era uma tentação, mas me pareceu esquisito. Eu o tirei e ia colocá-lo no cesto de roupas sujas. Em vez disso, joguei em cima da minha cama. Dormiria com ele naquela noite e não pensaria no quanto isso era estranho.

Concordar em ir à casa dele outra vez tão cedo podia não ser uma boa ideia. Fazia parecer que as coisas estavam caminhando rápido demais. Eu precisava proteger meu coração daquele homem. Já sabia que ele tinha o poder de me abalar. Só que cedi quando ele disse que não ia mais ver London.

Saber que ele não queria ser parte do mundo em que ela vivia eliminou minhas preocupações. Tripp jamais falava de seus pais, e eles não viviam em Rosemary Beach. Eles não voltaram a Rosemary desde o funeral de Jace. Mas o verão ia chegar em breve. E se eles retornassem? Tripp não havia precisado lidar com eles até agora. Será que o pressionariam? Será que ele fugiria outra vez? Não poderia subir na sua moto e fugir, mesmo que ele me pedisse. Minha vida estava ali. Meu trabalho, meus amigos, meu porto seguro. Tudo estava ali.

Não ia ser nada fácil me proteger. E não precisaria de muito para eu me perder com Tripp outra vez. Como na última noite: dormir nos seus braços aconteceu tão naturalmente como respirar. Foi uma sensação boa.

Meu coração não estava a salvo com ele. Mesmo que meu corpo tivesse outras ideias.

Hoje eu precisava de espaço. Seguiria minha rotina habitual e distanciaria meus pensamentos de Tripp.



Enquanto comprava comida, peguei uma lata de batatas Pringles e um pote de sorvete de manteiga de amendoim, para o caso de Tripp me visitar. Eram seus petiscos favoritos. Pelo menos eram quando ele tinha 18 anos. Limpei o apartamento e fiz uma lista de coisas que precisava comprar para dar uma aparência melhor ao lugar. Como uma manta para deixar sobre o sofá e talvez novas cortinas para a janela. Também limpei coisas que eu nem percebia, como os rodapés e portas de armários. Raspei a tinta que estava descascando e lixei a parede. Pendurei uma foto do casamento que Della tinha me dado, com Blaire, Harlow e nós duas.

Em vez de esbanjar com papel-toalha, amaciante de roupas, peito de peru e papel higiênico de três camadas, usei o dinheiro para comprar xampu e loção para o corpo que eu vinha cobiçando em uma nova loja da cidade. Então peguei um buquê de margaridas antes de ir à praia.

Apenas quando botei os pés na areia quente me dei conta de que todas as escolhas que havia feito durante o dia giraram em torno de Tripp. Parei exatamente antes de chegar ao ponto onde estava na noite em que Jace não voltou da água. Quando olhei as flores que segurava, engoli o choro preso na garganta.

Margaridas eram uma das coisas do meu tempo com Tripp das quais eu não havia me desligado. Foram as primeiras flores que alguém me deu. Tripp chegou em sua moto no meu trailer uma noite para me buscar e tirou um buquê de sua jaqueta. Elas estavam um pouco amassadas, mas eram perfeitas para mim.

Uma vez por semana, Tripp deixava margaridas esperando por mim em algum lugar. Eu as encontrei em meu armário no trabalho, na frente da minha varanda e sobre uma mesa reservada para nós no clube. Ele me disse que margaridas o faziam se lembrar de mim. Elas não eram exageradas e previsíveis, como rosas. Eram belas e livres. Iluminavam um ambiente e, embora parecessem inocentes, havia algo indomável nelas.

Quando Jace me deu rosas na noite em que me disse que não podia me perder e que eu era mais do que somente sexo para ele, que me amava, comentei que margaridas me agradavam mais. Dali por diante, ele me trazia margaridas, sem jamais ter sabido que seu primo havia me dado margaridas pela primeira vez.

Percorri os últimos poucos passos até estar de volta ao lugar onde perdi minha alma. Fitando a água, fechei os olhos e deixei o vento e o som das ondas me envolverem. Um túmulo não era o lugar onde eu queria imaginar Jace. Era frio e escuro em um túmulo. Para mim, seu espírito havia ficado ali, perto do mar que ele amava. Aquele lugar o fazia feliz. Era ali que ele teria querido ficar.

– Eu trouxe margaridas. – A praia estava vazia e minhas palavras foram levadas pelo vento.
– Sei que era você que sempre me trazia margaridas, mas eu precisava dá-las a você hoje. Preciso contar uma coisa. Quero sua compreensão e preciso do seu perdão. Eu nunca disse a você por que amo margaridas. Você sempre fez piadas sobre eu não querer rosas. Eu devia ter deixado você me dar rosas. Mas eu amava margaridas.

O vento levou algumas pétalas enquanto eu estava ali, olhando as ondas quebrarem na areia.

– Eu amava margaridas porque, antes de você, antes de nós, eu vivi um amor muito grande. Um amor que foi tão grande que resistiu todos esses anos. Você não sabe, mas me salvou duas vezes. Você me fez voltar a amar. Não quero que você pense que não estava apaixonada por você na época, porque eu estava. Meu coração era seu naquele momento. Éramos nós dois. Eu só não sabia como contar sobre o Tripp...

Uma margarida voou livrando-se da minha mão, e eu a observei fugindo para então cair na areia branca antes de uma onda tragá-la para o mar.

– Eu o odiei por me abandonar. Eu o odiei por coisas que não devia, porque ele era uma criança na época. Houve desentendimentos e dores que foram profundos. Eu estava perdida, e a garota que eu era havia desaparecido. Você a encontrou e a protegeu da destruição completa. Nós fomos perfeitos, mas apenas por uma estação. Então Tripp voltou e abalou o meu mundo.

Esperei as lágrimas chegarem, mas nada aconteceu. Nenhuma dor no meu peito.

– Deveria ter sido eu a se afogar naquela noite. Não você. Mas você não deixou isso acontecer. Eu não merecia ser salva, mas você nunca pareceu ver as coisas desse jeito. Você levou uma parte do meu coração quando partiu. Ela ainda está com você. Sempre estará. Você

foi o meu herói.

Eu me inclinei para colocar as margaridas na areia. Ainda não as havia soltado, porque, no momento em que eu fizesse isso, elas sairiam voando.

– Ele tem sido paciente comigo. Ele tem cuidado de mim quando tudo o que eu fiz foi mandá-lo embora. Eu disse coisas duras para ele e quis machucá-lo. Ainda assim, ele não foi embora. Ele apenas esperou. Quando precisei ser salva da escuridão que surgiu diante de mim, quando perdi você, foi ele quem me salvou. Ele me fez rir e me sentir viva outra vez. E eu quero viver outra vez. Isso não significa que eu me esquecerei de você. O que nós tivemos jamais vai me abandonar.

Eu me levantei, deixando as margaridas na areia até que cada uma delas fosse tomada pela água.

– Obrigado, Jace Newark. Por me amar, por me salvar, por ser meu herói.

Uma lágrima solitária rolou pela minha face. Não me mexi para secá-la. Seria a última lágrima que eu deixaria ali, e isso a tornava especial.

Tripp

Bethy adormecera no sofá, e seu pé ainda estava no meu colo. Ela vestia uma jaqueta e uma camiseta. Estava diferente esta noite. Seu sorriso surgia mais facilmente e havia uma leveza em sua risada. Fazê-la fechar os olhos e dormir foi difícil. Eu queria escutar sua voz e mergulhar no som de suas risadas.

Quando ela chegou, com uma muda de roupas para trocar, eu sugeri que ela tomasse uma ducha. Bethy relaxou, aliviada. Arrumei nossos pratos com as sobras do que ela havia levado e a escutei falar sobre sua noite. Quando contou que London estava lá com outro cara, ela me observou atentamente, como se aquilo fosse me incomodar. Puxei o pé dela para o meu colo e comecei então a prometida massagem, enquanto a provocava em relação ao longo banho que havia tomado.

Olhei seus pés e me lembrei da primeira vez que os notei. Eram delicados, com dedinhos pequeninos muito fofos. As unhas estavam pintadas de cor-de-rosa hoje. Antigamente, ela usava ao natural. Nunca antes eu tinha desejado beijar os pés de uma garota, até ver os dela. A primeira vez que levei aqueles dedinhos à boca, ela riu e se contorceu, tentando escapar.

Uma vez eu disse a Bethy que a única coisa que eu amava mais do que ela eram seus pés. Ela corou, cobrindo o rosto com as mãos. Nunca havia tocado nos pés de ninguém.

Beijei aquele pé perfeito e o coloquei de volta sobre minha coxa antes de mudá-la de posição e trazê-la para o meu peito. Ela se moveu assim que eu recostei, e tive medo de tê-la acordado. Fiquei quieto e esperei enquanto Bethy começava a se curvar sobre mim, botando uma perna entre as minhas coxas e um braço sobre o meu peito. Então aninhou a cabeça sobre mim e murmurou algo sobre eu cheirar bem e sobre não trocar a camiseta.

Segurei o riso e esperei até ter certeza de que ela havia dormido antes de sentar e puxá-la para mais perto. O sono veio fácil e tranquilo.



Foi a respiração de Bethy que me acordou desta vez. O brilho suave da manhã já banhava seu rosto, que me encarava. Nós estávamos outra vez completamente enroscados, mas desta vez ela não tentou se desvencilhar. Ela sempre foi de se aconchegar, algo que nunca mais fiz depois dela. Esse direito era apenas a Bethy.

– Oi – disse, naquela voz rouca de quem acaba de acordar.

A maneira como seu peito inflou e esvaziou chamou minha atenção e vi o pulso no seu pescoço acelerar. Ela estava incomodada com alguma coisa?

– Aconteceu algo? – perguntei, com medo.

Queria mais uma manhã abraçado a ela.

Ela concordou levemente com a cabeça. Algo estava errado. Talvez eu a estivesse apertando demais. Quando cheguei mais perto, ela suspirou. Minha mão estava acomodada sob seus seios.

Será que ela...? Estampados em seu rosto, havia necessidade e desejo. Suas pálpebras baixaram e ela respirou mais profundamente. Não queria interpretar a situação de maneira errada, mas a ideia de que ela estivesse com tesão fez meu sangue correr mais forte para o meu pau, que já latejava.

– Ah... – disse ela baixinho e fechou os olhos.

Minha ereção mal encostava nela, mas, durante a noite, ela jogou uma perna sobre a minha e mexeu até que seu calor estivesse diretamente sobre a minha rigidez. Eu sentia que aquilo não era apenas uma ereção matinal, meu corpo estava reagindo à pressão de sua virilha contra meu pau durante o sono.

Levantei os quadris apenas o suficiente para pressioná-la com mais força, e seus olhos faiscaram, enquanto ela agarrava meus ombros.

– Gostou disso? – perguntei, deslizando a mão sobre a bunda dela, assim poderia posicioná-la mais para cima de mim.

Ela assentiu, então eu fiz com que se sentasse, com as coxas abertas agora, montada em cima de mim, e deixando-a mais acessível.

– Ai, meu Deus – sussurrou ela, quando o contato foi completo.

Eu a puxei de volta e segurei seu rosto com as mãos.

– Acordou com tesão?

Ela não respondeu, mas rebolou e jogou a cabeça para trás. Cacete, aquilo era sexy demais.

Seus peitos balançavam com a respiração pesada. Eu os queria nus, queria observar aquele movimento. Peguei a camiseta dela, levantei seus braços e puxei por cima, me inclinando para tirar seu sutiã e atirá-lo longe.

Seus seios eram maravilhosos para caralho. Estavam maiores agora, mas os mamilos ainda tinham o mesmo tom de rosa. Sempre fui fã dos que enchem mais que uma mão. Os de Bethy enchiam duas mãos.

Ela soltou gemidos de aprovação e continuou rebolando sobre mim, absorvendo o prazer daquele ato. Apertei seus mamilos e lambi cada um enquanto eles oscilavam na minha frente. Por um momento, ela parou para que eu pudesse colocar um na boca e chupar.

Suas mãos pegaram a minha cabeça, e ela murmurou meu nome. Chupei mais forte antes de enterrar a cabeça entre eles e lambe aquele espaço passando de um para outro, dando a ambos a mesma atenção. Os seios mais gostosos do mundo.

– Tire a blusa – pediu ela, começando a puxá-la para cima.

Eu recostei olhando seus peitos, para não perder um minuto, e a ajudei. Então voltei a lambe e chupar exatamente de onde parei. Suas mãos percorreram meu peito e suas unhas arranharam minhas costas. Seus quadris começaram a descrever pequenos círculos.

Ela se enganchou em mim, me envolvendo com os braços e as pernas, enquanto eu seguia reto para o quarto. Ainda não tínhamos estado juntos ali, mas eu não ia transar com ela num sofá. Eu havia sonhado e fantasiado com aquilo por anos.

Eu a deitei, peguei seu short e a calcinha e tirei os dois com um puxão firme antes de me acomodar sobre ela.

– Abra as pernas para mim, linda.

Bethy não me impediu. Tomando fôlego, toquei na óbvia fonte que molhava seus lábios rosados. Inspirei profundamente, e o tesão dela aguçou meus sentidos.

– Caramba, gata, esse cheiro é tão gostoso – disse, beijando seu ventre nu.

Ela emitia um som gutural e suplicante. Eu a fazia implorar para eu cair de boca, porque ela estava muito excitada. Mas agora eu precisava daquilo mais do que ela.

Corri minha língua para cima passando pelo centro e depois circulei em torno do seu clitóris intumescido, fazendo ela se curvar na cama e gritar. Sua mão estava outra vez crispada nos meus cabelos, como se pretendesse me manter ali e não soltar mais. A ideia dela forçando a minha cabeça entre suas pernas me fez chupá-la ainda mais forte.

Comecei a morder também, aproveitando o gosto doce do qual senti tanta saudade. Meu nome saiu dos seus lábios como um canto, e eu mergulhei naquele som. Quando ela finalmente gritou e começou a tremer em seu primeiro orgasmo, eu a mantive deitada e lambi, degustando seu deleite enquanto ela me implorava para parar.

Quando os tremores pararam, ela grunhia do prazer que eu lhe proporcionava enquanto lambia seu clitóris sensível. Só mais um pouco e ela gozaria outra vez, mas eu queria penetrá-la antes. O olhar lânguido que ela me deu virou um sorriso, afastando qualquer pensamento racional que eu tivesse.

Com apenas um movimento, eu a penetrei. Suas unhas se cravaram nas minhas costas e ela se arqueou sobre mim gritando meu nome. As paredes apertadas de seu interior se contraíram e eu desci minha boca e cobri a dela antes de começar o vaivém. Ela puxou minha língua e começou a chupá-la, acabando com minha tentativa de manter um ritmo suave. Ter Bethy chupando qualquer coisa do meu corpo me lançava num frenesi selvagem.

– Porra, caralho, que delícia – gritei, livrando minha boca para conseguir respirar. – Nunca vou me enjoar disso, juro – disse, olhando seus seios balançarem a cada estocada. – Porra! Meu Deus, gata – rugi, incapaz de me saciar.

Eu queria ir mais fundo. Eu queria me enterrar nela até marcar seu corpo como meu.

– Mais forte – pedia Bethy, e seus olhos se reviravam de prazer.

Sim! Mais forte, mais fundo, mais rápido. Eu precisava de mais. Eu a queria inteirinha. Tirei o pau, e ela protestou antes que eu a virasse e levantasse seu quadril.

– De quatro – exigi.

Ela estava empenhada e vindo para trás para que eu a possuísse imediatamente.

– Entra em mim – implorou ela.

Segurei sua bunda e meti tudo. Deixando minha cabeça cair para trás, rugi quando ela começou a massagear meu pau com sua bocetinha. Me inclinando para a frente, agarrei os peitos dela e apertei. Eu precisava de uma porra de um espelho para vê-los balançar a cada estocada. Mas só imaginar como ela estava já bastou. Eu estava quase lá, quase enchendo ela com meu leite.

Putá que pariu!

– Eu não tenho camisinha. Eu preciso...

– Não! – Ela veio para trás e segurou minha bunda, me mantendo dentro dela. – Eu tomo pílula – disse ela, ofegante. – Dentro de mim.

Gozar dentro dela. Como se só esperasse uma ordem, gritei seu nome enquanto meu corpo bombeava um rio dentro dela. Seu grito lancinante seguiu o meu quando ela tremeu embaixo de mim e me apertou muito forte, tirando tudo o que eu tinha. Tudo o que me restava era abraçar seu corpo e me segurar nele.

Bethy

Os lábios de Tripp roçaram em mim de volta, e então ele lentamente saiu de mim antes de eu desabar na cama, completamente acabada.

– Fique aqui – pediu ele suavemente.

Eu não tinha ideia de aonde ele achava que eu iria. Não imaginava como eu poderia me mexer depois daquilo. O cheiro dele estava nos lençóis sob meu rosto, e meu corpo reagiu, desejando-o de novo.

A mão de Tripp estava na minha coxa.

– Venha para cá – disse ele, carinhosamente me ajudando a me mexer. Eu queria ficar ali, com o rosto afundado no seu cheiro.

Ele abriu minhas pernas e usou a toalha que trazia na mão, começando a me limpar. Exatamente como da primeira vez. Eu olhava extasiada enquanto ele me tocava como se eu fosse me desintegrar. Quando terminou, o sentimento de posse que ele irradiava me surpreendeu.

Eu tinha me esquecido disso. Só ele mesmo. Ninguém mais havia olhado daquela maneira para mim depois de transar. Nunca. Eu fui um sexo fácil para Jace no início, mas mesmo depois que tudo mudou para nós dois, Jace nunca teve o cuidado de me limpar ou olhou para mim como se eu fosse a razão de ele respirar.

Só o Tripp mesmo. Aquele olhar... eu já tinha visto aquilo antes. Muitas vezes. Só tinha esquecido.

Depois de receber um olhar assim é difícil aceitar menos. A sensação que me atravessou, fazendo com que me sentisse desejada e especial, tudo aquilo vinha dele.

Ele jogou a toalha num canto e ficou do meu lado. Eu não podia falar ainda. A emoção dentro do meu peito já consumia toda a minha atenção ali. Era por isso que ele podia me destruir. Foi por isso que eu me cerquei de muros. Porque ser amada por Tripp mudava a pessoa. A devoção dele era algo raro. Eu sabia disso agora.

– Não posso dividir você com ninguém – disse ele, beijando a minha têmpora. – Sei que você quer manter isso em banho-maria e que está assustada. Entendo isso. Mas eu não posso... Você era minha naquela época e é minha agora.

A ideia de estar com outra pessoa depois de experimentar isso mais uma vez pareceu impossível. Eu sabia o que era sexo casual, sem compromisso. Se não fosse com Tripp preferiria jamais transar outra vez.

– Eu esqueci – disse, deitada no peito dele.

– Esqueceu o quê? – perguntou ele, correndo os dedos pelo meu braço, subindo e descendo.

– Você. Como é transar com você. Eu não vou conseguir seguir adiante depois disso. Você acabou comigo. Eu não vou conseguir esquecer outra vez.

Ele pegou meu braço e me virou.

– O que isso quer dizer?

Eu o assustei. Ele não me entendeu.

– Quero dizer que nada se compara a ter você dentro de mim. Você me trata como se eu fosse uma joia rara. Como seguirei em frente depois disso? Eu esqueci uma vez, mas não vou conseguir de novo.

Ele cobriu meu rosto com uma de suas mãos e roçou seu polegar sobre os meus lábios.

– Você está me dizendo que não será capaz de deixar outra pessoa tocar seu corpo?

– Sim.

Ele fechou bem os olhos e inspirou profundamente antes de abri-los. Aquele verde havia se escurecido.

– Isso é bom, minha linda. Não terei que ir para a cadeia por quebrar um cara ao meio por tocar no que é meu.

Um riso se desprende de mim. Ele sorriu e confiscou meus lábios. Foi um beijo sedento. Lento, delicioso e profundo.

Afundi nos seus braços e decidi que eu me preocuparia mais tarde com o que fazer caso ele me deixasse outra vez.



Acordei sozinha na cama de Tripp. Preferia muito mais acordar em seus braços. O quarto não tinha mudado muito desde a última vez que estive ali. A melhor coisa do lugar é que tinha o cheiro dele. O perfume dos lençóis que recendiam a Tripp era tentador, mas eu sentia falta dele ali comigo.

Eu me levantei da cama king-size e peguei uma camiseta que ele deixou sobre a cadeira, no canto do quarto. Depois de vesti-la, passei as mãos no cabelo e fui encontrá-lo.

A primeira coisa que eu vi foram suas costas. Mesmo quando ele fazia coisas simples, como servir café, os músculos das costas dele se contraíam. A bermuda que ele colocou estava baixa o suficiente para que eu visse as covinhas ao final da coluna e a linha da cintura. Minhas mãos se coçaram para tocar cada centímetro dele. Desejava que ele estivesse nu.

– Se ficar só olhando para a minha bunda, o café que acabei de fazer para você vai esfriar. Vou pegá-la aqui mesmo e fazer você gozar de novo.

Aquela boca. Eu amava aquela boca suja.

– Não parece muito ameaçador – respondi, pegando a caneca que ele tinha na mão.

Tripp colocou a outra mão em torno da minha cintura, cobrindo minha bunda.

– Que bom que você acha isso. Porque não vai conseguir sair daqui tão cedo.

Por mais maravilhoso que pudesse ser ficar trancada com Tripp e transar o dia inteiro, eu tinha que estar no campo de golfe às três da tarde.

– Eu tenho que voltar para o trabalho. E você tem que parar de me tocar enquanto eu estou segurando café quente. Não quero queimá-lo sem querer.

Ele suspirou.

– Quando você sai do trabalho?

– Por volta das sete – respondi e tomei um gole do café.

Pensativo, ele passou a mão nos cabelos. Eu sabia por que ele estava com aquela cara. Nós não tínhamos uma definição para o que estávamos fazendo. Eu tinha meus próprios medos, e Tripp tinha os dele.

Se eu não o tivesse atacado naquela manhã depois de acordar com seu pau duro

pressionando o meio das minhas pernas, aquela bola de neve não teria rolado. Agora que ela rolou, a gente precisaria reavaliar as coisas. Não foi sexo casual. Nós tínhamos uma história. Tínhamos sentimentos e emoções que já se moviam em nossas profundezas. Tudo aquilo tornava as coisas mais complexas.

– Depois desta manhã, não acho que possa ficar sem você. Eu quero você comigo. Eu não quero espaço. Eu quero você aqui. Comigo. Todo o tempo. Eu quero poder agarrá-la quando e onde eu quiser. Quero dormir e acordar com você nos braços. Em resumo, preciso saber em que pé estamos.

Meus pensamentos estavam ainda digerindo o sexo maravilhoso que a gente teve. Eu não estava pronta para pensar além disso.

– Eu tenho que me aprontar e ir trabalhar. E você tem razão, temos que conversar. Mas, agora, podemos apenas estar um com o outro? Sem rótulos. Só nós dois?

Ele fincou o pé.

– Esse “só nós dois” significa que está tudo bem se eu quiser pegar você e beijar em um lugar público ou ligar apenas para escutar sua voz? E que você virá dormir aqui comigo todas as noites?

Dormir com ele todas as noites era algo de que eu não tinha certeza. Não me sentia pronta para depender dele. Minhas dúvidas sobre os seus planos para o futuro e sua relação com os pais ainda não haviam sido respondidas. E eu não tinha certeza de que ele poderia responder a tudo isso agora.

– Sim para tudo, exceto as noites. Acho que por ora devíamos ter alguns limites. Linhas que não cruzaremos. Só para ter certeza de que não estamos caminhando na direção de algo para o que não estamos prontos.

Ou que ele não estava pronto. Ele adorava viver na estrada e mudar de um lugar para o outro. Quanto tempo se passou até ele lembrar e sentir falta de mim, para que eu fosse a razão de ele estar por aqui? Tripp resmungou um palavrão qualquer. Ele não curtiu aquela parte.

Larguei minha caneca na mesa e o abracei.

– Não é tão ruim assim. Você só... você precisa ter certeza de que essa é a vida que você quer.

– Linda, você na minha cama todas as noites é exatamente a vida que eu quero. Eu tenho desejado isso desde os 18 anos. Não preciso me certificar de coisa alguma.

Eu queria muito acreditar naquilo.

– Tripp, estamos na seguinte situação: você não foi para a universidade e só tem experiência como barman. Não sei como você vive sem trabalhar agora, a não ser que receba muita grana para estar na diretoria do clube. Eu não fui para a universidade e sou uma garçonete de carrinho de bebidas em um campo de golfe. Não temos ideia alguma de como são nossos planos para o futuro. Sou a garota pobre que cresceu acostumada a viver de um contracheque para o outro. Você é o garoto de quem se esperava ser o herdeiro da fortuna Newark. Mas você fugiu dessa vida porque não queria isso. Então aqui estamos. Você realmente quer ser barman em Rosemary Beach quando nossas economias acabarem? Eu duvido. Este apartamento não é grande o bastante para abrigar uma família. Nós dois sabemos que você não pode comprar uma casa aqui, então você teria de se mudar. – Parei e senti o pânico subir em meu peito. Isso era tudo em que eu não queria pensar. – Por isso tudo é que eu preciso de alguns limites. Preciso proteger meu coração. Porque, quando você sair daqui, e você vai sair, pois foi criado para coisas maiores do que ser um barman, eu vou estar sozinha aqui para juntar o que sobrar.

Quando caminhei para longe dele, ele me soltou. Tripp não estava pensando em nada disso.

Ele estava apenas vivendo o agora. Eu acabara de mostrar o futuro a ele.

Eu não poderia confiar meu coração a Tripp porque com ele seria para sempre. Eu não pensava em nada disso com Jace. Ele pensava que eu esperava ser pedida em casamento, porque eu mencionei isso uma vez quando estava bêbada. Mas a verdade era que eu não planejei o futuro com Jace. No fundo, eu esperava que ele me deixasse também.

– É melhor você ir se não quiser se atrasar – disse Tripp, quebrando o silêncio.

Meu estômago se contorceu e lágrimas encheram os meus olhos. Não havia qualquer palavra de apoio ou emoção na voz dele. Ele não estava sequer tentando me convencer de que haveria uma chance para nós. Eu sabia que ele tinha razão.

Corri para o quarto para pegar a minha bolsa e sair. Troquei de roupa e joguei as peças da noite anterior na bolsa. Eu não ia chorar. A dor no meu peito não ia me abalar. Eu ia ficar bem. Eu ia ficar bem. Eu ia ficar bem.

Ele não veio até mim para me abraçar ou me dizer adeus. Tomei meu rumo e me dirigi à porta. Se o que eu disse o havia afastado, então eu estava contente por ele saber. Porque tudo o que eu descrevi era uma lista de cenários. O que aconteceria quando tivéssemos que encarar aqueles fatos na vida real?

– Por que eu, Bethy? – perguntou ele.

– O que quer dizer?

– Você não se perguntou sobre nada disso com Jace. Você apenas viveu o presente. Sei que ele não tinha ideia do que ia fazer ou qual caminho ia tomar. Ele vivia da renda dos pais dele e aproveitava a vida, sem usar seu diploma. Mesmo assim, você era dele. Você era feliz e acreditava que tudo ia dar certo. Então por que não faz isso comigo?

Eu odiava dizer aquilo. Admitir aquilo me faria parecer não ter amado Jace o suficiente e isso não era verdade. Eu o amei. Ele apenas não era o meu grande amor. Eu tive aquilo e perdi. Depois disso, você pode sobreviver a qualquer coisa.

– Com Jace eu não me preocupava com o que fazer para continuar respirando se ele me abandonasse. Com você, eu quero tudo. Se eu experimentar o gosto de como poderia ser, eu jamais vou querer abandonar. Eu me apaixonei por você quando tinha 16 anos e isso nunca mudou. Mas confiar o meu coração a você é outra coisa. Com você, preciso saber que será para sempre.

Não queria esperar que ele respondesse. Tripp também não impediu quando abri a porta e fui embora.

Tripp

Woods se reclinou em seu escritório e sorriu enquanto coçava o queixo.

- Eu perguntaria por que, mas já sei a resposta. Isso está fazendo você criar raízes.
- Está na hora. Já tenho 26 anos – respondi.
- E tem a Bethy – acrescentou Grant num tom de brincadeira.

Sim. Tinha a Bethy. Ela era a razão por trás de cada decisão que eu tomava.

– Sei que andei ocupado durante o último ano e meio, mas como foi que eu não soube que seu avô faleceu? Eu me sinto um idiota – disse Grant.

Meu avô materno, King Montgomery, era um viajante. Raramente pisava em Rosemary Beach. Ele não acreditava na rotina de se sentar atrás de uma mesa todos os dias. Ele amava ver novos lugares e experimentar coisas novas. Sofreu um infarto em uma viagem de caça na África. Não poderia imaginá-lo sofrendo com uma doença, amarrado à cama. Saber que ele havia morrido fazendo algo de que gostava tornou as coisas mais fáceis para eu aceitar.

Meu pai e ele jamais se sentaram frente à frente. Acho que essa era uma das razões para eu amar o velho. Ele acreditava que eu deveria escolher o meu próprio destino. Essa foi a razão de ele me dar aquele apartamento quando terminei o ensino médio. Acho que isso foi uma maneira de me dar um lar para onde voltar se eu escolhesse fugir.

– Ninguém aqui o conhecia muito bem – expliquei.

– Bem, acho que isso é uma grande ideia. Já tinha pensado nisso outras vezes. Mas nunca fiz nada, porque tinha as duas mãos ocupadas com o clube. Mas você tem o meu apoio. A propriedade não estava à venda, mas para você está – disse Woods.

Olhei para Grant. Precisava escutar a opinião dele.

– Sim, claro. É o que eu faço. Traga para cá. Adorei a ideia – disse Grant.

Levantando, não consegui tirar o sorriso do rosto.

– Preciso resolver outras coisas. Eu vou negociar qualquer custo extra para apressar o andamento da papelada.

– Não precisa. Eu farei acontecer.

Bethy

Parei na porta que dava para o salão de jantar. Tripp estava conversando com uma mulher que eu não conhecia. Fazia cinco dias que eu saíra do apartamento dele. Ele não havia me ligado, não me mandou nenhuma mensagem e até aquele momento eu não o havia visto no clube.

Naqueles cinco dias, eu vivia no piloto automático. Meu coração não estava presente. Na noite anterior, finalmente desabei e soluzei até adormecer. Foi fácil demais para ele me mandar embora. Mas, também, ele já não havia me deixado antes, sem nem olhar para trás? Quando eu ia parar de acreditar nele? Será que ele precisava me esmagar várias vezes ainda?

Jimmy veio na minha direção e eu esperei no canto, longe das vistas do salão de jantar.

– A mulher tem quase 50. Ele não está pegando ela. Alguma coisa está acontecendo, mas não é o que você pensa. Tire esse ar de coitada do rosto e sacuda a poeira, garota. Vai lá e exiba seus atributos, mostre para aquele homem o que ele está perdendo. Não aja como se ele tivesse ferido você. Tripp é muito fino para estar ciscando com aquela mulher. Sério, ela poderia ser a mãe dele.

Ele estava sério. Não cheguei perto o suficiente para vê-la. De costas, tinha belos cabelos e pernas. No mais, não podia dizer nada.

– Tem certeza de que é mais velha? – perguntei, rezando para que ele estivesse certo.

Se eu entrasse lá e o encontrasse flertando com ela, eu me desintegraria em mil pedaços na frente de todo mundo. Meu coração não aguentaria tanto.

– Acredite em mim, Bethy, não é o que você está pensando. Vai lá pegar os pedidos de bebida deles. Quando sair, rebole essa bunda. Ele vai olhar. Você sabe como provocar. Faça isso.

Jimmy piscou e seguiu em direção à cozinha.

Rezei para não perder a paciência e fazer algo estúpido, como chorar. Jimmy disse que ela era mais velha. Talvez fosse uma parente. A verdade é que eu queria vê-lo. Eu senti falta dele. Antes que pudesse ser solicitada para outra coisa, atravessei a porta e fui até sua mesa. Ele falava e tinha uma expressão séria no rosto. Quase como se estivesse discutindo uma questão de negócios. O que não fazia sentido. Ele não tinha negócio algum.

Os olhos dele se levantaram e ele parou de falar quando me viu. Estava surpreso de me ver trabalhando no salão de jantar durante o almoço, já que normalmente eu não trabalhava ali. Ele sabia disso. Havia um olhar faminto nele. Como se quisesse me ver tanto quanto eu queria vê-lo. Mas isso não podia ser verdade, porque ele não me ligou.

– O que gostariam de beber? – perguntei quando cheguei à mesa. Eu deveria informar sobre os pratos do dia, mas minha língua estava tão travada que eu nem tentei.

– Água com gás, por enquanto – disse a mulher.

Jimmy tinha razão. Ela era velha demais para Tripp. Voltei minha atenção para ele, que ainda me encarava como se eu fosse sua última refeição.

– Oi – disse ele, simplesmente.

Como responder a isso? Ele me ignorou por uma semana. Eu o pressionei por respostas

quanto ao nosso futuro, e ele deu para trás. Me tirou da jogada. E agora isso?

– Olá, Tripp.

– Ah, sim, eu quero uma Coca.

Assenti e me virei para sair, mas sua mão segurou o meu braço.

– Espere.

Eu não podia fazer uma cena ali, mas quis puxar o braço e correr. Virando de volta, notei que a senhora a meu lado nos observava com interesse.

– Bethy, quero apresentar você a alguém.

O quê? Ele ia me apresentar a uma mulher estranha. Por quê? Como não sabia ao certo o que ele queria que eu dissesse, permaneci em silêncio.

Ele olhou para a senhora.

– Quinn, esta é Bethy. Bethy, esta é Quinn. Ela é designer de interiores. Fez toda a decoração do clube – explicou ele.

Estranho. Sorri para ela. Tinha certeza de que ela não estava interessada em ser apresentada aos atendentes. Seu sorriso, contudo, foi sincero. Ela me estendeu a mão.

– É um prazer conhecê-la, Bethy. Tripp me falou muito de você.

Foi difícil mascarar a minha surpresa. Senti minhas emoções cruas e expostas naquele momento, porque aquilo não fazia sentido. Parecia que eu havia saído da cama dele naquela manhã e lhe dado um beijo antes de vir trabalhar. E não que eu tivesse sido completamente ignorada por cinco dias.

Apertei a mão dela e murmurei qualquer coisa antes de sair dali. Jimmy estava me esperando com suas mãos nos quadris, enquanto olhava daquele canto.

– Quem é ela? – perguntou ele.

– A designer de interiores que Woods contratou para decorar o restaurante, acho. Ela agiu como se soubesse quem eu sou e apertou a minha mão. Juro, Jimmy, acho que preciso começar a tomar calmantes. Tripp está acabando com a minha cabeça, e eu não vou aguentar muito mais.

Jimmy pegou meus braços e deu tapinhas nas minhas costas.

– Calma, Bethy. Sou especialista nisso. Tudo vai ficar bem. Eu vi Blaire e Della passarem por isso. Apenas aguenta firme.

Recuei e olhei para ele.

– Blaire e Della tiveram homens que adoravam o chão em que elas pisavam. Isso não é nada parecido.

Jimmy levantou uma sobrancelha.

– Bethy, querida, você precisa acordar. Abra os olhos, garota. Esse cara é tão obcecado por você que não pode nem olhar para a frente.

Não discuti com ele. Fui à cozinha pegar as bebidas.



Os olhos de Tripp não me deixavam. Quando eu estava no salão de jantar, me seguiam por todo lado. Foi um milagre que eu não tenha derrubado comida em alguém. Anotei os pedidos e enchi seus copos com um sorriso no rosto. Quando eles haviam quase terminado a refeição, eu estava tão tensa que minha cabeça doía.

Massageei as têmporas e descansei a cabeça contra a parede. Não sairia antes das seis e não

podia ter uma dor de cabeça. Quando acontecia, eu passava mal. Isso não podia acontecer. Não hoje.

– O conquistador pagou e deu uma boa gorjeta para você. Peguei para você, para que eles liberassem a mesa.

Jimmy me entregou três notas de 100 dólares, o que era ridículo. Resmunguei, peguei o dinheiro e o enfiei no bolso. Conversaria com Tripp mais tarde, embora não soubesse quando isso aconteceria.

Tripp

Ela estava chateada comigo. Eu sabia que estaria, mas ver isso foi difícil. Queria levá-la para rua ali mesmo e contar tudo a ela. Mas havia sofrido por cinco longos dias sem sua presença para ter certeza de que eu nunca acordaria outra vez sem tê-la nos meus braços.

Ela queria segurança? Precisava saber que eu estava nessa para sempre? Então era isso que ela teria.

Já havia começado a fazer planos para o nosso futuro antes de ela pedir para saber o que eu pensava disso. Mas contar minhas ideias para ela não era o mesmo que mostrar que eu estava falando sério.

A única razão de eu deixá-la sair por minha porta naquela manhã foi pelo que ela disse: “Com Jace eu não me preocupava com o que fazer para continuar respirando se ele me abandonasse. Com você, eu quero tudo.”

Naquele momento, percebi que eu era o amor da vida dela. O que tivemos foi maior do que qualquer coisa. Mesmo com Jace. Saber que eu significava mais para ela mudava o jogo. Eu moveria montanhas para lhe dar qualquer coisa de que ela precisasse.

Analisando retrospectivamente aqueles cinco dias, foi exatamente o que eu fiz. E ser bem-relacionado certamente ajudou.

Bethy saiu pela porta dos fundos do clube, e eu saltei da moto. Ela não percebeu minha presença até que eu estivesse quase a seu alcance. A surpresa dela rapidamente se tornou ira. Engoli meu sorriso. Ela estava furiosa comigo. Eu resolveria isso rápido.

– O que você está fazendo?

– Sei que você está furiosa comigo, mas preciso mostrar uma coisa. – Estendi a mão. – Duas coisas, na verdade.

Ela torceu o nariz e cruzou os braços.

– Você está confundindo a minha cabeça – disse Bethy, com voz cansada.

Estiquei a mão e tirei do rosto dela os fios de cabelo que se soltaram do seu rabo de cavalo. Aquilo me deu uma desculpa para sentir sua pele.

– Sinto muito. Mas eu juro, está resolvido. Só isso. Apenas venha comigo. Você vem, por favor?

Ela parecia pronta para ir embora, então decidi continuar pressionando.

– Não vamos rodar muito. Me dê apenas dez minutos. Eu juro. Vou explicar tudo.

– Está bem.

Peguei sua mão e entrelacei meus dedos nos dela.

Afivalei o capacete na sua cabeça, mesmo sabendo que ela podia fazer isso sozinha. Bethy pôs as mãos nos meus ombros e subiu. Quando seus braços me envolveram, fechei os olhos e aproveitei a sensação de tê-la comigo.

O passeio foi curto, apenas até o outro lado do terreno do clube. Tomei a trilha estreita de cascalho através das dunas e parei assim que chegamos à colina, de onde se avistava o mar.

Desligando o motor, desci, tirei seu capacete e a ajudei a descer.

Ela olhou ao redor com a testa franzida.

– O que estamos fazendo aqui?

– O country club Kerrington era dono desta propriedade. Ela estava destinada a se tornar uma expansão. Depois que o pai de Woods faleceu, ele desistiu da ideia. Então eu a comprei e contratei Grant como empreiteiro. Vou construir um hotel de luxo aqui. Assim, quem não quiser comprar ou alugar uma casa durante os meses de verão terá outra opção. Os hóspedes do hotel terão acesso ao Kerrington Club durante suas estadias aqui. – Fiz uma pausa. Ela ficou boquiaberta, mas não disse nada. – Eu me reuni com Quinn hoje porque queria dar a ela uma ideia do que queria e oferecer algumas opções. Você vai continuar negociando com ela daqui por diante. Ela sabe que a última palavra, em qualquer coisa, será sua.

Bethy levantou a mão para me interromper.

– Espere, espere. O quê? Como você comprou isso? Um hotel é... grande, Tripp. Muito grande.

Eu havia me esquecido de que ela não sabia de tudo. Nunca discutimos minha situação financeira. Eu não tinha percebido isso até que ela falou na necessidade de eu ser barman e ficar sem dinheiro na manhã seguinte.

– Meu avô materno morreu há dois anos e deixou tudo para mim. O resto da família ficou contrariado, mas o testamento era irrecorrível. Eu era seu único herdeiro. Quando voltei para Rosemary Beach, essa ideia começou a tomar forma na minha cabeça.

– Então você comprou este terreno para construir um hotel? Aqui? Você vai simplesmente... construir um hotel?

– Você está aqui, Bethy – respondi, e então peguei a mão dela e levei-a de volta à minha moto. – Tem mais uma coisa que eu preciso que você veja.

Ela não disse nada. Até me deixou botar o capacete de volta antes de subirmos na moto para seguir até a praia.

Quando cheguei ao ponto que dominava a vista sobre um longo trecho da praia, vi o cobertor que havia deixado lá antes, junto com quatro lanternas em cada canto, para impedir que saísse voando e nos oferecesse alguma luz. O sol estava quase se pondo. Ela fitou o horizonte enquanto eu tirava o capacete.

– Isso também é parte da propriedade que eu comprei. Ela tem uma vista magnífica e espaço suficiente para construir uma casa. Qualquer casa que você queira. Vamos construir juntos.

– Você quer construir uma casa? – perguntou Bethy num sussurro.

Eu observei enquanto ela olhava ao redor, e então seus olhos voltaram aos meus.

– Sim. Com você. O que fizer você feliz, porque se você estiver nela comigo, eu não me importo com o lugar onde a gente vai viver.

Ela continuava olhando para mim, como se eu tivesse perdido a razão. Botei a mão no bolso e puxei uma pequena caixinha de veludo.

Quando me ajoelhei, Bethy suspirou. Essa era a parte de que eu morria de medo. Era isso que eu queria. Mais do que qualquer coisa. Mas eu não tinha certeza se ela também queria. As palavras dela naquela manhã me fizeram acreditar que sim. Sem mais firulas, sem incertezas.

– Você precisava saber que nossa história era para sempre. Bethy, era para sempre para mim quando eu tinha 18 anos. Você era tudo o que eu via e é tudo o que eu vejo agora. Estive esperando por você, linda, que você se curasse e voltasse para mim. Tudo o que você precisava fazer era me dizer que queria isso para sempre também. Eu moveria os céus e a Terra para fazer

isso acontecer. Bethy Lowry, você quer se casar comigo?

Silêncio.

Esperei que ela olhasse para o anel na minha mão.

– Você fez tudo isso por causa do que eu disse? – perguntou ela.

Ela ia me matar. Consegui responder que sim com a cabeça.

– Sim. Se você me pedisse para voar até a lua e trazê-la para você, eu encontraria um jeito.

Ela soltou um riso leve, que se tornou um soluço. Meu estômago deu um nó. Ela não devia chorar. Era isso que ela disse que queria. Então sua cabeça se moveu para baixo e para cima, e ela deixou escapar outro soluço.

– Sim.

Nenhuma outra palavra jamais me trouxe tanta felicidade. Instantaneamente eu me ergui e a peguei nos braços.

Os braços dela se enrolaram no meu pescoço quando eu a levantei no ar.

– Meu Deus, eu amo tanto você. Achei que você fosse dizer não.

– Não sei como você pode achar que uma mulher neste planeta poderia dizer não para você e para um pedido desses.

– Eu fiquei oito anos sem você. Não quero perder nem mais um dia.

Ela deu um beijo na minha bochecha e eu a devolvi ao chão.

– Posso ver o anel agora? – perguntou ela docemente. Percebi que ainda o tinha na mão.

Rindo, abri a caixinha outra vez e tirei o anel. Ela esticou a mão e eu o coloquei em seu dedo. Eu não podia olhar outra coisa além dessa imagem.

– Ah, nossa, e eu pensando que aquele olhar possessivo não podia ficar pior – disse ela, sorrindo.

Tirei os olhos do anel para ver o seu rosto. Minha Bethy.

– Apenas para esclarecer: ou você se muda para a minha casa amanhã ou eu queimo o seu prédio inteiro. Você decide – sentenciei, colocando-a sobre o meu colo.

Ela jogou a cabeça para trás e riu. O melhor som do mundo.

– Vou ter sexo de manhã todos os dias?

– De manhã, na ducha, à noite... até na sacada – garanti.

Ela deitou a cabeça no meu peito.

– Eu amo você.

Bethy

Os lábios de Tripp tocaram a minha orelha.

– Preciso entrar em você. Cinco dias sem você é uma tortura...

Sua mão deslizou para baixo do meu short. Eu sabia que a gente estava longe o suficiente das outras casas, mas ainda havia a chance de que alguém pudesse estar caminhando na praia. Quando ele meteu o dedo em mim, decidi que não me importava.

Eu me afastei dele e comecei a tirar o short e a calcinha. Seus olhos faiscaram, e ele abriu o zíper do seu jeans.

– Eu juro, quando chegarmos em casa, eu vou beijar cada centímetro do seu corpo, com carinho e bem devagar.

Eu montei no seu colo, e ele colocou seu pau duro para fora.

– Caralho, como você é quentinha.

Se eu não estivesse tão ansiosa para ele entrar em mim, eu o teria provocado por mais tempo.

– Aí, isso, sim, desce... porra! – gritou ele quando sentei nele.

Joguei a cabeça para trás e gritei. Sabia que estava pronta para ele, mas não havia percebido que estava tão molhada até ele entrar. Suas mãos agarraram minha bunda quando comecei a rebolar nele.

– Vou deitar e deixar você cavalgar – disse ele, antes de esmagar minha boca com a sua.

Gemi quando o gosto dele me invadiu.

Empurrei seu peito para baixo e ele riu, antes de se deitar. Apoiei as duas mãos sobre ele e comecei a levantar os quadris para cima e para baixo, arfando conforme a sensação crescia. Eu sentia o prazer crescer.

– Me mostra seus peitos, gata. Preciso vê-los – ordenou ele com sua voz macia, que conseguia qualquer coisa de mim.

Tirei minha blusa e abri o sutiã, liberando-os.

– Deus, que delícia! – disse Tripp, cobrindo-os com suas mãos e apertando-os. Elogios saíam de sua boca enquanto ele beliscava meus mamilos. – Maravilhosa.

– Eu vou gozar – gemi, sentando mais forte nele. – Mais fundo, Tripp. Só mais um pouquinho – implorei.

– Toda aberta para mim. Abre essas pernas e me deixa entrar. Estou pronto para ver você gozar no meu pau.

Era tudo de que eu precisava. As palavras de Tripp me puseram em órbita e eu o agarrei, gritando seu nome. Quando o segundo orgasmo aconteceu, tive certeza de que estava gritando.

Meu nome saiu da boca de Tripp quando seu corpo tombou sobre o meu. Minha visão estava nublada pelo gozo, mas vi quando meu belo rapaz caiu com a boca aberta ao gozar em mim.

Ele me abraçou ainda fundo dentro de mim.

– Acho que vou ficar aqui para sempre – murmurou ele.
Naquela hora, eu não queria outra coisa.

Tripp

Eu me apoiei no batente da porta do nosso quarto, olhando Bethy dormir. Ela estava exausta. Eu proporcionei seis orgasmos para ela antes de deixá-la ir para cama. Sorrindo, tomei um gole de água. Ela estava ali, na minha cama. Com meu anel no dedo. Eu tinha desejado esse momento por oito anos.

Bethy era o meu mundo.

Incapaz de ficar longe dela por muito tempo, cheguei perto e pus o copo no criado-mudo. Ela rolou para o lado, e seus olhos pestanejavam.

– Estou com frio – balbuciou ela, sonolenta. – Venha me esquentar.

Sorrindo, puxei de volta a coberta e deitei na cama.

– Sempre, gata. Sempre.

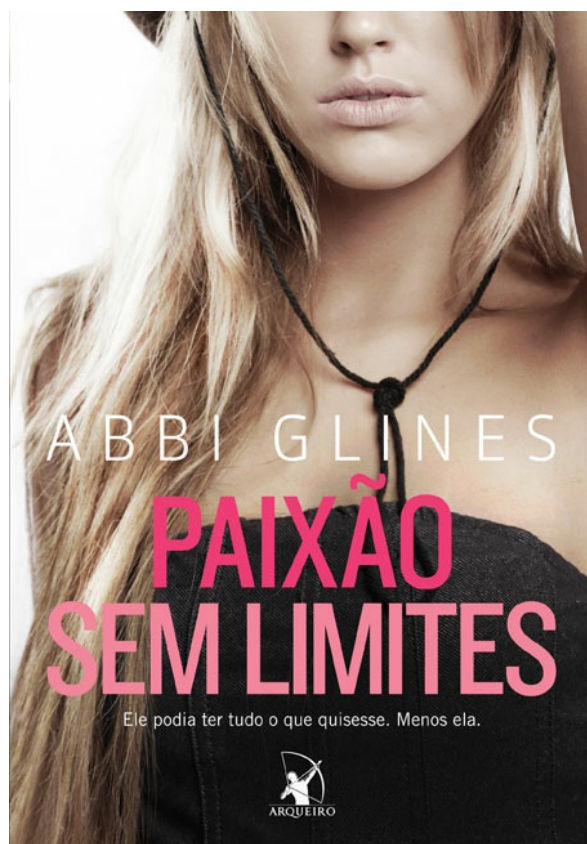
Sobre a autora

© Keith Glines



Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, Abbi é viciada no Twitter ([@abbiglines](https://twitter.com/abbiglines)) e escreve regularmente no seu blog. www.abbiglines.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



Paixão sem limites
(Série Sem Limites – livro 1)

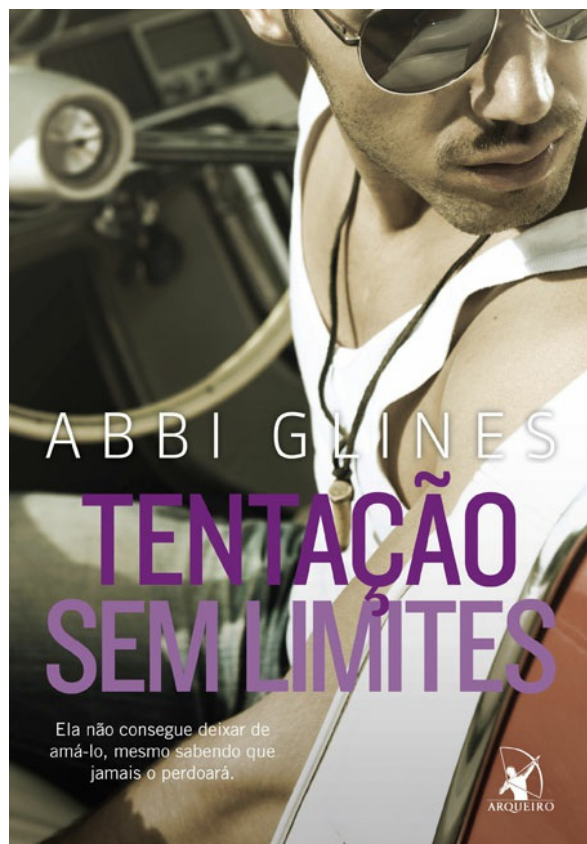
Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postiça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e

que pode mudar para sempre as suas vidas.



Tentação sem limites
(Série Sem Limites – livro 2)

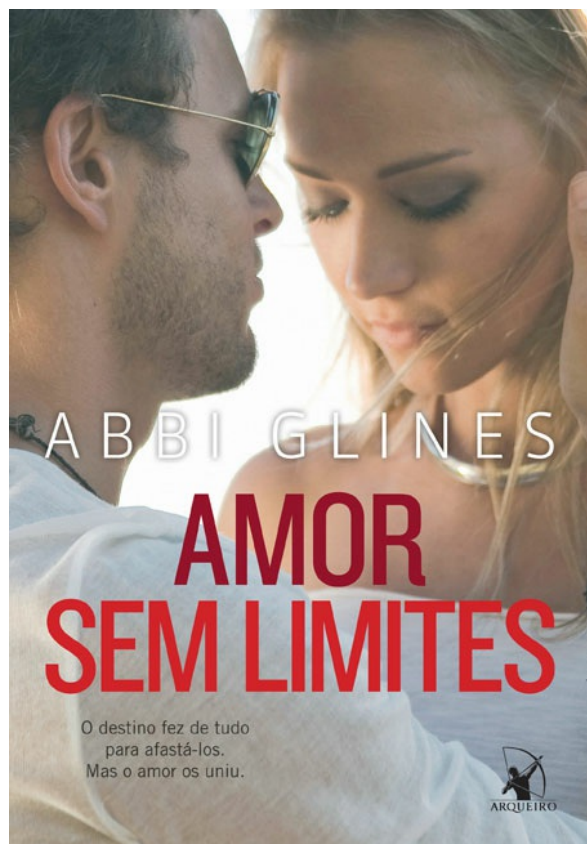
A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la?

O terrível segredo de Rush Finlay.

Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo.

Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente.

Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

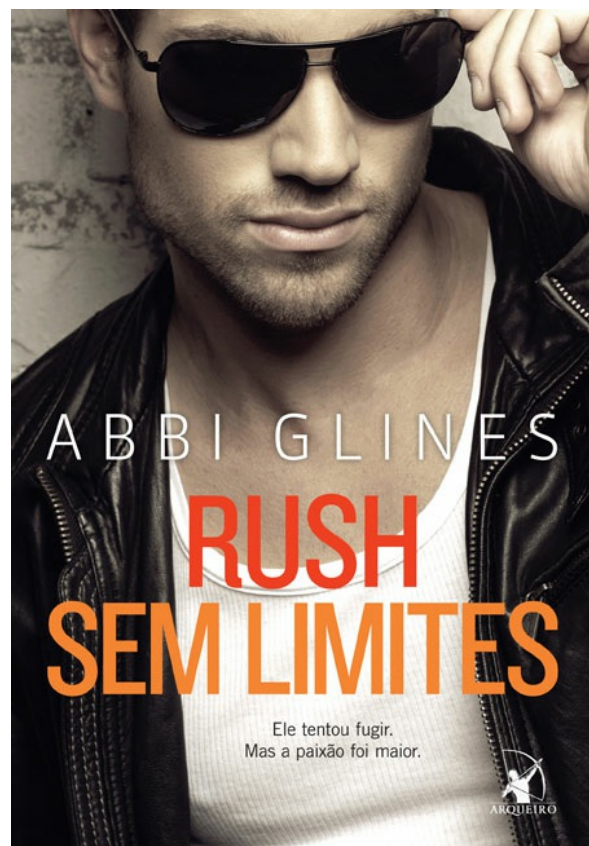


Amor sem limites
(Série Sem Limites – livro 3)

Blaire Wynn conheceu Rush Finlay num momento muito difícil da vida dela, logo depois de perder a mãe e a casa em que morava. Filho de um astro do rock, Rush vivia num mundo de luxo, sexo sem compromisso e total despreocupação com o futuro. Exatamente o oposto de tudo o que Blaire conhecia.

Mesmo com tantas diferenças, a paixão entre os dois foi arrebatadora. Porém Rush guardava um segredo de sua família que levou ao fim do namoro – e a um período de tristeza absoluta para o casal. Mas eles já não sabiam viver um sem o outro e cederam de novo àquele sentimento irresistível.

Agora eles estão felizes e planejam se casar. Mas nem tudo está garantido. O pai de Rush chega trazendo más notícias e novamente os antigos problemas de família podem fazer com que os dois se afastem.



Rush sem limites
(Série Sem Limites – livro 4)

Rush merece sua reputação de bad boy. Com seus carros de luxo e sua mansão de três andares à beira-mar, o filho de um famoso astro do rock tem uma fila de garotas a seus pés. No entanto ele precisa apenas de duas pessoas para ser feliz: seu irmão postigo e melhor amigo Grant e sua meia-irmã Nan.

Até que Blaire Wynn chega à cidade em sua velha caminhonete. A beleza angelical da garota do Alabama logo chama a atenção de Rush. Mas, por causa de um segredo de família, ele decide manter distância de Blaire. Mesmo que ela precise de sua ajuda. E mesmo que ela lhe desperte sentimentos desconhecidos.

Órfã de mãe e abandonada pelo pai, Blaire está sozinha no mundo – porém Rush entende que se aproximar dela pode destruir a vida da irmã, a quem protegeu desde que eram crianças. A relação secreta entre as duas e o ódio que Nan nutre por Blaire são mais do que bons motivos para Rush manter-se afastado. Só que ele não consegue. O desejo fala mais alto.

Depois do sucesso da trilogia Sem Limites, Abbi Glines leva os leitores de volta ao início dessa história de amor. Em *Rush sem limites*, você entrará na mente do bad boy que já conquistou milhões de fãs mundo afora.



Estranha perfeição

Della Sloane não é uma garota comum. Ansiando se libertar do seu passado sombrio e traumático, ela planeja uma longa viagem de carro em busca de autoconhecimento e dos prazeres da vida real. Seu plano, no entanto, logo encontra um obstáculo: o automóvel fica sem gasolina em Rosemary, na Flórida, uma cidadezinha praiana no meio do nada.

Neste cenário, ela conhece o jovem Woods Kerrington, muito disposto a ajudar uma menina bonita em apuros. O que ela não sabe é que Woods é o herdeiro do country club Kerrington e está de casamento marcado com Angelina Greystone, uma união arranjada que culminará na fusão de suas empresas, garantindo o futuro profissional do rapaz.

Uma noite desprentensiosa parece a solução perfeita para Della e Woods fugirem por um tempo de tanta pressão. Do passado que ela gostaria de esquecer. Do futuro de que ele tantas vezes tentou escapar.

Mas eles não poderiam prever que a atração os levaria a algo mais quando os seus caminhos se reencontrassem. Agora precisam aceitar suas estranhezas para descobrirem a perfeição.



Simples perfeição

Woods teve sua vida traçada desde o berço. Cuidar dos negócios da família, casar com a mulher que os pais escolheram, fingir que riqueza e privilégios eram tudo de que ele necessitava. Então a doce e sensual Della apareceu e conquistou seu coração, abrindo seus olhos para um novo futuro.

A vida do casal seguia para um final feliz, até acontecer um imprevisto. Della está determinada a ser o apoio de que Woods necessita, mas os fantasmas do passado ainda estão presentes e mais intensos do que nunca. Pressionada pela ex-noiva e pela mãe de Woods, ela toma a decisão mais difícil de sua vida: abdicar da própria felicidade pelo homem que ama.

Mas os dois terão a força necessária para seguir em frente um sem o outro?

AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES

ABBI GLINES

a primeira
CHANCE



A primeira chance

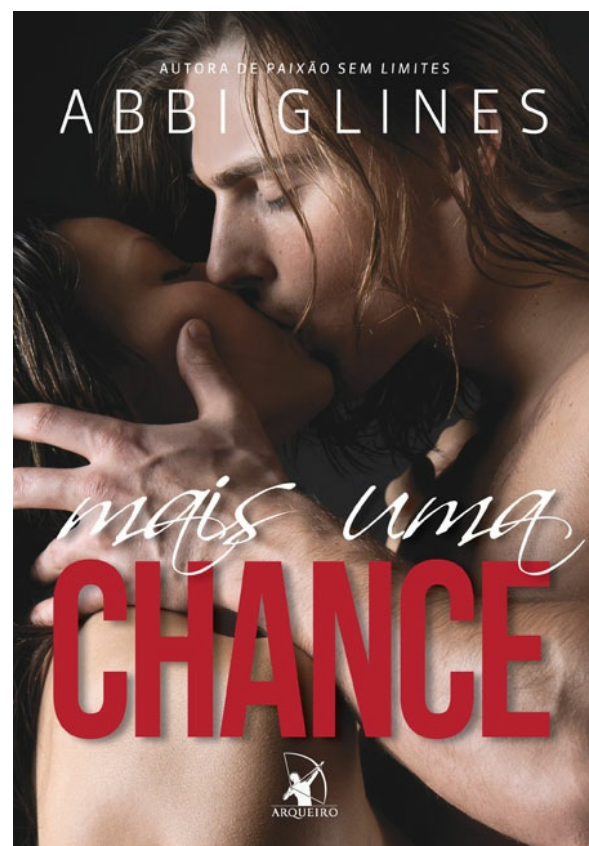
Harlow é uma jovem incomum. Filha de um astro do rock, a garota bonita e inocente nunca se aproveita da fama do pai e prefere levar uma vida sossegada. Mas seus dias de tranquilidade terminam quando ele sai numa longa turnê de nove meses e ela vai passar esse tempo na Flórida com sua meia-irmã Nan.

O problema é que Nan a odeia. Acostumada a ser o centro das atenções, ela morre de inveja de Harlow, que, além de ser a queridinha do pai, atrai os olhares masculinos por onde passa.

Harlow não entende por que Nan a maltrata tanto, mas acha melhor se esconder atrás de seus livros e passar o maior tempo possível no quarto para não correr o risco de provocar sua ira. Porém seus planos vão por água abaixo quando ela esbarra com Grant Carter de cueca na cozinha.

Grant cometeu um erro terrível ao passar uma noite com Nan, sua ex. Ela conhece seus pontos fracos e sabe seduzi-lo, mas ele se arrepende por ter caído em tentação. E logo no dia em que conhece Harlow, a garota que faz seu coração acelerar.

Grant está desesperado para conquistá-la, mas será que destruiu suas chances antes mesmo de conhecê-la? Só o que Harlow quer dele é distância. Afinal, que tipo de pessoa se envolveria com uma criatura amarga feito Nan?



Mais uma chance

Grant Carter encontrou na doce e linda Harlow algo que não esperava ter: uma mulher com quem desejasse passar toda a sua vida. Para ficar com ela, precisou provar que não era apenas um playboy sedutor.

Mas quando ela lhe contou um doloroso segredo, ele se deixou levar por seus medos mais profundos e pode ter destruído sua única chance de viver um amor verdadeiro.

Desesperado por ter perdido sua paixão, Grant busca seu paradeiro, sem saber que ela se prepara para arriscar a própria vida por um sonho. Agora ele terá que conquistar a confiança de Harlow e decidir o que é mais importante: a segurança ou os sonhos da mulher da sua vida.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio,
de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben *A cabana e A travessia,* de William P. Young *A farsa, A vingança e A traição,* de Christopher Reich *Água para elefantes,* de Sara Gruen *Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios,*

Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown *O milagre, Uma carta de amor, Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião,*

Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e

O resgate, de Nicholas Sparks *Julieta,* de Anne Fortier *As regras da sedução,* de Madeline Hunter *O guardião de memórias,* de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do Universo; A vida, o Universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently e O salmão da dúvida,* de Douglas Adams *O nome do vento e O temor do sábio,* de Patrick Rothfuss *A passagem e Os Doze,* de Justin Cronin *A revolta de Atlas e A nascente,* de Ayn Rand *A conspiração franciscana,* de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Para Sempre Minha](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

Table of Contents

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Para Sempre Minha](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)